PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Lorena de Carvalho Oliveira

# ESCONDIDOS NA ESTANTE:
# A Representação Da Homossexualidade Na Literatura Juvenil Brasileira Contemporânea

Belo Horizonte,
2017

Lorena de Carvalho Oliveira

# ESCONDIDOS NA ESTANTE:
## A Representação Da Homossexualidade Na Literatura Juvenil Brasileira Contemporânea

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.ª. Dr.ª Juliana Gonzaga Jayme

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Oliveira, Lorena de Carvalho
O48e Escondidos na estante: a representação da homossexualidade na literatura juvenil brasileira contemporânea / Lorena de Carvalho Oliveira. Belo Horizonte, 2017.
159 f.: il.

Orientadora: Juliana Gonzaga Jayme
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Orientação sexual - Literatura infanto-juvenil. 2. Gêneros literários. 3. Estereótipos (Psicologia social). 4. Relações humanas. 5. Literatura e sociedade. I. Jayme, Juliana Gonzaga. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.181-055.3

Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor.

Lorena De Carvalho Oliveira

**A HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

---

Prof.ª. Dr.ª Juliana Gonzaga Jayme – PUC Minas (Orientadora)

---

Prof.ª. Dr.ª Alessandra Chacham – PUC Minas (Banca Examinadora)

---

Prof.ª. Dr.ª Lucia Facco – UERJ (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 07 de março de 2017.

*A todos os leitores e escritores de literatura juvenil brasileira, em especial aqueles que promovem diversidade LGBTQ.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos jovens que se dispuseram a participar desta pesquisa, que tornaram-na mais alegre e motivadora nas tardes em que nos encontramos para discutir literatura, e que se esforçaram para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Agradeço por terem se aberto e me deixado fazer parte da história de cada um. Um muito obrigada especial ao meu amigo Edvan Saraiva, pela contribuição e paciência ao longo dessa caminhada.

À PUC Minas e ao seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela oportunidade; à CAPES pela viabilidade da pesquisa.

Sou extremamente grata à professora Juliana Jayme pela sabedoria e dedicação à orientação. Seu auxilio e disponibilidade, além da confiança em mim depositada, foram de extrema importância para que este estudo se tornasse real.

À professora Alessandra Chacham pelas observações e sugestões sempre muito bem-vindas, e também pelas importantes reflexões ao longo de suas aulas e contribuições no exame de qualificação.

Agradeço à professora Patrícia McQuade, por ter abraçado e facilitado o estudo. Sem sua contribuição, jamais teríamos conseguido atingir os resultados aqui expostos. Também agradeço ao professor e amigo Leandro Rangel pelo constante incentivo durante toda a minha jornada acadêmica.

Um agradecimento mais que especial à Carolina Crema e ao Mauri Crema, diretores do CEBRAC de Belo Horizonte, por terem me permitido realizar a pesquisa nas dependências da escola, por terem confiado em mim desde o momento da proposta, sem qualquer questionamento, se mostrando tão receptivos e abertos quanto puderam ser. Também devo um muitíssimo obrigada à Rosângela Lacerda pela ajuda durante esses tempos difíceis, por facilitar meu trabalho e estar sempre disposta a flexibilizar meus horários quando necessário!

Sou grata por ter, há mais de dez anos, o companheirismo, amparo e total encorajamento do Felipe Oshiro. Sem sua simples presença, nada disso seria possível.

Aos colegas do programa, por compartilhar inúmeros momentos de diversão e também de seriedade, além das conversas motivacionais e dos inesquecíveis lanches que embalavam nossas tardes de estudo. Em especial, agradeço o companheirismo do amigo Jean Michel, com quem pude trocar experiências e angústias no decorrer desses anos.

Em suma, meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a minha trajetória de formação acadêmica, profissional e pessoal.

“*É preciso sempre ter muito cuidado com os livros e com o que está dentro deles, porque essas palavras têm o poder de mudar nossas vidas.*”

(Cassandra Clare, autora de diversos títulos juvenis best-sellers mundiais. Trecho retirado de seu livro *Anjo Mecânico*, p. 78)

**RESUMO**

Este estudo examina a percepção de jovens, com idade entre 14 e 19 anos, sobre a representação da homossexualidade em romances brasileiros publicados entre 1990 e 2015, destinados ao público juvenil. O objetivo geral é compreender se estereótipos de sexualidade e de gênero são perpetuados na ficção através de tais representações. Isto pois o histórico controle da sexualidade por parte das instituições sociais como a religião, o Estado e a ciência, instituiu como verdadeira, legítima e natural a norma da heterossexualidade, desprezando outras sexualidades e sujeitando práticas discriminatórias entre os indivíduos. A heteronormatividade se propaga no discurso do senso comum limitando e estigmatizando os diferentes à regra, criando no imaginário cotidiano representações estereotipadas. Como produtos culturais tendem a retratar a visão de mundo de uma sociedade, é importante verificar se a literatura, enquanto produção cultural humana, pode ser usada como instrumento de reflexão a respeito dessas verdades impostas, ou se ela somente reproduz a norma sem questioná-la. Para esta reflexão, três livros foram escolhidos e analisados com base nos estudos de gênero e na Teoria das Representações Sociais, posteriormente sendo postos em debate em rodas de conversas com jovens cujo potencial questionador e transformador faz com que possam contribuir com a ruptura desses preconceitos. Assim, a metodologia utilizada foi a das rodas de conversa, que tiveram a intenção de captar os diferentes pontos de vista daqueles que se identificam com outras sexualidades que não a heterossexual, e também dos jovens heterossexuais, a fim de verificar se os textos literários são capazes de provocar reflexões acerca de padrões socialmente construídos. Os resultados da análise de tais debates mostram que os estereótipos sobre a homossexualidade ainda são muito difundidos na literatura juvenil brasileira, bem como a presença de elementos pedagógicos e didatizantes no texto. Os jovens aqui estudados conseguem perceber a importância e também o perigo de tais representações ao identificarem a influência dos produtos culturais na sua geração e nos leitores menos críticos.

Palavras-chave: Gênero. Juventude. Literatura juvenil brasileira. Representação. Homossexualidade.

**ABSTRACT**

This study examines the perception of young people, with ages between 14 and 19, about homosexual representation in Brazilian novels published between 1990 and 2015, destined to a young audience. The main objective is to understand if sexual and gender stereotypes are perpetuated in fiction through these representations. This is because the historical control of sexuality by social institutions such as religion, the State and science, instituted as true, legitimate and natural the heterosexuality rule, despising other sexualities and subjecting discriminatory practices among individuals. The heteronormativity spreads through the common sense's speech limiting and stigmatizing those different to the rule, creating in the daily imaginary stereotyped representations. As cultural products tend to reflect the vision of a society, it is important to verify if the literature, as a human cultural production, can be used as an instrument of reflection about these imposed truths, or if it only reproduces the rule without questioning it. For such, three books were chosen and analyzed based on gender studies and in the Social Representation Theory, then later debated in conversation circles with the youth, whose questioning and transforming potential put them in evidence as they can contribute to the rupture of these prejudices. Therefore, the methodology used were the conversation circles, which had the intention to capture the different points of view of those that identify themselves with sexualities other than the heterosexual, and also of those young heterosexual ones, in order to verify if the literary texts are capable of provoking thoughts about social constructed patterns. The results of the analysis of those debates showed that the homosexual stereotype is still very widespread in Brazilian young adult literature, as well as the presence of educational and didactical elements in its texts. The young people here studied can perceive the importance and also the danger of those representations as they recognize the influence of cultural products in their generation and in less critical readers.

Keywords: Gender. Brazilian young adult literature. Representation. Homosexuality.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Ilustração do livro *O amor não escolhe sexo* ..... p.81

FIGURA 2 – Ilustração do livro *À Procura do Encontro* ..... p.83

**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – característica dos participantes do grupo 1 ..... p.86
QUADRO 2 – característica dos participantes do grupo 2..... p.86
QUADRO 3 – característica dos participantes do grupo 3..... p.87

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EUA – Estados Unidos

GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

LGBTQ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Queer

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**SUMÁRIO**

**Introdução** ..... **13**
**1 – SEXUALIDADE E GÊNERO: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIAS CULTURAIS** ... **21**
**1.1 – Considerações sobre a sexualidade humana** ..... **21**
**1.2 – Entendendo gênero** ..... **27**
**1.3 – A construção da heteronormatividade, heterossexualidade e da homossexualidade** ..... **31**
***1.3.1 – Diversidade sexual e a presença de identidades plurais na sociedade contemporânea*** ..... **37**
**1.4 – Juventude e sexualidade** ..... **39**
**2 – LITERATURA E SOCIEDADE** ..... **47**
**2.1 – Arte, cultura e literatura** ..... **47**
**2.2 – Os livros como objetos sociais** ..... **50**
**2.3 – Os reflexos da vida contemporânea na literatura** ..... **53**
***2.3.1 – Literatura pedagógica x literatura de entretenimento*** ..... ***55***
**2.4 – Personagem, leitor e o "sentimento de verdade"** ..... **57**
***2.4.1 – Representações sociais e a construção de estereótipos*** ..... ***61***
***2.4.2 – A representação da diversidade sexual e de gênero*** ..... ***65***
**2.5 – A literatura juvenil: considerações mercadológicas e conceituais** ..... **68**
**2.6 – A diversidade na literatura contemporânea juvenil brasileira** ..... **71**
**3 – DEBATENDO ESTEREÓTIPOS E HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA** **75**
**3.1 – A seleção nacional** ..... **75**
***3.1.1 – 1990 a 1998: O Amor Não Escolhe Sexo*** ..... ***80***
***3.1.2 – 1999 a 2007: À Procura do Encontro*** ..... ***82***
***3.1.3 – 2008 a 2015: A Garota da Casa Grande*** ..... ***84***
**3.2 – Organizando nossas rodas de conversa** ..... **85**
**3.3 – *O Amor Não Escolhe Sexo* e o debate da década de 1990** ..... **90**
**3.4 – Analisando estereótipos em *À Procura do Encontro*** ..... **106**
**3.5 – A homossexualidade feminina em *A Garota da Casa Grande*** ..... **121**
**3.6 – A necessidade de expansão da literatura nacional** ..... **133**
**Considerações Finais** ..... **139**
**Referências** ..... **147**
**APÊNDICE A – Roteiro De Leitura De O Amor Não Escolhe Sexo** ..... **155**
**APÊNDICE B – Roteiro De Leitura De À Procura do Encontro** ..... **157**
**APÊNDICE C – Roteiro De Leitura De A Garota Da Casa Grande** ..... **159**

# INTRODUÇÃO

Dizem[1] que os livros não mudam o mundo, que quem o muda são as pessoas. Mas os livros mudam as pessoas. Ao retratar uma cultura e uma sociedade, o livro pode ser uma ferramenta de autorreflexão que permite questionar o que entendemos como "normal". Simmel (2006) afirma que cientistas sociais procuram estudar pessoas que interagem e se comunicam em circunstâncias históricas particulares, que produzem um corpo de conhecimento, entendimento e prática partilhados – o que, como Becker (2009b) reforça, é de hábito chamado *cultura*. A literatura — assim como o cinema, o teatro e a música — é um modo artístico e cultural por meio do qual se pode fazer representações da sociedade, pode-se interpretá-la e revelar sua cultura. "Eles traçam representações como elas existem em palavra e imagem e providenciam leituras perspicazes de como e até que ponto essas representações podem desafiar ou confirmar as narrativas hegemônicas"[2] (PEELE, 2011, p.7. Tradução livre[3].).

É por meio da linguagem que nomeamos o outro, que lhe atribuímos uma identidade, seja ela estigmatizada ou não (SILVA, 2007, p. 410). Apesar de fato relativamente recente, a literatura passou a retratar abertamente temas até então camuflados e escondidos por detrás de relações de poder que são formadas por normas definidas por instituições sociais, tais como a religião e o Estado, e que contribuem com relacionamentos desiguais entre as pessoas, pautados em discriminação e preconceito com o pressuposto "diferente".

Nesse sentido, a literatura pode contribuir para a desmistificação de assuntos considerados tabus ou "intratáveis". Vinculá-los a um meio de produção do saber é provocar uma reflexão no leitor, impulsionar questionamentos acerca das representações hegemônicas, incluindo aquelas a respeito das identidades de gênero e da sexualidade. Afinal, a legitimação da heterossexualidade por meio de instituições e de dispositivos que produzem conhecimento às vezes gera a negação de outras formas de sexualidade (SEFTON, 2011; FOUCAULT, 2015).

O controle que existe sobre a sexualidade, feito por grupos e instituições sociais, além de hierarquizar os sexos, também legitima a ideia de que há somente uma forma de sexualidade natural e correta, a heterossexual, e que a norma do sistema de gênero e sexo é o binarismo das relações entre homens e mulheres. A "visão heterossexuada" do mundo limita as relações "naturais" e "normais" às que ocorrem entre homens e mulheres, aceitando outras sexualidades

---

[1] Não há consenso sobre a autoria da frase; ela é atribuída tanto a Caio Graco, político romano do século II a.C., quando a Mario Quintana, poeta brasileiro.

[2] "They chart representations as they exist in word and image and provide insightful readings of how and to what extent those representations might challenge or confirm hegemonic narratives".

[3] Todas as traduções em língua estrangeira foram feitas pela própria autora do presente trabalho.

somente como diferentes e dissidentes (LANG, 2001). A representação da homossexualidade na literatura de entretenimento, contudo, oferece um meio para avaliar a posição das pessoas LGBTQ[4] na sociedade. É também por meio das reflexões oferecidas pelos livros que podemos pensar para além da tolerância, e que a chamada "sexualidade desviante" deixe de ser assinalada como diferente[5] (SOPER, 1992, p. 193).

No presente trabalho será utilizado o termo "homossexualidade" em sincronia com a definição de David Halperin (2000) e a noção moderna que implica tanto expressões quanto sentimentos, de todas as suas muitas formas, entre pessoas que possuem a mesma fisiologia sexual e cujo fenômeno pode ser distinto e separado da "heterossexualidade".

Dito isso, esta pesquisa parte do pressuposto que a literatura auxilia no olhar crítico diante das verdades normativas, das práticas culturais e das relações sociais e de poder que constituem os sujeitos em seus cotidianos. É pressuposto também que a literatura tende a mostrar mudanças ao longo do tempo, que implicam, consequentemente, em alterações de pensamento e comportamento. Incentivando uma ação crítica e questionadora, a ficção pode servir de auxílio e impactar nas práticas principalmente de uma parcela da população que é normalmente envolta em insegurança pessoal, que não se enxerga nem como adulto, nem como criança: os jovens. Aqui será utilizado o conceito sociológico de juventude, que se difere do que convencionalmente se intitula de "adolescência" e que Carla Silva e Roseli Lopes (2009) expõem como "o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social relacionadas com o processo de socialização do sujeito e de aquisição de papéis sociais", e que enxerga o indivíduo como reflexo das estruturas e processos sociais, históricos e culturais (SILVA e LOPES, 2009, p.88). Os jovens deste estudo possuem entre 14 e 19 anos de idade, compreendendo o critério de adolescência da OMS, da juventude da ONU e também a classificação do Estatuto da Criança e do Adolescente — ECA — e serão chamados aqui somente de jovens.

A juventude é a fase em que a sexualidade é exacerbada em sua socialização, despertando curiosidades e incentivando descobertas (COSTA et al, 2001). A produção literária destinada aos jovens surge como uma necessidade de ajuda-los a se constituírem como parte da sociedade em que se inserem, formando-os cidadãos (SILVA, 2007, p. 404). Ao falar sua

---

[4] Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, trans e queers. Originalmente em concordância com as ideias de James Dawson (2015), a sigla usaria um asterisco como símbolo para indicar *queer*, pessoas que não se definem sob um único rótulo e não se encaixam em padrões heteronormativos (LGBT*). Porém, o uso da letra Q ao final parte dos mesmos pressupostos e é uma forma mais usada, e será a adotada nesta pesquisa. O mais comum, contudo, é LGBT sem o asterisco e sem o Q.

[5] "En otras palabras, creo que aspiramos a lograr una situación en la que la llamada sexualidad desviada no sea solamente tolerada, sino que deje de ser marcada como diferente".

linguagem, os textos podem se mostrar dispostos a atender seus interesses, representar sentimentos e questões que os afligem. Eles podem influenciar significativamente a vida dos leitores por meio de seus personagens e de suas representações ficcionais.

O objetivo principal deste estudo, assim, é analisar a interpretação dos jovens a respeito das representações de identidades homossexuais na literatura contemporânea juvenil brasileira, a fim de identificar se tais representações reforçam ou superam estereótipos de gênero e em relação às sexualidades dissidentes, com foco na homossexualidade.

Aqui, conceitua-se "literatura juvenil" somente para fins didáticos, considerando os livros que possuem protagonistas cuja idade se assemelha à do leitor, ou seja, entre 14 e 19 anos, o que pode servir de elemento de ligação e empatia, facilitando o debate. Vale dizer, ainda, que a literatura é seccionada em categorias mais por fins de mercado e público-alvo do que efetivamente por enredo das obras, e que não é intuito do trabalho discutir tais classificações.

A metodologia utilizada neste estudo das percepções dos jovens leitores foi predominantemente qualitativa, já que a pesquisa se volta para as representações, percepções, interpretações e significados dados pelos indivíduos em um determinado momento, sendo a metodologia qualitativa considerada mais efetiva para essa compreensão, visto que não há a intenção de quantificar comportamentos (RIBEIRO, 2008; GROULX, 2012). No mapeamento das obras literárias, porém, foram empregados métodos quantitativos para estimar quantas foram as publicações juvenis brasileiras entre o período selecionado.

Num primeiro momento, foi feita uma revisão da literatura sobre as relações de gênero, a sexualidade e o debate sobre estereótipos e papéis social e sexualmente construídos. Simultaneamente, foram catalogadas as obras juvenis brasileiras publicadas fisicamente por editoras[6] entre 1990 e 2015, classificadas como juvenis, e que contenham personagens na faixa dos 14 aos 19 anos de idade que escapam à heteronormatividade.

Como estamos tratando de livros contemporâneos, o período escolhido vem em concordância com tal termo e também tendo em vista as mudanças observadas nos processos e pressupostos teórico-metodológicos das ciências sociais. De acordo com Paulo Alves (2010), as décadas de 1970 e 1980 são conhecidas pelas transformações internas no campo, culminando no que alguns estudiosos chamam de "novas sociologias" e que representam um momento de

[6] Foram usadas somente obras físicas (excluem-se portanto os e-books) que foram publicadas por editoras, pois existem ainda as auto-publicações, publicações independentes e as publicações sob demanda, que não foram contempladas no mapeamento por serem de difícil acesso. Os e-books não foram utilizados na pesquisa pelo mesmo motivo de pouca acessibilidade e por terem adentrado o mercado brasileiro há pouco tempo.

ruptura e formação de uma nova etapa sociológica embasada na multidisciplinariedade. O autor aponta que a expansão de novas áreas de pesquisa e a ênfase nessa multidisciplinariedade questionou muitos dos pressupostos vigentes e diluiu as fronteiras teóricas, adaptando os estudos sociológicos ao pluralismo dinâmico, possibilitando as trocas multidisciplinares entre sociologia e filosofia, história, psicologia, linguística e, como demonstrado neste trabalho, o campo das letras. Na virada da década de 1990, tais transformações já se tornavam mais visíveis, portanto tal foi nossa base para esta pesquisa (ALVES, 2010).

O período foi selecionado também por uma questão mais prática: é difícil encontrarmos livros juvenis nacionais que ainda estejam em comercialização e tenham sido publicados antes de 1990. Dentre os existentes, não foi encontrado nenhum que possui personagens que escapam à heteronormatividade, o que pode, inclusive, nos dizer muito a respeito do nosso mercado.

O mapeamento foi seccionado em três momentos somente pelo fato de abarcarem a mesma quantidade de anos entre um e outro, sendo então mais fácil visualizar o número de obras publicadas em tais períodos simétricos. São eles: entre 1990 e 1998, entre 1999 e 2007, e entre 2008 e 2015 – tendo, portanto, uma chave de oito anos em cada período.

O mapeamento das obras nacionais classificadas como literatura juvenil foi realizado a partir do contato com editoras brasileiras, autores, grupos de leitores em redes sociais online, e também por aplicativos como o Skoob[7]. Dentre os títulos juvenis publicados entre 1990 e 2015, foram encontrados 63 livros que possuem personagens não-heterossexuais e o maior número se concentra no período mais contemporâneo, entre 2008 e 2015. Outro dado significativo levantado foi a proporção de personagens femininas e masculinas. Dentre os 62 livros, somente 17 possuem como personagem alguma garota lésbicas, bissexual, ou mesmo trans. Os 45 restantes trazem, basicamente, garotos homossexuais. Ou seja, dos que retratam personagens não-heterossexuais, 72% da produção juvenil brasileira contemporânea se concentra em falar de homossexualidade masculina.

Para a análise, foram selecionados três desses livros, um de cada período delimitado. Em suma, a seleção ocorreu pelos seguintes critérios: a relevância do(s) personagem(ns) de interesse neste estudo para o enredo do livro; a acessibilidade do livro; e seu número de páginas, já que deveriam ser lidos pelos participantes num curto período de tempo.

Foram escolhidos dois livros que contêm personagens homossexuais masculinos, e um feminino, assim respeitando a proporção encontrada nas publicações. Foram eles: *O amor não*

---

[7] http://skoob.com.br. Rede social para leitores do Brasil, que funciona como uma estante virtual, onde há a possibilidade de consultar todos os livros catalogados, lidos e desejados pelos usuários e editoras nacionais e internacionais.

*escolhe sexo*, de Giselda Laporta (1997), *À Procura do Encontro*, de Cristine Baptista (2000), e *A garota da casa grande*, de Amanda Marchi (2013).

*O amor não escolhe sexo*, publicado em 1997, foi escrito pela jornalista Giselda Laporta, autora de mais de cem títulos infantis e juvenis. Muitas de suas obras abordam temas que ajudam a combater o preconceito contra minorias, incluindo LGBTQs. Nesse livro, acompanhamos Marco Aurélio e Gislaine, Cristiano e Tamires, dois casais de adolescentes aparentemente apaixonados que tentam resistir às pressões de suas personalidades e preferências distintas, com medo de sucumbir aos estigmas.

*À Procura do Encontro* data de 2000, ilustrado por Mauricio Negro e escrito por Cristine Baptista, formada em Letras e especialista em literatura infanto-juvenil pela UFRJ. A história trata da vida de Gabriel que, como muitos adolescentes, tem diferentes dúvidas e curiosidades, sendo que uma delas é sobre sua identidade sexual. Ele angustia-se com a escolha de seu caminho, com medo de deixar de ser amado, de não ser mais respeitado e de magoar seus entes queridos.

Amanda Marchi tinha 18 anos quando escreveu *A garota da casa grande*, seu livro de estreia publicado em 2013. Ele é narrado por sua personagem principal, Georgia, que está de férias na casa de sua avó em uma cidade pequena. Lá, ela conhece Alice e as duas se empenham na luta contra o preconceito do interior e de si mesmas.

Foi feita a leitura e um estudo analítico prévio dos livros escolhidos com base na literatura especializada aqui exposta para que pudessem ser trabalhadas questões sobre representações e identificação. Assim, como objetivos específicos, pretendeu-se identificar a presença de personagens LGBTQ no cenário literário nacional; e a análise, de forma geral, da construção desses personagens e dos enredos das ficções literárias selecionadas, identificando a presença ou não de estereótipos sexuais e de gênero na escrita, bem como a incitação ou questionamento de preconceitos.

Não é intuito deste trabalho, porém, focar na análise linguística ou literária da narrativa, muito menos de contar as histórias dos livros em sua totalidade, para não tornar a leitura demasiado longa e/ou cansativa, mas principalmente para despertar o interesse em buscar o texto original.

Em seguida, foi elaborado um roteiro de questões que seriam debatidas nas rodas de conversa, método que permite interação direta entre os jovens selecionados. Nesse sentido, foi necessário utilizar uma técnica que nos aproximasse dos sujeitos pesquisados, que permitisse conhecê-los e interpretar sua recepção, estimulando o debate sobre as obras literárias selecionadas. Similar à técnica do grupo focal, as rodas de conversa proporcionam espaço para

a manifestação de diferentes vozes e opiniões sobre um assunto de interesse comum – no caso, os livros da pesquisa. Os debates realizados a partir dessa técnica priorizam discussões acerca de uma temática específica e instigam os participantes a se posicionar e ouvir, num exercício de "pensar compartilhado", que possibilita a reflexão (GASKEL, 2002).

Assim, a pesquisadora tomou para si o papel de mediadora e, ao incitar o debate, ofereceu a oportunidade de captar informações de qualidade, além de que "o fato de se encontrar um grupo de iguais dá mais segurança ao participante para expressão de suas opiniões, com respostas mais espontâneas e genuínas" (GOMES, 2005, p. 281). Além disso, como parte deste estudo se refere às representações em textos literários, e elas constituem-se na forma como um grupo e o indivíduo interpretam e se apropriam do mundo ao seu redor, as rodas de conversa se revelaram um bom instrumento para observar e analisar atitudes, pensamentos e sentimentos dos participantes. Buscou-se não um consenso entre suas opiniões, mas um confronto saudável e flexível, motivando a reflexão por meio da problematização e socialização, da troca de experiências e de conhecimentos através de uma participação igualitária (DUARTE, 2007; AFONSO E ABADE, 2008).

Foram formados três grupos com jovens de idades entre 14 e 19 anos. Todos foram heterogêneos quanto ao gênero, sexualidade, classe social e raça dos participantes, para que opiniões diferentes fossem relatadas de cada segmento sobre o objeto de estudo (GOMES, 2005). Os jovens também fizeram a leitura prévia dos livros selecionados para a realização dos debates – portanto, a seleção também contou com o interesse nessa leitura e contribuição com a pesquisa.

Como também é intenção desta pesquisa investigar se a literatura contribui como espaço de subversão e reformulação das fronteiras e verdades pré-construídas em relação à diversidade sexual e de gênero, a pergunta que norteou os debates entre os jovens foi: os livros são capazes de colocar em suspenso o que é tido como natural e comum, ampliando o leque de oportunidades para outras escritas, diálogos e práticas, num embasamento que prevê a pluralidade?

As discussões tiveram o propósito de verificar como determinadas tramas são recebidas numa realidade específica e situacional. Deste modo, assegurou-se um espaço interacional no qual os participantes, incluindo quem pesquisa, puderam refletir sobre os textos, facilitando a construção de novos conceitos que, posteriormente, podem impulsionar mudanças de atitude e pensamento. Nesse sentido, a roda de conversa também facilita a interação entre pesquisador e participantes e permite que o pesquisador intervenha, coopere e participe, permitindo a investigação de sua própria prática de maneira crítica e reflexiva (ENGEL, 2000).

Como o problema analisado foi verificar se os textos selecionados são capazes de provocar uma reflexão sobre o que é tido como natural e comum, e se contribuem para um questionamento de preconceitos, os encontros se tornaram um momento de aprendizagem para todos os presentes. As rodas de conversa, assim, foram utilizadas como recurso para compreender as percepções dos jovens e suas práticas, servindo para melhorar tanto sua compreensão quanto sujeita-las à mudanças.

A pesquisa se mostra relevante na medida em que estudos focados no público leitor e sua relação com as obras estão presentes no campo da literatura, mas muito pouco no campo da sociologia. O enfoque dado à interação social dos leitores através da percepção que eles adquirem pela leitura das obras pode ser objeto de amplas e ricas possibilidades de investigação. Ademais, tradicionalmente, o consumo de produtos culturais – sejam livros, filmes, música etc. –, de modo geral, é endereçado ao público heterossexual dominante, visto que as imagens produzidas e reproduzidas são aquelas com as quais esse público se identifica (PORFIDO, 2011, p.67).

Em suma, este trabalho propõe contemplar não só a representatividade de uma parcela da população que é historicamente marginalizada, mas também trazer ao foco a assim denominada "literatura juvenil", e os próprios jovens, por acreditar que esse público é capaz de contribuir positivamente para a compreensão e aceitação das diferenças que permeiam o social. É importante analisar a literatura juvenil brasileira produzida nas últimas décadas para verificar *se* e *como* ocorrem as representações de gênero e de diversidade sexual, se elas se alteraram com o passar dos anos, e como os jovens percebem (ou não) essa alteração.

A estrutura da dissertação toma o seguinte caminho: primeiro, um debate histórico do estudo sobre sexualidade, incorporando o surgimento do conceito de gênero, de heteronormatividade, heterossexualidade e da homossexualidade, além da discussão sobre sexualidade na juventude. Faz-se, no capítulo seguinte, um breve panorama da evolução histórica do campo de estudo da sociologia da literatura, uma exposição da ampliação da representação no meio literário, e discute-se, assim, como e se a literatura lida com representações sexuais e de gênero, sobretudo a homossexualidade. Ao final desse segundo capítulo, faz-se um esclarecimento sobre a conceituação de literatura juvenil e a evolução do mercado editorial brasileiro destinado aos jovens leitores.

O terceiro e último capítulo inicia-se com a apresentação do mapeamento sobre a presença de personagens, obras e temas de diversidade sexual e de gênero na literatura nacional para jovens, acompanhada de uma resumida análise dos livros selecionados. Segue-se a apresentação dos grupos focais formados e a análise das discussões apresentadas pelos jovens.

As considerações finais pretendem evidenciar que o tema foi examinado por meio das experiências subjetivas dos participantes, visando a confirmação das hipóteses levantadas e a avaliação da teoria revisada, promovendo abertura para refletir sobre uma possível transformação do imaginário e dos modelos e convenções que o regulam por meio de instâncias culturais como os livros.

# 1 – SEXUALIDADE E GÊNERO: FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIAS CULTURAIS

Neste capítulo, a discussão se volta para o campo de estudo da sexualidade humana, inclusive com a apresentação de conceitos como heteronormatividade, heterossexualidade e homossexualidade, além de uma reflexão sobre a sexualidade na juventude.

## 1.1 – Considerações sobre a sexualidade humana

É comum, ainda hoje, certo estranhamento em relação à ideia de sexualidade humana. Gayle Rubin (1984) comenta que o assunto parece sem importância diante de problemas "mais graves", como as guerras ou a fome. Tratar de sexualidade, contudo, é lidar com o comportamento humano, com conflitos de interesse e também com política, além de outros aspectos relevantes para a compreensão do desenvolvimento das sociedades.

O termo "sexualidade" é associado ao sexo, cujo conceito flutua dependendo do contexto: pode significar tanto uma prática, reprodutora ou não ("fazer sexo"), quanto as características fisiológicas e biológicas que agrupam e definem os seres de acordo com traços de seus corpos (aparelhos reprodutores), atitudes e comportamentos (VALE DE ALMEIDA, 1995; STEARNS, 2010). Mais que isso, sexo também nos conecta aos prazeres do corpo, ao desejo e à satisfação que são parte de impulsos muitas vezes considerados "animalescos", por nos ligar aos instintos naturais mais básicos encontrados nos animais, embora saibamos que nos seres humanos a sexualidade envolve outras questões além do desejo. Nós temos características diferentes, entre elas a capacidade de fomentar e estimular o prazer sexual através de inúmeras zonas erógenas do corpo, de poder realizar atividades sexuais sem depender de períodos específicos do ano, de se atrair sexual e afetivamente, e de compreender aspectos sobre o corpo e seu uso através da experimentação (STEARNS, 2010).

Mudanças significativas na conduta sexual das pessoas foram observadas a partir de alterações de maior escala – na economia e na religião, por exemplo. Ao longo dos anos, houve grandes variações no pensamento sobre a sexualidade, marcadas principalmente por transformações na maneira de interpretar o "corpo, o próprio sexo, a reprodução, a identidade individual e as emoções" (VALE DE ALMEIDA, 1995, p.73). A reação a tais mudanças ao longo da história envolve também modificações de comportamentos, de ideias subjetivas sobre aprovação e desaprovação, e nas maneiras particulares de ver o corpo (STEARNS, 2010). Assim, como Laqueur (2001) corrobora, podemos dizer que a relação do ser humano com o sexo é algo contextual, improvável de ser isolada do meio discursivo e social em que este se

encontra: ela é produto de um momento histórico e cultural específico (LAQUEUR, 2001, p.27).

De maneira geral, têm-se conhecimento de que, mesmo nos agrupamentos humanos mais antigos, já havia restrições e limitações quanto às atividades sexuais. Na medida em que os tais “impulsos animalescos” nos ultrapassam, então o percebemos como perigoso, criamos regras para controlá-lo em prol do bem-estar, da regulação da espécie e da organização em sociedade (STEARNS, 2010, p.21). Para Foucault (2015), essas regras são construídas a partir de estratégias de desenvolvimento de dispositivos de saber-poder sobre o sexo e a sexualidade. O autor diferencia o dispositivo da aliança — mais vinculado a um sistema binário de regras, do tipo proibido e permitido — e o dispositivo da sexualidade, que funciona com técnicas mais polimorfas de poder.

> ... se o dispositivo de aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo da sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal — corpo que produz e consome. (...) O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser (...) o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 2015, p. 116).

Stolcke (1991) ressalta a importância e a necessidade de distinguirmos o termo “sexo” de “sexualidade” (e, posteriormente, de gênero), inferindo suas variações culturais e históricas. “Sexo”, como ela pontua, diz respeito aos fatores biológicos “de a pessoa ser fêmea ou macho”, e a “sexualidade” está ligada às preferências de relacionamentos afetivos e comportamentos sexuais (STOLCKE, 1991, p.103). Houve mudanças em relação a essa ideia, principalmente com as discussões de gênero que serão tratadas nos tópicos seguinte, mas é importante expor este primeiro pensamento de Stolcke e revê-lo mais adiante. O conceito de sexualidade usado neste estudo, entretanto, não diz respeito somente à reprodução da espécie, é “o conjunto das maneiras as mais diversas de relacionamento das pessoas enquanto seres sexuados, com outros seres também sexuados, em intercâmbios que, como tudo o que é humano, são ações e práticas carregadas de sentido” (BARBIERI, 1993, p.7).

Algumas instituições sociais, mais notadamente o Estado e a religião, tratam de assuntos como o casamento e a família não como questão da esfera pessoal, mas sim como assuntos que dizem respeito às esferas social e política. Falar sobre sexo significa também falar sobre a regulação das populações, sobre as instituições que funcionam como aparelhos reguladores. Assim sendo, empenhou-se mais na efetivação dessas regras coletivas sobre o sexo, com a

construção de múltiplos discursos nas relações de poder que dão forma ao conhecimento e também funcionam como imperativos sobre a sexualidade humana (FOUCALT, 2015, p.106).

> A nova exaltação do celibato, particularmente no cristianismo e no budismo, foi o sinal mais notável dessa reorientação, mas diversas outras medidas regulatórias foram implementadas com direção similar, acentuando a noção de que o sexo era, ou poderia ser, um perigo para os valores humanos decorosos. (STEARNS, 2010, p.76)

O perigo era tanto que o comprometimento se deu principalmente na criação de padrões, modelos de conduta e caminhos a serem seguidos. Portanto, a religião foi um dos primeiros motores dessa transformação de como os seres humanos passaram a enxergar e a controlar o sexo e a sexualidade. Religião e sexualidade sempre estiveram intimamente ligadas, e ela foi responsável por "novos tipos de desaprovação pública ou culpas privadas, dotadas de realidades próprias capazes de afetar o comportamento pelo menos de algumas pessoas" (STEARNS, 2010, p.106). Vários dos ideais cultivados na época do advento das grandes religiões (judaísmo, hinduísmo, budismo, cristianismo e islamismo), antes do século XVI, inclusive, permeiam nossa vida até hoje.

A violação dos padrões estabelecidos por essa instituição podia ser considerada, entre outras coisas, um crime contra Deus, punível de diversas maneiras de acordo com o grau do delito. Posteriormente, ultrapassando a esfera religiosa, governos foram incentivados para que incluíssem penalidades legais caso houvesse infração das regras de comportamento sexual – inclusive a pena de morte, punição que ainda persiste em alguns Estados no século XXI (STEARNS, 2010). Stearns (2010) ainda declara que, ao longo da história, foi crescente a dedicação de impor limites e normatizar a sexualidade humana, principalmente na medida em que as sociedades se organizavam melhor. Elas aplicavam à esfera sexual muito do "rigor organizacional" que fomentava a vida pública (STEARNS, 2010, p.73).

Assim, desde o século XV, vemos que a sexualidade sempre causou conflitos a respeito dos padrões e do rigor com que tais normas devem ser aplicadas na prática. Em suma, Stearns (2010) afirma que "todas as sociedades geraram algumas regras ou valores sexuais passíveis de objeção por parte de outras sociedades", o que nos remete à ideia de que cada uma se responsabilizou pela criação e assentamento de tais preceitos com base em suas próprias culturas (STEARNS, 2010, p.77).

Essa ideia vai ao encontro do que Rubin (1984) expressa sobre o "sistema de sexo e gênero": "o que interessa em matéria de sexo é igualmente determinado e obtido culturalmente – toda sociedade tem um sistema de sexo/gênero: um sistema que molda pela intervenção humana e social a matéria-prima biológica do sexo e da procriação" (RUBIN, 1984, p.5). O

fato de algumas dessas convenções serem consideradas estranhas de certos pontos de vista revela que a sexualidade é expressa por intermédio da cultura. “É preciso aceitar que sempre existiram regras quanto ao amor sexual... Ao examinar essas regras, constatamos que algumas são inteiramente arbitrárias e irracionais” (MASTERS e JOHNSON, apud STEARNS, 2010, p. 247).

Ao justificar tais intervenções em nome de uma “ordem universal, natural e imutável”, as normas que a regulam escondem o fato de que são, na verdade, construções sociais. A sexualidade é um atributo singular e complexo do ser humano, e, como lembra Laqueur (2001, p. 24), é também, um produto nada “natural”.

Desse modo, como Foucault (2015) adverte, a ideia da sexualidade como entendemos hoje é uma elaboração própria do ocidente, formada por meio de um conjunto heterogêneo de saberes, práticas, organizações e instituições em um contexto específico, que incitam discursos e formulam conhecimentos, reforçando o controle através do poder e do saber. Em outras palavras, um “dispositivo histórico” que, a partir do século XVII, passa a ser estudado como parte da ciência (FOUCAULT, 2015; BARBIERI, 1993; SEFTON, 2011).

> Dispomos hoje de um acervo de conhecimentos sobre a historicidade das formas do relacionamento sexual e reprodução que deixam muito em evidência as construções de sentido ao seu redor, essas sim sociais e culturais: ideias e representações coletivas a respeito do corpo de homens e mulheres, das relações sexuais, da fecundação, dos sentimentos, das normatizações extremamente díspares através das quais os corpos são submetidos, dos controles que certos indivíduos, grupos e instituições exercem (BARBIERI, 1993, p.7-8).

Já no século XIX, a sexualidade recebe mais atenção, transforma-se em objeto de estudo, principalmente da medicina. Com o advento do Iluminismo a religião foi deixada de lado nas explicações causais da vida humana, como a reprodução e a concepção, e a racionalidade permitiu que a psicanálise, por exemplo, assumisse o terreno da moral, organizando, reforçando e legitimando certos discursos sobre a sexualidade (FOUCAULT, 2015).

A discussão a respeito do tema permitiu institucionalizá-lo, regulá-lo e torná-lo alvo de intervenção constante, sendo, assim, assunto de instâncias normativas que elucidam quais as práticas seriam consideradas adequadas ou não. Surgiram “especialistas”, principalmente da área da saúde, que se tornaram autoridades no assunto, assumindo a responsabilidade, inclusive, de instituir padrões e leis que legitimavam certa repressão sexual (STEARNS, 2010). O sexo foi transformado num domínio especializado do conhecimento científico e também num mecanismo de poder, de administração da vida individual e coletiva.

> Essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo. E tanto mais longo, sem dúvida, quanto o que é próprio do poder – e, ainda mais, de um poder como esse que funciona em nossa sociedade – é ser repressivo e reprimir com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares (FOUCAULT, 2015, p.14-15).

As relações de poder estabelecidas pelas normativas ditadas pelas instituições sociais acabaram se constituindo em modelos de como as coisas "devem ser", como os sujeitos devem agir, culminando na naturalização desses princípios construídos (SEFTON, 2011). Dessa forma, regras produzidas pelos seres humanos em contextos específicos são justificadas, adotadas e transmitidas como se existissem independentemente da ação humana, como imperativos inevitáveis, impossíveis de serem combatidos ou modificados. Essas regras construídas se cristalizam de forma a parecerem naturais e permanentes (BUTLER, 2016). Afinal, "pensar que algo é natural é crer que é imutável"[8] (LAMAS, 1999, p. 170).

Esta naturalização reprime e condena comportamentos que escapam à norma, desempenhando importante papel na reprodução da sociedade de classes, qual seja, aquele que coloca as diferenças sexuais como especialmente importante (STOLCKE, 1991, p.103). Laqueur (2001) chama atenção para o fato de que a história trabalhou para "racionalizar e legitimar" tais diferenças, mas não somente as relacionadas ao sexo, como também as de raça e classe. Mais que isso: o trabalho se estendeu também para criar desvantagens aos destituídos de poder (LAQUEUR, 2001, p.32) e também para instituir uma hierarquia baseada no gênero e aceitável socialmente, na qual mulheres acabam subordinadas aos homens (RUBIN, 1984). A compreensão da existência dessa hierarquia é fundamental para entendermos os processos e pensamentos que permeiam os estudos de gênero, que serão tratados nos tópicos seguintes.

Foucault expressa que "é de se esperar, portanto, que os efeitos dessa liberação a respeito desse poder repressivo demorem a se manifestar" (FOUCAULT, 2015, p. 15). Falar de sexo e de sexualidade, e aceitá-la como parte integrante de várias esferas da vida humana, pode nos ser ainda estranho e, também por isso, despertar curiosidade, pois reflete um discurso de toda uma história restritiva, hoje milenar. O que Miguel Vale de Almeida (1995) chama de "domesticação da vida social, de normalização dos espaços e de moralização da população" é um sistema que surgiu como forma de "canalizar desejos" e que normatiza comportamentos até hoje (VALE DE ALMEIDA, 1995, p.85).

A formação fisiológica do ser humano, portanto, não é a única motivadora de comportamentos sexuais ou das desigualdades e opressões sociais vividas por certos grupos de

[8] "Pensar que algo es natural es creer que es inmutable".

pessoas (mulheres, homossexuais, negros etc.); esses comportamentos podem não se manifestar de maneira similar justamente por se tratar de algo relacionado à construção sociocultural das regras de conduta (sexuais) de determinada sociedade num contexto específico. Essas regras têm por definição a tarefa de encaixar os indivíduos ao que se instituiu como "natural" e "certo", e muitas vezes também "naturalizam" ideologicamente tais desigualdades sociais (STOLCKE, 1991). Em outras palavras, isso significa que a sexualidade humana não pode ser entendida em termos puramente biológicos, pois é algo que se constitui na sociedade e na história (RUBIN, 1984).

Deste modo, a segunda motivadora de transformações no pensamento sobre a sexualidade foi a ciência, que passou a ditar e condicionar padrões de comportamento, criando "desvios" e enxergando "anormalidades". O que Foucault (2015) chama de *scentia sexualis* fez mais que isso: caçou também as "sexualidades periféricas", provocando a "incorporação das perversões e nova especificação do indivíduo" (FOUCAULT, 2015, p.47), criando categorias que se negam e se hierarquizam: ciência/natureza, homem/mulher, heterossexual/homossexual. A desmedida vontade de saber sustentou o discurso da ciência no ocidente, construindo em torno do sexo e da sexualidade "verdades" e "princípios", mascarando o poder infiltrado em tais discursos. Assim, "a história de sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos" (FOUCAULT, 2015, p. 77). Mais que isso, a sexualidade e sua história estão sempre sendo produzidas através de tais discursos.

Miguel Vale de Almeida (1995) reforça que esses discursos que instituem algo como "natural" às vezes articulam três pontos distintos e que merecem atenção: o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual. O sexo biológico primeiro diz respeito às diferenças fisiológicas e reprodutivas presentes nos corpos dos seres humanos. A identidade de gênero, ao modo de ser e ao pertencimento a um ou outro gênero, normalmente encaixando-se no binarismo "masculino" ou "feminino". A orientação sexual foca nos relacionamentos sentimentais e nos vínculos atrativos entre as pessoas.

Os três aspectos – sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual – são "naturalmente" abarcados sob o guarda-chuva da sexualidade, mesmo que a articulação envolva misturar questões físicas, mentais, sociais, culturais e políticas mais amplas, que englobam até mesmo códigos morais e legais.

Assim, as três esferas agrupam competências que só são eficazes quando imbuídas de significações históricas e culturais variáveis. Portanto, Stolcke (1991), que como vimos separa "sexo" como fatores biológicos e "sexualidade" ligada ao comportamento, conclui que os ditos

“fatos naturais” se revelaram como sendo “formulações culturais” (STOLCKE, 1991). Os comportamentos podem, então, ultrapassar a mera diferença biológica, já que são construções sociais (BARBIERI, 1993). Essa observação só foi possível na medida em que a sexualidade passou a ser estudada e discutida de maneira mais ampla, sem se ater a preceitos regulatórios institucionalizados.

> [O debate sobre a sexualidade] ajudou a dividir as classes sociais. Inspirou aspectos fundamentais da educação dos filhos nas classes médias. Desempenhou papel crucial nas definições de gênero, estabelecendo diversas restrições para as ‘mulheres respeitáveis’, bem como padrões difíceis também para os homens, que muitas vezes eram obrigados a, simultaneamente, mostrar refreamento no âmbito da sua própria classe e, de outras maneiras, dar mostras de capacidade de façanha sexuais. (...) O debate claramente informou o movimento feminista, que ganhava corpo no final do século XIX (STEARNS, 2010, p. 171-172).

A seguir será discutido esse movimento, e como a teoria feminista tem tratado a construção social das diferenças sexuais e a importância conferida às hierarquias de gênero.

## 1.2 – Entendendo gênero

O conceito de “gênero” está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista contemporâneo, às suas lutas sociais e políticas em contextos e áreas específicas. Sendo assim, é importante entender seu processo de formação e desenvolvimento para que o significado do termo seja mais bem compreendido.

No período entre 1860 e 1920, um forte ativismo feminino questionava o domínio político-social por parte da burguesia, em especial pelos homens, particularmente em relação ao direito de voto. Esse ativismo recebeu o nome de “movimento das sufragistas” e conquistou grande visibilidade através de manifestações, buscando estender o direito do voto às mulheres (LOURO, 2008).

Não só o direito ao voto, no entanto, estava em pauta. Conhecido como a “Primeira Onda”[9] dos movimentos feministas, o sufragismo reivindicava também às mulheres o trabalho remunerado, o direito à propriedade e à guarda dos filhos, além de oportunidades de estudo e de exercer determinadas profissões. O ativismo foi responsável por denunciar publicamente a opressão das mulheres. Porém, o alcance das metas traçadas, embora circunscrito a alguns países, foi seguido de uma certa acomodação no movimento (LOURO, 2008, p. 15).

---

[9] O movimento feminista é mais bem compreendido na academia por meio da divisão, histórica e didática, em “ondas”. Por conseguinte, tratarei de abordá-lo utilizando tal expressão.

A "Segunda Onda" feminista veio a ocorrer somente no final da década de 1960, principalmente nos Estados Unidos e na França, quando, além das preocupações sociais e políticas, as ativistas contribuíram academicamente com produções teóricas que tinham por base geral a rejeição aos essencialismos biológicos e a busca pela origem da opressão denunciada na primeira onda. Simone De Beauvoir (1970), precursora da discussão no período, colocava em xeque o “destino feminino”, ligado à biologia, à psique e à economia, que definiria a forma que a “fêmea humana” assume na sociedade, evidenciando que a civilização é que elabora essas distinções entre macho e fêmea. Beauvoir lança, então, a primeira ideia de que a notada dominação masculina, denunciada na Primeira Onda, não se encontrava justificada em questões biológicas, mas sim sociais.

Enquanto movimento social e político, o feminismo volta na Segunda Onda para expressar resistência e insatisfação aos modelos construídos e legitimados pelas instituições mencionadas no tópico anterior, e que estão mediados por relações de poder (FOUCAULT, 2015). Ele faz parte dos “novos movimentos sociais”, que vieram à tona na década de 1960 – os movimentos estudantis, os de luta por direitos civis, os revolucionários do “Terceiro Mundo” e os movimentos pela paz completam o conjunto (HALL, 2006).

No contexto desses movimentos, na academia e também na militância, foi articulado e problematizado o conceito de gênero, que pretende desafiar o princípio essencialista e universalista de que “a biologia é o destino". Desta maneira, o conceito supera o reducionismo biológico, abrindo a possibilidade de interpretar as relações entre homens e mulheres por meio de formulações culturais e sociais, diferentemente do que havia sido feito até então (LOURO, 2008; STOLCKE, 1991). O termo foi introduzido como categoria de análise dessas relações num momento posterior, já na década de 1980, mas carregava a premissa de Beauvoir e outras teóricas feministas.

> Nos anos setenta, a pesquisa feminista havia demonstrado que aquilo que então se chamava papéis sexuais variava amplamente em termos transculturais. Desse modo, eles não podiam ser simplesmente reduzidos ao inevitável fato natural e universal das diferenças de sexo (STOLCKE, 1991, p.103).

Gênero, assim, passou a ser usado como ferramenta teórica e política ao se referir às formulações socioculturais em relação ao sexo, e às relações de poder incutidas nas regras que controlam, entre outras coisas, a sexualidade humana. O termo ocupou o lugar da palavra “sexo” justamente para esclarecer que as diferenças de comportamento entre as pessoas não dependem da sua biologia, da sua constituição física, mas da sua formação cultural particular. Nas palavras de Nicholson (2000, p. 9), para “descrever o que é socialmente construído, em

oposição ao que é biologicamente dado". Ou seja, "o gênero é o sexo socialmente construído" (BARBIERI, 1993, p.4), é "a divisão dos sexos imposta socialmente" (RUBIN, 1984, p.11). Ele é essencial para compreender como são erguidas e rotuladas as diferenças entre as pessoas, pois evidencia o tratamento diferenciado que a sociedade atribui aos grupos sociais distintos que a compõe (MOORE, 1997). Como Haraway (2004) nos lembra, isso faz parte da história política das palavras (HARAWAY, 2004, p. 209).

> As feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. A conexão com a gramática é ao mesmo tempo explícita e cheia de possibilidades inexploradas. Explícita, porque o uso gramatical implica em regras que decorrem da designação do masculino ou feminino; cheia de possibilidades inexploradas, porque em vários idiomas indo-europeus existe uma terceira categoria – o sexo indefinido ou neutro. Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados (SCOTT, 1990, p.1).

Observa-se que as teorias feministas tentam articular a opressão em relação às mulheres em culturas nas quais as diferenças entre sexo e gênero são nítidas e marcantes, relacionando-a a uma série de "pares de oposições" e classificações que surgiram, em boa parte, por meio do discurso científico, tais como: natureza/cultura, público/privado. Sob essa ótica, "masculino" e "feminino" também são qualificados como opostos, mutuamente excludentes na medida em que suas diferenças biológicas são acentuadas (RUBIN, 1984). A oposição heterossexual/homossexual também vigora nesse discurso, e a afirmação constante dessas noções por uma extensa rede de relações de poder produz desigualdades e hierarquias, e ainda acentua a ideia de uma sexualidade binária (PEDRO e VERAS, 2015; HARAWAY, 2004; BARBIERI, 1993; FOUCAULT, 2015; VALE DE ALMEIDA, 1996).

> O campo de estudos do gênero constitui cada vez mais um "gênero", no sentido literário do termo, dentro da antropologia. Como tal, é uma área dificilmente abordável através dos paradigmas fixos, e tendencialmente interdisciplinar. Carole Vance (1991) diz que a teoria do construcionismo social desafiou os modelos antropológicos tradicionais, tendo dado origem a uma explosão de pesquisas sobre sexualidade desde 1975. Presentemente, o aparecimento da Sida levou à procura do conhecimentos sobre os processos socioculturais da sexualidade e do gênero (VALE DE ALMEIDA, 1995, P. 127).

Deste modo, durante essa Segunda Onda, o termo "gênero" veio contrapor a ideia dominante, na maioria das nações ocidentais, de que a distinção entre masculino e feminino era dada por "fatores biológicos". Laqueur (2001) mostra que insistiam em corroborar as diferenças entre os sexos por meio das distinções biológicas já constatadas pela medicina, expressando-as num

discurso de que homens e mulheres constituem uma “série de oposições e contrastes” (LAQUEUR, 2001, p. 17).

A palavra “sexo” justificava, até certo ponto, esta distinção ao associá-la com a biologia para explicar a diferença entre homens e mulheres. A visão de que há dois sexos “estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’” (LAQUEUR, 2001, p.18) é a dominante na época e ainda incutida em algumas sociedades hoje. A dicotomia sexual se impõe como incontornável e se assenta sobre uma diferenciação biológica essencialista (VALE DE ALMEIDA, 1996), que implicitamente perpetua a crença numa “relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2016, p.26).

Como Nicholson (2000) reitera, entretanto, o termo “gênero” veio para complementar o conceito de “sexo”, não para substituí-lo, pois a teoria feminista da época não questionava o discurso de diferenciação biológica, pelo contrário. Aceitava a premissa da existência de diferenças biológicas reais, mas isso não fundamentava a hierarquia associada a homens e mulheres, sendo estas subordinadas àqueles. As diferenças só foram exaltadas quando se tornaram politicamente importantes, ou seja, quando legitimavam poder e a ordem social que representavam. Portanto, tanto “gênero” quanto “sexo” só devem ser explicados dentro de um contexto histórico específico, no qual estão engendradas lutas de poder (LAQUEUR, 2001; NICHOLSON, 2000).

Tendeu-se, no entanto, a reduzir o conceito de gênero às mulheres e sua busca pela legitimidade acadêmica do movimento feminista. Indo contra essa redução, Joan Scott (1990) propõe que sua definição deve relacionar a ideia do gênero como elemento construído histórica e socialmente, baseado sim nas diferenças que distinguem os sexos, mas tendo em mente que tais diferenças possuem implicações políticas. Deste modo, gênero, nesta época, inclui tanto biologia quanto sociedade, e é visto então como uma forma principal de expressar relações de poder (SCOTT, 1990; STOLCKE, 1991; LAMAS, 1999; LAQUEUR, 2001).

Diversos pesquisadores usaram e ainda usam a categoria de diferentes formas, mas, em sua maioria, se empenharam em demonstrar que o que se entende por “gênero” na maior parte do ocidente não é algo natural –, que há uma “imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais” (STOLCKE, 1991, p. 103), além de evidenciar que também há uma valorização do ponto de vista masculino do mundo em boa parte das esferas da vida social. Ou seja, o mesmo discurso que naturaliza a divisão sexual também hierarquiza a

diferença em favor do homem, organizando as relações sociais entre “dominantes” e “dominados”.

Em suma, os movimentos feministas da década de 1960, ainda na denominada “Segunda Onda”, tinham por objetivo entender e expor a condição de subordinação das mulheres, identificando que as ciências sociais e humanas, até então, não tinham informações que tornavam evidente tal subordinação. Concluiu-se que as pesquisas “não discutiam ou não justificavam a desigualdade entre homens e mulheres; que não havia uma história sobre o tema que mostrasse a gênese e o desenvolvimento da dominação e predomínio dos homens sobre as mulheres” (BARBIERI, 1993, p.2), portanto a teoria feminista da época se preocupou com a reflexão sobre essa origem. A subordinação foi vista como uma questão de poder que não se encontrava limitado aos mecanismos burocráticos ou no discurso médico científico: ele estava também na esfera social, na política e na acadêmica.

> O androcentrismo de que a antropologia foi acusada pelo feminismo, não só impediu que se ouvisse a voz das mulheres; impediu também que se ouvisse a diversidade das vozes masculinas, a sua visão por vezes dissidente da homologia masculino/público/político – em suma, da masculinidade hegemônica. Ao tornar o masculino em equivalente implícito do social retirou-se autonomia e possibilidade de desconstrução crítica. (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 129)

Apontou-se criticamente que os estudos não avançariam se focassem somente na mulher, por isso o uso da palavra “gênero” não deve ser restrito a elas. O objeto é mais amplo e exige uma análise das relações não só entre homens e mulheres, mas também entre os próprios homens e as próprias mulheres, em todos os níveis, esferas de pensamento, de ação, e contextos (BARBIERI, 1993).

> O processo é análogo à inquestionabilidade da heterossexualidade na vida do dia a dia, mesmo por parte dos espíritos liberais que tentam trazer à discussão pública, sob luz positiva, a “questão” da homossexualidade (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 129)

Assim, a consequente Terceira Onda buscou desconstruir o conceito de “gênero” e articular, além das reivindicações das mulheres, assuntos proeminentes do período, do início dos anos 1990.

### 1.3 – A construção da heteronormatividade, heterossexualidade e da homossexualidade

Na Segunda Onda feminista as discussões giraram em torno do determinismo biológico e do construcionismo social. Ao desafiar os essencialismos anteriores, a teoria feminista problematizou as diferenças entre os sexos e conectou tais diferenças à formulação social e

cultural do gênero (STOLCKE, 1991, p.104). O cenário da Terceira Onda é aquele em que o conceito de gênero já aparece como categoria social de análise, baseado no que resultou dessas discussões. Assim, ele simboliza a diferenciação sexual, se faz culturalmente e produz efeitos no imaginário das pessoas, fato inicialmente levantado pelas feministas da década de 1950 e 1960.

A partir dos anos 1990, a "teoria queer" aparece com a Terceira Onda do feminismo, tentando "ultrapassar os gêneros" ao interrogar a normatividade heterossexual e ressaltar o aspecto socialmente ocasional e transformável dos corpos e da sexualidade, abrindo espaço para que as chamadas pelo discurso médico de "sexualidades desviantes" (lésbicas, gays, transexuais, travestis, bissexuais etc.) fossem abarcadas pela discussão do feminismo. Judith Butler (2016) baseia-se em Monique Wittig para contribuir criticamente a respeito do pressuposto heterossexual, "que dá ao gênero uma heterossexualidade normativa", ampliando a reflexão para entender o gênero e também o sexo não como categorias fixas ou estáveis, mas sim relacionais e políticas (SCAVONE, 2008, p.180; BUTLER, 2016).

Enquanto a teoria feminista da década de 1970 definia gênero a partir de categorias binárias e hierárquicas, ainda que levasse em conta relações, a nova geração contesta tais pressupostos, desnaturalizando e desconstruindo a perspectiva anterior, recusando inclusive a ideia de uma divisão sexual "natural" entre masculino e feminino. Butler (2016) resgata a célebre frase de Simone de Beauvoir de que "não se nasce mulher, torna-se" para compor a ideia de que o sujeito é amplo, independentemente de seu sexo biológico, pois não há, na afirmação de Beauvoir, algo que implique que o "ser" que se torna mulher deva necessariamente ser fêmea. As possibilidades de sua constituição são amplas e diferentes, encaixando-se no contexto (SCAVONE, 2008; BUTLER, 2016).

A reflexão teórica da década de 1970 funciona como uma espécie de base fundadora do feminismo de modo geral, e boa parte dos estudos derivados delas partilham do pressuposto da heterossexualidade e do binarismo das relações de gênero e sexo (VALE DE ALMEIDA, 1995). Ao discutir o conceito como categoria de análise, buscando sentido no comportamento dos seres humanos, porém, problematiza-se não somente noções de poder e de hegemonia, como também dos "pares de oposições" levantados anteriormente, que classificam e hierarquizam. O binarismo sexual (masculino x feminino) aparece nessa lógica como algo a ser questionado, então, assim como o imperativo heterossexual, que atua limitando o pensamento, a fala e a ação: marcos que operam tanto restritiva como produtivamente (LÓPEZ, 2012).

Tais pressupostos, contudo, só reforçam que, ao agir por uma rede de relações de poder que restringe, institui-se a heterossexualidade como um modelo de sexualidade que atua como

norma, que é representado aos sujeitos como algo “naturalmente” dado. Isso resulta na legitimação da heterossexualidade através da instituição da heteronormatividade e no estranhamento, às vezes até negação, de outras formas de sexualidade (SEFTON, 2011; FOUCAULT, 2015).

Podemos então perceber a amplitude dessas relações de poder. O controle da sexualidade por grupos e instituições sociais vem, além de diferenciar e hierarquizar os sexos, também para legitimar a ideia de que há somente uma forma de sexualidade natural e correta, a heterossexual, e que a norma do sistema de gênero e sexo é o binarismo das relações entre homens e mulheres. A “visão heterossexuada” do mundo limita as relações “naturais” e “normais” às que ocorrem entre homens e mulheres, admitindo outras sexualidades somente como diferentes (LANG, 2001). Lamas (1999) expõe que quase todas as sociedades pensam binariamente, reforçando que a realidade dicotômica é parte de uma cultura cheia de símbolos e representações que a reforçam[10] (LAMAS, 1999, p. 157).

Essa lógica aparece inicialmente nas ideias de Rubin (1984) e de seu “sistema de sexo e gênero” que, de acordo com sua pesquisa, além de oprimir as mulheres, também age sobre a homossexualidade, pois tal opressão é fruto das relações sociais que a configuram (RUBIN, 1984, p. 6). Afinal, na medida em que se configura e institui-se uma divisão binária dos sexos, e justifica-se tal divisão numa interdependência econômica entre eles – pois homens e mulheres desempenham funções diferentes na sociedade e só seriam capazes de se completarem ao se juntarem – pressupõe-se, então, uniões heterossexuais. É a chamada “heterossexualidade compulsória” e “a supressão da homossexualidade e, por consequência, a opressão dos homossexuais, é produto do mesmo sistema cujas regras oprimem as mulheres” (RUBIN, 1984, p.13).

Percebe-se que, como produtos de uma cultura, de um tempo e espaço social, o gênero e também o sexo se constroem nas relações sociais baseadas nas diferenças impostas e também percebidas entre os sujeitos, sendo uma forma primária no interior da qual, ou por meio da qual, o poder é articulado. O sexo, assim como o gênero, é discursivo e cultural (SEFTON, 2011, p. 56; LAQUEUR, 2001; BUTLER, 2016).

No século XIX, com o discurso médico e o estudo da sexologia, a ciência da sexualidade também agiu sobre as variações de comportamentos sexuais, destacando a homossexualidade e

[10] “Esta dicotomía se refuerza por el hecho de que casi todas las sociedades hablan y piensan binariamente y así elaboran sus representaciones”.

instituindo o que era considerado “natural”, reforçando esse sistema de relações sociais opressoras.

> Esse poder de “naturalizar” (...) privilegiou teórica e socialmente a heterossexualidade; e descreveu e categorizou as variações sexuais, com ênfase na homossexualidade. Duas grandes polaridades – entre homens e mulheres, e entre sexualidade normal e anormal –, passaram a dominar o pensamento social. O comportamento de gênero foi definido em relação às práticas sexuais corretas: ser um homem normal é ser um heterossexual (VALE DE ALMEIDA, 1995, p.90).

A heterossexualidade foi construída como norma a partir desses discursos, impondo aos sujeitos uma forma “natural” de sexualidade, uma linha de conduta para seus desejos sexuais (LANG, 2001), que também reforçava a dicotomia homem/mulher como sendo o natural. A própria noção de homossexualidade envolve representações políticas e de poder do que a homossexualidade realmente é em relação à sexualidade considerada natural (ou seja, a heterossexual). Assim, atos de sodomia, *cross-dressing*, amizade íntima podem ou não ser enxergados sob essa lógica, tornando difícil descobrir sua origem. No debate que se seguiu na década de 1980, a abordagem construcionista argumenta que a homossexualidade também é uma construção social, pois atos sexuais entre pessoas que possuem a mesma fisiologia têm registros históricos muito anteriores à segunda metade do século XIX, quando o termo “homossexualismo” apareceu no discurso médico para identificar tais comportamentos (HALPERIN, 2000; FOUCAULT, 2015).

A nomenclatura, inclusive, gera debates intensos até hoje. Em 1869, o médico húngaro Karoly Maria Benkert inseriu a palavra “homossexualismo” no discurso político, e o termo passou a ser usado na medicina ocidental na tentativa de categorizar e compreender o desejo sexual orientado a pessoas de mesma constituição fisiológica (HALPERIN, 2000). O sufixo “ismo”, ao ser inserido na medicina, categorizava o comportamento homossexual no âmbito da doença, classificando-o como “desviante” e “perverso” (FURLANI, 2007; LANG, 2001). O termo também foi facilmente adaptado a propósitos ideológicos, reforçando discursos religiosos, médicos e jurídicos de que tal tipo de relacionamento é “anormal, essencialmente patológico, doente, desviante, perverso, pecaminoso” (FURLANI, 2007, p. 153; HARPERIN, 2000).

O homossexual torna-se “uma forma de vida” (FOUCAUT, 2015, p.48) e passa a existir como sujeito na história humana somente depois do século XIX; sua “categoria” é recente e essa descrição médica instituiu estigmas que seguem no imaginário de muitas pessoas da sociedade contemporânea (FURLANI, 2007; HALPERIN, 2000; LANG, 2001).

> A categoria "homossexual" (não a prática designada nesta categoria) é recente. E é porque as ciências médicas designaram uma categoria desviante que se pode, em seguida, criar seu corolário: a heterossexualidade. Homo/hetero, como homem/mulher, são pares de oposição que só adquirem sentido quando tomados juntos (LANG, 2001, p. 467).

Pelo fato de a história clínica do termo transportar consigo um significado pejorativo, o sufixo "ismo" foi substituído e o termo se tornou "homossexualidade", cujo sufixo "ade" representa um "modo de ser". Apesar disso, existem estudiosos que recomendam evitar o uso do próprio termo "homossexual", pois a palavra se referiria somente ao comportamento sexual, excluindo-se os sentimentos românticos das relações entre os indivíduos. Todas essas nomenclaturas, porém, têm sido utilizadas tanto em dicionários, quanto em produções acadêmicas brasileiras às vezes sem o devido cuidado e separação (GALVANINI, 2009).

Há ainda quem prefira a forma "homoafetividade", proposta pelo psicanalista Jurandir Freire Costa, que resgata o termo originalmente desenvolvido, em 1911, pelo alemão Ferenczi em conjunto com Freud, suavizando e retirando assim o caráter pejorativo da nomenclatura (COSTA, 2000).

> Ferenczi com o termo teve justamente a intenção de criticar o saber psicanalítico da época, que tentava pôr uma camisa-de-força em qualquer tipo de fenômeno percebido como "atração pelo mesmo sexo". Freud, em seu 'Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade', de 1920, avalizou o emprego do termo (COSTA, 2000, p. 113).

No presente trabalho será utilizada expressão "homossexualidade" em concomitância com a definição de David Halperin (2000) e com a noção moderna do termo, que implica tanto expressões quanto sentimentos, de todas as suas muitas formas, entre pessoas que possuem a mesma fisiologia sexual e cujo fenômeno pode ser distinto e separado da "heterossexualidade". Assim, "homossexualidade" se refere a todas as formas de desejos e comportamentos entre pessoas do mesmo sexo, quer hierárquicas ou mútuas, polarizadas pelo gênero ou sem gênero, latentes ou de fato, mental ou físicas[11] (HALPERIN, 2000, p.110).

Independentemente da nomenclatura, porém, é preciso ver que o que entendemos hoje como relações entre pessoas do mesmo sexo também é fruto de um processo histórico de acumulação, acréscimo e sobreposição de definições incertas sobre essas formas de relacionamento, e tais significações estão carregadas de poder e posicionamentos político-

[11] "The very notion of homosexuality implies that same-sex sexual feeling and expression, in all their many forms, constitute a single thing, called "homosexuality," which can be thought of as a single integrated phenomenon, distinct and separate from "heterosexuality." "Homosexuality" refers to all same-sex sexual desire and behavior, whether hierarchical or mutual, genderpolarized or ungendered, latent or actual, mental or physical".

ideológicos (HALPERIN, 2000). Ou seja, também são construções sociais que se manifestam, principalmente, por meio de discursos.

Instituições de poder, como escolas e a própria família, bem como instâncias culturais, tendem a propagar tais construções sociais como verdades absolutas e reforçar a rede de poder pela qual tais criações são articuladas, já que são estes os mecanismos mais fortes de controle e propagação das "regras do grupo" atuantes na sociedade contemporânea (SEFTON, 2011, p.56). Afinal, como Marta Lamas (1999) reforça, o que define o gênero (e também o sexo) é a ação simbólica coletiva mediante processos de construção da ordem simbólica (LAMAS, 1999, p. 158).

Diante disso, faz-se necessário problematizar os conceitos de heteronormatividade, de heterossexualidade e de homossexualidade, no âmbito dos debates sobre sexualidade e gênero, com o intuito de compreender a formação cultural e as experiências sociais que culminam na construção de noções sobre o sexo, a sexualidade e o corpo, além de refletir sobre suas representações.

Michel Foucault também dialoga com o feminismo nesse quesito, ao contribuir com suas análises sobre as questões do corpo e da sexualidade, trazendo o discurso da medicina e as tecnologias de poder como produtoras de "sujeitos/corpos disciplinados" (FOUCAULT, 1998; SCAVONE, 2008).

> Alguns aspectos de sua teoria foram utilizados pelas estudiosas feministas: a analítica do poder, a crítica ao sujeito único universal, a aceitação da diversidade e multiplicidade das relações sociais; e apresentam elementos com muitas afinidades com o feminismo e que contribuíram para o avanço das teorias de gênero (SCAVONE, 2008, p.8).

De acordo com a teoria contemporânea, portanto, a regulação da sexualidade de forma a compreendê-la como a relação binária entre "macho e fêmea" supriria a variedade subversiva da sexualidade, que romperia a "hegemonia heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica" (BUTLER, 2016, p. 41). A estrutura binária faria parte do discurso cultural hegemônico que se apresenta como universal e, assim, também coercitivo. A análise queer, como Lang (2001) ressalta, vem para criticar ao mesmo tempo o binarismo homem/mulher, macho/fêmea, e o heterossexismo embutido nessa própria classificação.

Na contemporaneidade, a(s) sexualidade(s) e o(s) gênero(s) passam a ser entendidos como plurais; e a ideia de que são fenômenos sócio-históricos, resultado de produções históricas e culturais, e não reflexos de uma realidade "natural", é reforçada (LAMAS, 1999; SEFTON,

2011). Butler busca romper com a distinção dicotômica do sexo, assim como Barbieri (1993), reafirmando que

> devemos abrir-nos para pensar os sistemas de gênero-sexo não somente binários, mas também com mais de dois gêneros, produto da atribuição às pessoas com idades e sexos distintos em determinados momentos da vida, de possibilidades, deveres, normas de conduta específicas, capacidade de decisão e autonomia diversas (BARBIERI, 1993, p.8)

A categoria gênero se mostra maior do que a ideia de dar espaço às mulheres, é mais do que um "mulherismo acadêmico". A análise passa pelas vias de poder e dominação, e pelo sistema de controle do corpo, servindo de suporte para outros movimentos sociais buscarem autonomia e visibilidade, como é o caso do movimento gay. Afinal, "o gênero é uma forma de desigualdade social" (BARBIERI, 1993, p.12), que afasta e exclui os que não se encaixam na norma, e categoriza a sexualidade humana.

Portanto, a Terceira Onda do feminismo busca compreender e debater os problemas que instituem as relações de gênero na sociedade através de uma reflexão política e social mais ampla, que inclua também, através de suas ponderações sobre diferentes configurações de sexualidades, outros grupos sociais subordinados, não somente as mulheres.

### *1.3.1 – Diversidade sexual e a presença de identidades plurais na sociedade contemporânea*

Como mostrado pelas discussões sobre sexo e gênero, a sexualidade nas sociedades ocidentais foi submetida a controles e moldes bastante efetivos, resultando na naturalização da heterossexualidade como modelo de união sexual e afetiva entre as pessoas, excluindo a homossexualidade de uma aceitação equivalente. Nas sociedades ocidentais modernas, Rubin (1984) afirma que os homossexuais acabaram se estruturando como um grupo étnico, corroborando a ideia que Foucault (2015) levantou sobre a constituição do que ele chama de um "discurso de reação": ao criar-se a "categoria homossexual", possibilitou-se a construção de reivindicações de legitimidade e naturalidade de tal grupo. Ao mesmo tempo, no entanto, eles trouxeram à tona discussões sobre novas formas de estratificação social, de sistemas de preconceito e discriminação.

Nosso sistema sexual moderno envolve uma série desses grupos – os fetichistas, sadomasoquistas, prostitutas, travestis etc. –, e Rubin (1984) nota ainda o surgimento de novas modalidades de conflitos ideológicos e sociais, baseadas numa hierarquia sexual que analisa e

julga as práticas sexuais, oprimindo e ameaçando os “dissidentes eróticos” (RUBIN, 1984, p.23-24).

> Os indivíduos cujo comportamento os situa na escala mais alta dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de sua saúde mental, respeitabilidade, legitimidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais. À medida que se vai descendo na escala dos comportamentos sexuais ou ocupações, os indivíduos [...] tendem a ser considerados doentes mentais e criminosos, têm sua mobilidade social e física cercada, sofrem sanções econômicas e carecem de apoio institucional (RUBIN, 1984, p.15)

A condenação, principalmente por meio de discursos médicos, de práticas sexuais distintas da heterossexual alimenta o senso comum com repulsa, além de instituir a ideia de “sexualidade ideal”. O Estado e o poder legislativo também são responsáveis por dizer qual comportamento sexual é considerado ilegal, passível de punição. Deste modo, Rubin (1984) comenta que “a maioria das pessoas comete o erro de tomar suas preferências sexuais por um sistema universal que funciona, ou deveria funcionar, para todo mundo” (RUBIN, 1984, p.20). A justiça fortalece as estruturas de poder, os códigos de conduta e as formas de preconceito. O sexo, assim como o gênero, é, também, um vetor de opressão.

Lamas (1999) diz, contudo, que a cultura ocidental tem aceitado a homossexualidade, porém “o desejo homossexual fica de fora da lógica de gênero e tem os estatutos simbólicos, moral e jurídicos diferentes da heterossexualidade: está fora da lei”[12] (LAMAS, 1999, p. 163). A suposta “tolerância” com a homossexualidade, ainda de acordo com Marta Lamas (1999), é somente uma “estratégia de condescendência”, que acaba desembocando na violência simbólica e em um grau mais alto de negação e dissimulação. A forma dominante da sexualidade, a heterossexualidade, está vinculada à regulação social da sexualidade. E diferentes culturas valorizam, negativamente ou não, a homossexualidade de acordo com sua compreensão do que é “natural”.

> O caminho é compreender que as identidades sexuais das pessoas respondem a uma estruturação psíquica na qual a heterossexualidade ou a homossexualidade são os resultados possíveis. A lógica do gênero valoriza uma e desvaloriza outra. Por outro lado, as identidades de gênero são invenções culturais, ficções necessárias que servem para construir um sentimento compartilhado de pertencimento e identificação (LAMAS, 1999, p.174. Tradução livre.)

[12] “Aunque en nuestra cultura de facto se acepta la homosexualidad, el deseo homossexual queda fuera de la lógica del género y tiene los estatutos simbólico, moral y jurídico diferentes al de la heterosexualidad: está fuera de la ley”.

Sob esta perspectiva, o gênero opera como a simbolização da diferença nas práticas, nos discursos e nas representações sexistas e homofóbicas, limitando e estigmatizando quem não se ajusta ao modelo hegemônico.

Por outro lado, sob um olhar plural, é possível encontrar representações das sexualidades para além da heterossexualidade: homossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais, dentre outras possibilidades (SEFTON, 2011; DAWSON, 2015). Essa presença de identidades plurais na sociedade contemporânea fortalece a noção de diversidade e permite ampliar a análise das relações entre os seres humanos (SILVA, 2007, p. 418). São categorias opostas à dualidade das normas vigentes, opostas à fixação da oposição entre masculinidade e feminilidade, criticam o sexismo e se mostram como modelos múltiplos, dentro dos quais o debate sobre as relações sociais baseadas no sexo tem espaço (LANG, 2001).

Afinal, como Henrietta Moore (1997) reitera, não existe apenas uma maneira de viver a sexualidade. Ela não é inerente ao ser humano, mas sim construída: envolve uma variedade de crenças, comportamentos, relações históricas e sociais, que permitem a cada indivíduo viver de modo diferente.

A Terceira Onda do feminismo, denominada de pós-moderna e derivada do desconstrucionismo, possibilitou e apoiou as teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades (SCAVONE, 2008), abriu espaço para uma análise não-heteronormativa da sociedade, e possibilitou o questionamento de pressupostos naturalistas e essencialistas sobre sexo e gênero (LANG, 2001; RUBIN, 1984). Pensar em representações para além das que se encaixam na heteronormatividade abre espaço para discussões sobre as relações de poder que institucionalizaram e legitimaram essa norma. A visibilidade da diversidade torna relevante, inclusive, a incorporação desses temas nas instâncias e artefatos culturais, por onde circulam crenças e revela-se o controle social.

### 1.4 – Juventude e sexualidade

Como vimos, a sexualidade assume um importante papel na vida das pessoas, e as últimas décadas mostraram uma mudança significativa no seu entendimento e no modo de vivê-la. A prática do sexo desvinculada dos fins reprodutivos, o controle da fertilidade, o aumento de doenças sexualmente transmissíveis, entre outros, são alguns dos motivos para fazer da sexualidade um assunto ainda mais institucionalizado e vigiado no decorrer do desenvolvimento humano. A sociedade contemporânea já parece ciente da importância das

questões sobre o assunto, principalmente por causa das mudanças de comportamento sexual e de suas consequências.

A precariedade de uma “educação sexual” se transformou num problema grave principalmente a partir da década de 1980, exigindo soluções imediatas com o advento da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis, em especial entre os jovens (NASCIMENTO et al, 2004). A educação sexual é definida por Nascimento e outros (2004) como “o processo de promoção do aprendizado sexual no contexto de programas que considerem as dimensões biológicas, emocionais, socioculturais, intelectuais e espirituais que integram a totalidade do ser humano” (NASCIMENTO et al, 2004, p. 85). Ela pode ser conduzida no próprio ambiente familiar do indivíduo, bem como na escola, na igreja e/ou no consultório médico. E é nessa educação que podem ser formados e afirmados preconceitos, estereótipos, informações ambíguas que confundem ainda mais aqueles que estão passando por intensas mudanças para chegar à fase adulta.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a OMS, e a Organização das Nações Unidas, ONU, a juventude compreende o período entre os 15 e os 24 anos. Durante essa fase, há grandes mudanças do ponto de vista físico e psicológico nos sujeitos. Alguns autores distinguem tais mudanças em dois processos complementares: a puberdade, período de alterações físicas e amadurecimento sexual que proporcionam a reprodução; e a adolescência, que abarca as mudanças emocionais e psicológicas normalmente compreendidas dentro dessa faixa etária (OMS/OPS, 1985; EISENSTEIN, 2005; BRILHANTE, 2011).

Ainda de acordo com a OMS, delimita-se a adolescência como a segunda década de vida, dos 10 aos 19 anos, dividindo-a ainda entre pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e adolescência propriamente dita (dos 15 aos 19 anos). Usa-se ainda o termo “jovem adulto” para abranger a faixa etária dos 20 aos 24 anos (EISENSTEIN, 2005; OMS/OPS, 1985). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, lei nº 8.069 promulgada em 1990, classifica como “criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2012, p.11). Não há menção ao termo “jovem” ou “juventude”.

Esses critérios são usados principalmente para fins estatísticos e políticos, e é importante destacar que, devido às variações biológicas, culturais e psicossociais, a idade cronológica pode não ser a maneira mais correta de classificar os sujeitos, apesar de ser a mais utilizada – em estudos antropológicos e sociológicos, principalmente, já que, novamente, a influência de vários outros elementos pode alterar, para mais ou para menos, essa maturação (EISENSTEIN, 2005).

O conceito de juventude é mais utilizado nas ciências sociais como uma categoria que busca compreender o sujeito em associação com o coletivo. A categoria indicaria o "processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional" (SILVA e LOPES, 2009, p.88), sendo entendida, assim, como uma articulação do sujeito com os processos sociais mais gerais, e sua inserção no conjunto. A juventude pode ser pensada, ainda, como uma etapa de transição, produto de diferentes cenários, e derivada da socialização que oferece um conjunto de pequenos rituais de passagem para a vida adulta (ABRAMO e BRANCO, 2005, p. 17; HEILBORN, 2006).

No entanto, a consciência ocidental de que existe um período intermediário entre a infância e a fase adulta é relativamente recente, e está relacionada à organização do trabalhado após a Revolução Industrial. Na Idade Média, a criança se tornava adulta muito cedo, sem necessidade de um estágio intermediário (SILVA, 2007; SEFTON, 2011; LOURO, 2004; SILVA e LOPES, 2009). Entre os séculos XIX e XX, a exigência de uma maior qualificação e preparo por parte do trabalhador acarretou num aumento do tempo necessário para sua formação, e o consequente adiamento da entrada no mercado de trabalho, que também postergou o início da vida reprodutiva dos casais. "Trabalho" e "reprodução" são quesitos normalmente atrelados à categoria de "vida adulta", e o início tardio desta fase provocou uma lacuna de tempo utilizada normalmente para aprendizagem e preparação para o futuro, que teve como consequência imediata a saída tardia da casa dos pais e a falta de independência financeira desses sujeitos (SILVA e LOPES, 2009; HEILBORN, 2006).

Assim passou-se a considerar a ideia de que a juventude é uma fase de transição para a "aquisição de status de adulto nas sociedades ocidentais" (HEILBORN, 2006, p.40). Esse fenômeno é intrínseco às sociedades industrializadas por terem passado por um período de mudanças estruturais no mercado de trabalho, exigindo uma maior escolarização. Desse modo, a construção do que é "ser jovem" tem bases histórico-culturais que perpassam a Idade Média e desembocam na definição do segmento social que se torna mais perceptível a partir da segunda metade do século XX, muito mais tarde que a configuração do que é ser "criança", de acordo com Vera Aguiar (2010). Esse segmento social foi posteriormente denominado de "adolescência" e, como está ligado à sociedades e contextos históricos específicos, faz com que seja difícil comparar e compreender jovens de diferentes países e gerações (BRILHANTE, 2011; SILVA e LOPES, 2009; HEILBORN, 2006).

No Brasil, até meados de 1950, as crianças deixavam a infância ao se casar ou começar a trabalhar, ou seja, ao criar responsabilidades da vida adulta. Indicadores sociais do IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mostram que até a década de 1970 o fenômeno

de “alongamento dos estudos” ainda era fraco no país e surgia não de maneira uniforme, pois o papel das condições materiais se mostrava preponderante na alteração do modo de vida dos sujeitos dessa faixa etária (HEILBORN, 2006).

> (...) os jovens, como conhecemos hoje, não existiam. São os fatores relacionados ao mundo pós-moderno, entre eles a industrialização acentuada e a aceleração da sociedade de massa e da globalização, seguidas da enorme expansão dos meios de comunicação, que dão vez e voz a essa camada da população, que passa a consumir sem ainda produzir, fazendo valer seus desejos (AGUIAR, 2010, p.1).

Descoberta como uma fase dinâmica, de mudanças corporais, sociais e de “novas sensações ao vivenciar os primeiros namoros” (BRILHANTE, 2011, p.505), a etapa da juventude ressalta esses “demarcadores da fase”, o período em que a sexualidade recebe uma importância especial, graças às transformações vivenciadas pelos indivíduos (VIEIRA, 2015; HEILBORN, 2006).

Assim, neste trabalho será usado o conceito sociológico de juventude que Carla Silva e Roseli Lopes (2009) expõem como “o resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social relacionadas com o processo de socialização do sujeito e de aquisição de papéis sociais”, e que enxerga o indivíduo como reflexo das estruturas e processos sociais, históricos e culturais (SILVA e LOPES, 2009, p.91-92). Desse modo, é possível falar em juventudes, no plural, compreendendo a variedade de sentidos possíveis a partir dos diversos coletivos sociais heterogêneos.

> Nessa concepção, as categorias de adolescência e juventude são entendidas como construção sócio-histórica, econômicas, cultural e relacional, determinadas em um processo permanente de mudança e ressignificação nas sociedades contemporâneas (SILVA e LOPES, 2009, p. 92).

Entende-se, portanto, que os jovens não são todos iguais, mas, por terem nascido no mesmo momento histórico, atravessam as mesmas épocas políticas e econômicas, e vivenciam a mesma realidade em estágios de vida semelhantes (ABRAMO e BRANCO, 2005; SINGER, 2005). As pessoas tratadas aqui são brasileiras e estão dentro da faixa etária dos 14 aos 19, compreendendo o critério de adolescência da OMS, da juventude da ONU e também a classificação do ECA. Tais sujeitos serão assim intitulados jovens. Além disso, como se trata de uma pesquisa que também abarca obras literárias, as que aqui serão trabalhadas contêm personagens nessa mesma faixa etária, cuja escolha, como foi apontada na introdução, serviria de elemento de ligação e empatia entre os leitores, facilitando o debate.

Portanto, entendida como um processo de aprendizado complexo, é a partir de estudos científicos do século XIX, principalmente pela psicologia do desenvolvimento, que a juventude

e sua sexualidade se tornam alvo de maior vigilância com a justificativa da educação, que visava produzir cidadãos “higiênicos e disciplinados” (SILVA e LOPES, 2009; HEILBORN, 2006).

Para Foucault (1998), a consciência da sexualidade na juventude forçou a educação e a ordem a complementar os dispositivos e técnicas de controle, que pretendem produzir “corpos dóceis”, disciplinando os indivíduos sob uma ordem de costumes e comportamentos condizentes com o aceitável em determinado momento e contexto. Estudiosos da época, como Maurice Debesse (1943), pensavam a fase da adolescência como problemática, chamando-a de “idade ingrata”, “período negativo”; um momento em que o “corpo é desajeitado, o humor instável e onde falta o encanto que será reencontrado anos depois” (SILVA e LOPES, 2009, p.91). Rubin (1984) também lembra que os ordenamentos jurídicos são responsáveis por estabelecer a fronteira entre a “inocência da infância” e a “sexualidade adulta”, não reconhecendo, e muitas vezes condenando, qualquer interesse sexual de pessoas que não atingiram a maioridade (RUBIN, 1984, p.27).

Temos aí, então, o surgimento de instâncias que legitimam e reforçam uma visão negativa da juventude, inclusive na sociologia: uma parte das pesquisas sobre juventude está inserida na chamada “sociologia do desvio”, pois os indivíduos nesse período tendem a se afastar do padrão normativo, sendo tal desvio “inerente à experiência juvenil” (SILVA e LOPES, 2009, p.92; PERALVA, 1997). Além disso, o surgimento do conceito de “subcultura juvenil” em estudos sócio-antropológicos contribuiu para atrelar a juventude à potencial marginalidade social e caracterizar sua conduta como desviante. Heilborn (2006) expõe que temas como “conflito entre gerações”, “mudança social” e “delinquência juvenil” são comuns nessa literatura (HEILBORN, 2006, p.39).

Muito da expectativa negativa em torno da adolescência, estigma que acompanha os jovens até a contemporaneidade, tem suas origens nessa época: a “família burguesa ou aristocrática que problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes [...], com urgência em vigiá-la e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção” (FOUCAULT, 2015, p.131). Até hoje a sexualidade nessa fase é vista como perigosa e como objeto de intervenção.

> Os menores tampouco podem ter acesso à sexualidade dos adultos por outras vias. Eles são proibidos de ler livros, assistir a filmes ou a programas de televisão nos quais a sexualidade é representada de forma “realista” demais. [...] Os jovens sexualmente ativos muitas vezes são encarcerados em casas de correção, ou punidos por sua “precocidade” (RUBIN, 1984, p.28).

O discurso da importância da educação sexual para a juventude surge, portanto, como necessidade não só de prevenir doenças, como mencionado, mas também de enquadrar os jovens no mundo adulto, exercendo a função de formação de novos sujeitos sociais (SILVA, 2007; SEFTON, 2011). Não somente as instituições, mas também os artefatos culturais, como os livros, se fortalecem dessa necessidade de educar e ensinar o lugar que se deve ocupar na sociedade, e isso se torna intenso principalmente em relação à sexualidade: ela é alvo de vigilância e de instâncias normativas, práticas adequadas e saberes a respeito (SEFTON, 2011; LOURO, 2004).

Uma particularidade da juventude é o peso significativo que a opinião dos pares detém na sua tomada de decisão, e é na convivência através de atividades de lazer que a socialização se constrói. Assim, lazer e cultura são dimensões importantes na vivência juvenil e na sua socialização (HEILBORN, 2006; ABRAMO e BRANCO, 2005). A literatura se encaixa nesse conjunto de artefatos que incentivam a socialização. Porém, ao discutir sobre isso, Nascimento et al (2004) apontam que a maioria dos livros que os jovens têm acesso, principalmente os utilizados na escola,

> descreve os fatos básicos da biologia da reprodução com razoável precisão, mas varia quanto ao enfoque conceitual, pedagógico, moral e até político da educação sexual. Apesar do esforço para apresentar o sexo de maneira direta, o livro não questiona alguns preconceitos firmemente enraizados no campo da sexualidade, como o de que a função sexual existe basicamente para se ter filhos (NASCIMENTO et al, 2004, p.87).

Como Maria Costa et al (2001) reiteram, é comum que a curiosidade sexual seja exacerbada durante a juventude. O interesse sexual pode surgir sob a forma de atração, curiosidade, paixão e envolvimentos característicos da procura por sensações de prazer, que envolvam contato físico ou não. O sistema formal de educação, a escola, é determinante na instauração de preconceitos e na representação de estereótipos sexuais e de gênero, principalmente na construção do que “é ser feminino” e “ser masculino”.

> Seja através de materiais educativos (livros, textos), ou através de ações diretas que exercem os educadores, de acordo com a própria representação social e noção de valores, nas condutas de seus educandos, podendo deixar sequelas ao longo de suas vidas. [...] Assim, por falta de preparo técnico e metodológico, transmitem aos adolescentes conceitos e representações próprias, sem levar em conta critérios científicos e éticos necessários à formação do jovem (COSTA et al, 2001, p.222-223)

Deste modo, é comum encontrarmos ambiguidade referencial nos jovens, mas é ainda mais pertinente perceber que conceitos como identidade sexual, identidade de gênero, orientação sexual e papel de gênero são cada vez mais discutidos e presentes no dia a dia dessa

parcela da população. Surge também a necessidade de representar tal diversidade nesses artefatos culturais usados na socialização juvenil: a invisibilidade de personagens não heteronormativos nos livros de ficção se torna problemática na medida em que mais e mais pessoas se tornam conscientes de outras sexualidades e se identificam com elas (GARDEN, 2000).

Como Heilborn (2005) nos lembra, “tradicionalmente, supõe-se que a juventude seja um barômetro das mudanças sociais, pois é sempre percebida como uma geração responsável pela transmissão de valores ou pela ruptura de determinados padrões” (HEILBORN, 2005, p.42). Por acreditaram que têm o dever de construir um novo mundo, os jovens podem ser “capazes de fazê-lo melhor, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz” (SINGER, 2005, p.29), tendo muitas vezes um sentido de “justiça social” exacerbado. A negação da sua sexualidade, então, só colabora com preceitos normativos e coercitivos, carregados de uma postura ideológica muitas vezes já rejeitada. A própria falta de representação dessa sexualidade pode ser vista como sua “aniquilação simbólica” (DAY, 2000).

Analisando os resultados do Projeto Juventude, documento de 2004, Paul Singer (2005) afirma que, de acordo com os jovens, dentre os valores mais importantes para uma sociedade ideal, está o respeito à diferença. Possivelmente “uma sociedade que não discrimina por raça, religião, orientação sexual, etc.” (SINGER, 2005, p.33). Considerado um período em que sua personalidade está sendo construída e consolidada, é importante perceber que a diversidade contemporânea das manifestações sexuais seja assunto comentado e discutido por esses sujeitos, ajudando a naturalizá-las. Os livros podem estimular empatia e simpatia, bem como ajudar jovens a sobreviver a circunstâncias agressivas em que se encontram, por meio de representação de situações semelhantes, constituindo um importante instrumento de reconhecimento, educação e encorajamento (DAY, 2000).

Como Singer (2005) postula, “a juventude deseja ajudar o mundo a mudar”, pois isso contribui para suavizar o desenvolvimento pessoal e social de todos os indivíduos (SINGER, 2005, p.35). Os livros são importantes ferramentas nessa jornada, pois têm o poder de expandir e mudar tanto suas mentes quanto suas vidas.

> É por isso que é importante ter livros para e sobre jovens gays e lésbicas. Não somente para que jovens homossexuais possam ver a si mesmos positivamente representados na literatura, mas também para que adolescentes heterossexuais possam ler sobre a

> experiência homossexual, educar-se corretamente e expandir seus corações e mentes[13] (CART apud DAY, 2000, p.xviii.)

Nesse sentido, a literatura para jovens se torna uma importante fonte encorajadora: uma prova que alguém mais sentiu o que os leitores sentem, viveram, e registraram de forma escrita seu sofrimento e também seu sucesso. E é sobre ela que o capítulo seguinte versará.

[13] "This is why it is so important to have books for and about gay and lesbian young adults. Not only so that homosexual youth can see themselves positively represented in literature but also so that heterosexual teenagers can read about the homosexual experience and accordingly educate and expand their own hearts and minds".

## 2 – LITERATURA E SOCIEDADE

Este capítulo discutirá o campo da sociologia da literatura, que, *grosso modo*, busca compreender e problematizar a representação da realidade por meio das páginas de obras não acadêmicas. Além disso, será abordada a Teoria da Representação Social, a representação de estereótipos, e haverá uma breve explicação sobre a nomenclatura, mercadológica e conceitual, da literatura juvenil.

### 2.1 – Arte, cultura e literatura

Como observamos, as transformações históricas afetam diretamente nosso modo de pensar e ser. Assim como alteramos nossa forma de lidar e enxergar o corpo e a sexualidade, também modificamos a maneira como as pessoas enxergam os objetos artísticos. As mudanças ocorridas ao longo da história em relação aos fatores de produção determinam, em alguma medida, as percepções humanas em relação ao que nos rodeia e, principalmente, às artes em geral. É somente na passagem do século XVIII para o XIX que a esfera artística se torna independente da política e da religiosa. Até então, uma obra de arte tinha que cumprir uma função estabelecida, fosse ela religiosa, política ou simplesmente ornamental. A condição do próprio artista era diferente. Ele dependia materialmente daquele(s) que sustentava(m) suas obras, tendo por vezes que moldá-las a fins específicos.

De acordo com Benjamin (1985), com a reprodução em larga medida, a obra de arte perde o seu valor de culto, passando a ser vista como mercadoria, objeto a ser consumido. O artista, por sua vez, se torna um indivíduo livre, capaz de escolher sozinho seus temas e a linguagem que quer utilizar. Suas obras, sejam elas literárias, musicais ou de artes plásticas, também compartilham dessa autonomia. “O universo das artes plásticas e da literatura deixa de ser visto como um ‘mistério’, como pura projeção da vontade subjetiva do criador, para ser apreendido em sua dimensão social” (ORTIZ, 2000, pág. 151). Em suma, pode-se dizer que o capitalismo, a internacionalização das indústrias de cultura de massa e o surgimento de novos canais de trocas comerciais acabaram mudando a percepção e o significado acerca das artes. A autonomia da esfera artística decorre do advento das sociedades industrialistas e da modernidade, quando os canais e fluxos transnacionais passaram a fugir do controle político-estatal. Na perspectiva do capitalismo, percebe-se o consumo como uma atividade social, que vai além da necessidade e utilidade.

A literatura, parte das artes, também é vista como uma construção histórico-social. É uma área que ganhou, no século XIX, autonomia do campo denominado “belas letras”, cujo escopo incluía, além da poesia e do romance, a filosofia, a história, o ensaio político ou religioso, e as cartas (FACINA, 2004). Abrangia assim um conjunto de escritos que era valorizado pela sociedade e por seus círculos de intelectuais, e que também se encaixava em certos padrões de “belas letras”. Duvidava-se, inclusive, que o romance, como veremos ser uma literatura notadamente popular e marcada pela expressão oral, pudesse ser considerada “literatura” (EAGLETON, 2006, p.25).

A partir daí, as tentativas de conceituar a literatura foram e ainda são inúmeras. Encontrar uma definição tornou-se complexo, já que isso implicaria em afirmar algo universalmente aceito e engessado, sendo, portanto, comum conceitua-la em vez de defini-la como algo fixo. O conceito pode variar em sua aplicabilidade, apesar de carregar em si bases comuns em todos os estudos.

Popularizou-se o pensamento aristotélico de que a literatura é a mimese da realidade, sendo que a partir da ideia de “mimese” hoje em dia destacam-se duas categorias-chave: a expressão e a ficção. Como expressão, a literatura demonstraria o pensamento de seu criador, aqui chamado de escritor. Como ficção, ela apresenta um mundo à imagem e simetria do universo, porém imaginado na medida em que o criador o desenvolve como se fosse real, mas não o é por ser inventado. O que chamamos de literatura hoje, então, e o que considerarei como literatura nesta pesquisa, é a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso, cujo criador, o escritor, se apropria do mundo para se expressar através da ficção (FACINA, 2004).

O texto literário difere do não literário devido a vários detalhes estruturais, cuja profundidade não será abordada aqui por este trabalho se tratar de um estudo sociológico e não do campo das letras. É importante destacar, porém, que a linguagem literária se distingue por ser aberta a interpretações, já que o escritor elabora sua própria realidade, veicula ideia, valores e opiniões (FACINA, 2004). Através da linguagem, o criador estabelece com o leitor relações subjetivas, tornando o texto modificável pela interpretação. A linguagem do texto literário não pretende representar o mundo fielmente, mas apenas evocá-lo. A linguagem científica, ao contrário, é mais objetiva e se utiliza de padrões mais arraigados, que não se embasam na criatividade e sim na realidade e em sua aceitação como forma de verdade num determinado campo ou grupo de pessoas, sendo utilizada para compartilhar informações e expor fatos, valorizando a coerência e a clareza de um significado único (D´ONOFRIO, 1995).

Além disso, depois de separada das “belas letras”, a própria literatura moderna é chamada de ficção por se tratar de fruto da imaginação de seu criador, e também para diferenciá-la da história, da crônica e da biografia, por exemplo, categorias nas quais há correspondência direta entre os elementos textuais e os reais. Como Antônio Cândido (2006) aponta, o elemento ficcional da literatura é parte de sua conceituação e é o que torna um texto literário, apesar de essa realidade ficcional ter analogia significativa com o mundo real. Afinal, sendo criada por alguém que está imerso numa sociedade com valores socioculturais e historicamente localizados, o escritor pode, por meio de sua técnica, repassar tais valores ou mesmo negá-los, contestá-los ou revitalizá-los, e também transmitir fatos ocorridos em tal sociedade, já que a literatura é, como a arte, uma maneira de demonstrar interações, além de ser uma forma específica de imitação da vida, seja ela real ou imaginária (AGUIAR E SILVA, 1976; FACINA, 2004; EAGLETON, 2006).

Como artefato interpretável, o texto literário pode ser compreendido pela leitura que dele se faz, já que seu papel, de acordo com Josué Mendes (2008), é o de despertar reflexões e de torná-lo decifrável a partir da vivência particular de cada receptor. Assim, o texto literário pode ser trabalhado através dos próprios leitores e suas subjetividades, sendo estes o objeto principal deste trabalho (MENDES, 2008).

O romance em forma de livro é a forma mais utilizada para a veiculação e a expressão de um texto literário. Sua publicação em formato de “folhetim” no século XVIII, e o seu consequente barateamento, o tornou um objeto de consumo e utilização nas sociedades contemporâneas, sendo considerado um conhecimento que pode ser consumido pelo senso comum por não utilizar uma linguagem científica, ampliando assim o número de leitores (EAGLETON, 2006). A palavra “romance”, como Konder (2005) explica, aparece na Idade Média como a maneira dos iletrados se comunicarem, já que os intelectuais utilizavam o latim para tal. O romance nasceu como literatura oral para expressar a linguagem do público “popular” (KONDER, 2005; SILVA, 2007).

Sendo uma realização que envolve interação humana, o livro é visto como um produto de manifestação cultural por onde se expressam subjetividades, além de um objeto por meio do qual podem circular crenças e valores através da linguagem elaborada pelo escritor.

Ao ser entendida como algo que acontece na e pela sociedade, então, a literatura não pode ser isolada da cultura na qual está inserida, pois ela contém símbolos e regras estabelecidas por meio da relação em grupo e demonstradas pelas palavras selecionadas pelo seu criador. “... a literatura é uma das tantas manifestações de valores, crenças, regras e mitos. Enfim, uma maneira a mais e muito especial das pessoas tornarem públicas, na sociedade, suas diferentes

representações" (BARCELOS e NASCIMENTO-SCHULZE, 2002). O texto contido num livro nos aproxima do imaginário coletivo de diferentes grupos sociais, tendo muito a nos dizer sobre a realidade em que vivemos.

## 2.2 – Os livros como objetos sociais

O exame dos textos literários é campo bastante amplo e complexo. Tomando sua relação com a sociedade, amplia-se a discussão para além da teoria literária, buscando uma abordagem sociológica das obras ficcionais. Miguel Neto (2007) afirma que o estudo sociológico da literatura tem apresentado algumas formas tradicionais. Antônio Cândido (2006) também comenta sobre as principais maneiras de tratar a ligação entre literatura e sociedade: a primeira delas tenta relacionar o texto às condições sociais do período, traçando um panorama da época a partir da obra ficcional. Na segunda, e mais comum, temos a análise da ligação entre o texto literário e a sociedade em questão, no intuito de descrever os aspectos que espelham ou representam as condições histórico-sociais do contexto em que foi escrito. Em terceiro lugar, temos um viés essencialmente sociológico, que propõe relacionar a obra a seu público, focando na sua aceitação e compreensão, tratando-a como ação recíproca de ambos, texto e leitor, inclusive através dos tempos. Nesta última forma estão as pesquisas centradas no consumo e na repercussão provocados pelas obras nos leitores, englobando também o estudo das relações sociais. Há ainda um quarto tipo de estudo que pesquisa a posição e a função social do escritor, relacionando-o à sua produção, normalmente com o objetivo de identificar ideologias e preferências políticas por meio dos textos literários (NETO, 2007; CÂNDIDO, 2006; FACINA, 2004).

Todas essas maneiras de encarar o texto literário são consideradas legítimas quando bem trabalhas. Como esta é uma pesquisa sociológica que tem o livro como intermédio, e não o seu autor, a terceira vertente será aqui empregada, por ter como foco a interpretação do texto literário, tomando por pressuposto seu caráter subjetivo e móvel já mencionado. Também por tratar o livro como uma manifestação artística e cultural, analisa-se a relação entre este objeto e seu contexto como uma interação e não como algo fixo. Afinal, a literatura como vista aqui é a união de três elementos: obra (arte), autor e público, e pressupõe um permanente jogo de articulações entre eles. Como Antônio Cândido (2006) reitera, "o público dá sentindo e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é, de certo modo, o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador" (CANDIDO, 2006, p.47).

Apesar de a literatura não ser exatamente o reflexo do mundo social, ela pode expressar "visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais" e que são "informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência" (FACINA, 2004, p.25). Ou seja, o texto tende a expressar realidades histórico-sociais, e não elementos universais e atemporais. Pesquisar tais expressões de realidades tornou-se parte dos estudos conhecidos como *história sociológica da literatura* ou *sociologia da literatura*, campo este que tenta compreender e problematizar a representação da realidade e seus desdobramentos através das páginas de obras literárias ficcionais (NETO, 2007; CÂNDIDO, 2006; FACINA, 2004).

> A complexidade das questões relativas às relações entre literatura e sociedade, e como a teoria e a crítica literárias as entendem, afigura-se como uma justificativa possível para o trabalho do pesquisador interessado em compreender quais as especificidades da representação do fato social pela literatura (NETO, 2007, p.16)

Esse campo de trabalho não surgiu recentemente. O que conhecemos como sociologia da literatura, de acordo com Miguel Neto (2007), teria nascido ainda no século XIX, sendo a Revolução Francesa (1789) o evento histórico motivador de uma nova forma de pensar as relações sociais. Da necessidade de explicar o momento, olhar para a literatura e para a arte em geral foi a tentativa de encontrar as produções do "novo homem" ou da "nova sociedade", já que manifestações artísticas atuam sobre as pessoas na construção de sua identidade e funcionam, ainda, como fenômenos que influenciam no processo de socialização (OTILIA, 2012).

As obras literárias e seus autores, além disso, enriqueceram significativamente a compreensão do mundo social, mesmo que suas análises possam pertencer ao senso comum. Luís de Gusmão (2007) aponta que, na grande variedade de formas de expressarmos nossa realidade social, a literatura é campo comum à história, à sociologia e à antropologia, com a qual podemos investigar a vida social em seus múltiplos aspectos (GUSMÃO, 2007).

Madame de Staël é considerada por muitos a precursora no campo teórico-interpretativo em estabelecer um contato direto entre literatura e sociedade. Em 1800, seu estudo *De la littérature considerée dans ses rapports avec lex institutions sociales*[14] propôs diferentes parâmetros de leitura, que ainda hoje intrigam e impulsionam pesquisadores em todo o mundo (NETO, 2007).

[14] Em tradução livre: "Literatura considerada na sua relação com instituições sociais".

Em 1806, em um artigo publicado no *Mercure de France*, Louis de Bonald, visconde filósofo francês considerado por muitos o expoente da filosofia política, polemiza a relação entre literatura, sociedade e história ao afirmar que “a literatura é a expressão da sociedade”. A frase, apesar de contextual, abre portas para compreender a produção literária a partir das configurações específicas de uma cultura, enquanto produções e práticas sociais inseridas num contexto histórico determinado (NETO, 2007).

Depois disso, o campo metodológico da sociologia da literatura se diversificou a partir da contribuição de diversos pensadores. No início do século XX, os estudos de Georg Lukács em obras como *Sociologia do Drama Moderno* (1911) e *A Teoria do Romance* (1916) foram pioneiros no campo que se delimitava com mais realce. Autores ligados à Escola de Frankfurt, como Kracauer (*O Ornamento da Massa*), Walter Benjamin (em ensaios como *O Narrador*) e Theodor Adorno (*Notas de Literatura*) já desenvolviam abordagens sociológicas de obras literárias desde a década de 1930 (MERQUIOR, 1987).

O campo, no entanto, só se tornou mais visível na segunda metade do século XX, quando, na década de 1950, os estudos sociológicos aplicados à literatura de Lucien Goldmann se tornaram mais conhecidos. Goldmann é considerado discípulo de Lukács e, em obras como *Sociologia do Romance*, tentou sistematizar a teoria das formas romanescas de *A Teoria do Romance*. Para Celso Frederico (2005), o autor é uma referência fundamental para a sociologia da literatura. Foi através dele que outros estudiosos procuraram demonstrar como a criação artística deriva de uma certa visão de mundo, e que tal visão é fruto de uma coletividade, já que foi elaborada por alguém (o artista) através de sua experiência compartilhada com um ou mais grupos sociais, e que também pertence a uma camada social específica, com ideologias próprias (CANDIDO, 2006; FACINA, 2004). Assim, para Goldmann, o verdadeiro criador é um sujeito coletivo, “pois este expressa as necessidades e a consciência empírica de um grupo ou classe social, captando as ‘estruturas significativas’ do processo histórico. Essa coletividade é entendida como uma complexa rede de relações interindividuais, que ‘fala’ através do criador” (FACINA, 2004, p.33).

Ainda que apresentando divergências metodológicas, e cada autor com suas influências particulares, demonstrou-se aí a oportunidade de delimitar o campo de investigação entre literatura e sociedade.

> A possibilidade de investigar as relações entre literatura e sociedade delimitando campos específicos de pesquisa (algumas vezes em diálogo com outros campos), dando à sociologia da literatura uma amplidão de perspectivas investigativas tão diversificadas quanto as da sociologia (NETO, 2007, p.18)

Sendo peça fundamental neste estudo, a literatura aqui é tratada como objeto social: ela reflete as alterações na forma de pensar e de estar dos sujeitos, dando voz às preocupações do ponto de vista social, cultural e também político. Sendo arte, e como parte das produções culturais do ser humano, o texto literário emerge como uma maneira simbólica de enxergar a realidade, uma forma de significação e representação, retratando as perspectivas sociais (RAMOS, 2009). Como Howard Becker (2009b) afirma: ele é um formato comum para se falar sobre a sociedade, além de ser grande produtor de representações sociais.

## 2.3 – Os reflexos da vida contemporânea na literatura

Ao longo do século XIX, os livros tendiam a obedecer a um padrão, mostrando um tipo de arte já aceita e definida, raramente alterada pelo escritor. Este, como artista, na maior parte das vezes ficava atrelado à obediência das regras propostas pelos que sustentavam seu trabalho, em geral a burguesia dominante de sua época (OLIVEIRA, 2006). Exceções a essa regra eram consideradas "escandalosas", tratadas com escárnio, somente sendo apreciadas ou mesmo reconhecidas anos mais tarde, como é o caso dos escritos de Balzac, por exemplo.

Contemporânea aos estudos de Goldmann, a globalização e a aceleração do ritmo de vida, no entanto, criam, já na segunda metade do século XX, novos contextos, trazendo à tona novas discussões e considerações, além de proporcionar autonomia na esfera artística, como já discutido. Livre das amarras da classe burguesa, a aproximação da arte com a vida se torna cada vez maior, trazendo para seu escopo a habilidade de demonstrar e reconstruir o mundo conforme a visão particular e original do criador (MASSAUD, 1985).

Os textos literários acompanham e espelham essa nova realidade social, reflexo das mudanças verificadas na vida cotidiana. A restrição imposta pelos mecanismos de poder – a burguesia, o Estado ou a religião –, vai se tornando porosa: deixa de haver limites sobre o que é possível escrever. Assuntos considerados polêmicos até então passam à atualidade e são comumente projetados na escrita contemporânea, mais aberta a tais reflexões. Intensificaram-se, por exemplo, as reflexões sobre as mulheres, os negros e os homossexuais, entre outros grupos (CAMARGO e SILVA, 2014, p.395). Também encontramos com certa facilidade obras que buscam refletir sobre temas emergentes como política, conflitos sociais, multiculturalidade, consciência ecológica, desigualdade social, alcoolismo, raça e, como não poderia deixar de ser, sobre a diversidade sexual (RAMOS, 2009; SILVEIRA e KAERCHER, 2013).

Antes forçadas à invisibilidade, as questões associadas à sexualidade "perdem a intocável solenidade e a conotação do desconforto que até aí os distinguia" (RAMOS, 2009, p.

299). A sexualidade passa a ser objeto de tratamento dos autores de textos literários. Estes fazem do romance um veículo sutil do pensamento sociológico (BECKER, 2009b).

Contudo, mesmo se modificando com o espaço, o tempo e a cultura, percebe-se que muitos textos literários ainda carregam a ideia de literatura como "produção do saber", principalmente aqueles direcionados ao público que ainda não alcançou a fase adulta e que está em processo de formação. Essa ideia se vincula à de pedagogia cultural, que atua por artefatos culturais como livros. Nessa perspectiva, a literatura abarca em suas tramas o caráter de transmissão de valores com fins educativos. Ela participa do processo de transmitir, circular e reforçar discursos, que está ligado ao que chamamos aqui de "sociologia do desvio", fortalecendo uma visão negativa da juventude, por exemplo. Em consequência de tal visão, na década de 1970 nos Estados Unidos, surgiu a categoria da "*problem novel*", ou "romance problemático", cujos textos ficcionais continham personagens homossexuais estereotipados e enredos previsíveis que se centravam nas "miseráveis vidas de pessoas gays" (CART e JENKINS, 2006, p.17). Esse tipo de livro foi

> impulsionado por seu foco em questões sociais que afetam alguns adolescentes contemporâneos; por exemplo, uso de álcool ou drogas, gravidez na adolescência, o divórcio dos pais, etc. Altamente didáticos, esses romances foram notáveis para a caracterização de dimensões únicas, enredo inventado e a quase total falta de arte[15] (CART e JENKINS, 2006, p. 17).

A homossexualidade era vista por muitos na época como um problema social, exacerbando a ideia de que a literatura que continha personagens homossexuais pertencia à categoria de "problemática", fato que contribuiu para perpetuar a representação de estereótipos LGBTQs na ficção.

Nancy Garden (2000), consagrada autora americana de diversos livros com personagens lésbicas, ao discutir sobre as mudanças ocorridas no campo, afirma que, antes, muitos dos relacionamentos não heteronormativos descritos nos romances eram tratados como uma "forte amizade" entre os personagens, literalmente representando o "amor que não se ousa nomear"[16]. Com o passar dos anos, a necessidade de tornar tais amores visíveis (e finalmente nomeá-los) se configurou numa constante (GARDEN, 2000; CART e JENKINS, 2006).

No Brasil, de acordo com estudos levantados por Silveira e Kaercher (2013), a homossexualidade só muito recentemente vem sendo tratada fora da literatura especializada,

---

[15] "Driven by its relentless focus on social issues that affect some contemporary teens; alcohol or drug abuse, teen pregnancy, parental divorce, etc. Highly didactic, these novels were notable for one-dimensional characterization, plot contrivance, and near total lack of art".

[16] Nancy faz referência à famosa frase contida no poema "Two Lovers" ("Dois Amores"), de 1894, escrito por Lord Alfred Douglas, amante do escritor Oscar Wilde, "*the love that dare not speak its name*".

chegando à ficção inclusive infantil e juvenil. De acordo com os autores, tal fato ocorre pelo desdobramento das lutas dos movimentos a favor da legitimação da diversidade sexual e pela defesa das pessoas LGBTQs, que ganharam força a partir da redemocratização brasileira (SILVEIRA e KAERCHER, 2013, p.1192).

Ainda em relação ao Brasil, a pouca inclusão de personagens não heterossexuais na literatura contemporânea pode também estar conectada à "manutenção aberta ou velada do preconceito em relação à homossexualidade, visível na reação de certos grupos religiosos às suas lutas" e também à discordância com a abordagem da diversidade sexual na educação por parte do governo (SILVEIRA e KAERCHER, 2013, p.1192).

Seja qual for o motivo, Facco (2009) chega à conclusão de que o sujeito homossexual ainda é afastado e invisível, inclusive no plano da linguagem e do discurso. Tal fato é ainda mais exacerbado no ramo da literatura juvenil brasileira, como veremos mais adiante.

### *2.3.1 – Literatura pedagógica x literatura de entretenimento*

Um dos aspectos da literatura é justamente seu caráter interpretativo e reflexivo. A experiência da leitura é algo único e individual, e questiona-se se a literatura tem realmente o poder de influenciar e transformar a visão de mundo do leitor.

> Há quem considere que a literatura faz bem, e os que dizem que faz mal; outros imaginam que a leitura desvirtua os valores morais e desencaminha as pessoas; há, também, quem pense que certos romances têm caráter político subversivo e representam ameaça à formação mental dos jovens; os que receiam que os livros, por desculpas morais ou políticas, terminam por querer queimá-los – e aos autores. Se uns receiam os livros por seu potencial subversivo e corruptor da boa moral, outros os veem como sedimentadores da ordem política e social e dos bons costumes (SILVA, 2007, p. 6-7).

A discussão sobre os efeitos que a leitura pode provocar é longa e parte do princípio de que o romance tem o potencial de fazer seus leitores acreditarem que os personagens sejam reais, possibilitando que suas vidas, a real e a imaginada, sejam equiparadas. Ou seja, a possibilidade do leitor se identificar com o personagem representado no texto literário fez do romance uma espécie de "guia de conduta", investindo-lhe um caráter pedagógico (AUGUSTI, 2000). Fica implícito aí "o potencial transformador da literatura, sua capacidade de mudar os indivíduos" (SILVA, 2007, p.9). Como quem transforma o mundo são os indivíduos que podem ser esses leitores, a literatura pode contribuir tanto positiva quanto negativamente. "Pode, inclusive, contribuir para isolá-los do mundo real e mantê-los em um 'mundo' cuja referência são os livros" (SILVA, 2007, p.10).

Assim, a intenção de “pedagogizar” por meio dos textos literários pode ser relacionada a esse potencial e também ao enfoque moderno dado à criança, e ao jovem de modo geral, através da literatura infantil e juvenil, que carrega em si a função de se encaixar num processo de educação e instrução. Assim como a juventude, a categoria “infância” é fruto de um longo processo histórico que separou a vida humana em períodos particulares. Sob uma perspectiva moderna, as crianças se encaminham para a idade adulta mais lentamente, absorvendo lições a partir dos meios e dos objetos usados em sua educação. Temos aí, portanto, o surgimento de produtos culturais direcionados particularmente a elas com a função de prepará-las e inseri-las no mundo adulto, exercendo a função de formar novos sujeitos sociais (SILVA, 2007; SEFTON, 2011; SIMÕES, 2013).

> A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão (ZIBERMAN, 1982, p.39).

Ao representar um novo papel na sociedade, motiva-se o aparecimento de novos objetos que se destinam aos jovens, dentre eles o brinquedo e o livro, e também novos ramos da ciência que se dedicam a estuda-los, como a psicologia infantil e juvenil, a pedagogia ou a pediatria (ZILBERMAN, 1982). Essa necessidade de educar e ensinar o lugar que se deve ocupar na sociedade torna-se intensa principalmente em relação à sexualidade (SEFTON, 2011; LOURO, 2004). Por se vincular ao público leitor, e também à pedagogia, a literatura passa a ocupar, ao lado da escola e da família, papel fundamental na formação e disseminação das normas socioculturais estabelecidas pelas instituições de sua sociedade.

Encontrar um equilíbrio entre a intenção artística e a educativa na literatura é algo que deve ser incorporado na própria ideia do texto literário. A tendência pedagógica pode subestimar a complexidade do pensamento dos mais jovens, impondo a eles obras com teor informativo, didatizante e moralizador sem considerar seu caráter plural de significados. Afinal, o texto literário possibilita múltiplas interpretações e é também “fonte de conhecimento, reflexão e prazer estético consistindo, justamente nisso, sua função formativa e emancipadora” (SIMÕES, 2013, p. 233).

Nesse sentido, a literatura também é utilizada para desmistificação de temas considerados tabus: uma conquista da moderna produção literária foi a incorporação, como já mencionado, de assuntos até então “intratáveis”. Incorporá-los a um meio de produção do saber é provocar uma reflexão no leitor, reforçar questionamentos acerca das representações hegemônicas e de poder, principalmente a respeito das identidade de gênero e da sexualidade.

Mesmo o leitor não especializado, que utiliza a literatura como forma de entretenimento e que simplesmente vivencia a experiência da leitura desinteressada, percebe que o texto é capaz de produzir emoções que podem marcá-lo. Afinal, como Becker (2009b) mesmo assente, a maior parte dos leitores de romances de ficção sabe que as histórias não são feitas apenas de fantasias, são todas recheadas de maneiras de falar sobre a sociedade ou, pelo menos, sobre alguma parte dela.

## 2.4 – Personagem, leitor e o "sentimento de verdade"

Todo texto literário envolve um público-leitor que é condicionante no processo criativo do próprio autor, que influencia a obra literária. Afinal, o público da obra não é um "fato exterior" a ela, mas sim parte de sua construção. Essa figura é chamada de leitor implícito, cujo papel é servir de molde para que o criador conceba sua criação tendo em vista determinado público, no caso, leitor (SILVA, 2008). Deste modo, a obra final, em certo sentido, pode ficar carregada de idealizações e perspectivas que deixam transparecer o modo como o autor enxerga esse leitor, ou o modo como ele quer que o leitor veja o mundo (SIMÕES, 2013; SILVA, 2008). Tudo isso normalmente acontece através de um outro elemento-chave do texto literário que é o personagem.

O personagem representa pessoas imaginárias ou reais, possuindo o poder de interpretá-las, manifestá-las e retratá-las. Na obra literária ficcional, ele é central para dar significado à história, para torná-la viva e transpô-la para além da imaginação de seu criador. Assim, apesar de fictício, ele tende a ser a imagem e semelhança dos sujeitos reais, baseando-se neles para representar e retratar suas manifestações existenciais de forma a criar afinidade ou mesmo indiferença durante a leitura. Essa importante relação com o leitor traz um "sentimento de verdade" ao texto, caracterizado como verossimilhança, ou seja, fazendo com que o personagem do livro e sua história pareçam ser o mais real possível (SILVA, 2008).

Personagem e leitor estabelecem entre si uma relação dinâmica, na qual a narrativa desenvolve descrições e relatos que podem gerar transformações no entendimento do enredo da obra e que podem ser adaptados para a própria realidade. Neste sentido, a literatura é utilizada para "subverter, pluralizar, suspender, desconfiar, desviar das verdades impostas para nos fazer repensar, reinventar, reconstituir a nós e aos outros" (SEFTON, 2011, p.54). Assim, podemos falar em um sistema de representações utilizado nos textos literários.

Durante a leitura, o leitor é levado, por meio das representações construídas através da linguagem utilizada pelo autor, a perceber "as regras que organizam a conduta social. Essas

representações, trazendo em si elementos afetivos e sociais, contribuem para a construção de uma realidade comum, da qual o leitor também pode fazer parte" (BISPO, 2009, p.2). Percebe-se atualmente um esforço no meio literário para ampliar as perspectivas dessas representações, trazendo ao protagonismo personagens até então marginalizados. Tal esforço se relaciona com mudanças mais amplas, registradas principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI.

Isso nos mostra a direção crítica e subjetiva da literatura: a presença do "outro" no discurso literário constitui-se numa forma de diversificar as referências sociais. Tira-se, assim, o monopólio da criação dessas representações das instituições de poder, e interroga-se se o conhecimento da sociedade que produzem é o único conhecimento 'real' sobre ela (BECKER, 2009b). É o caso, por exemplo, da representação de outras configurações familiares (as monoparentais e as compostas por casais homossexuais, tanto femininos quanto masculinos, por exemplo), de pares românticos e de identidades sexuais (RAMOS, 2009; SILVEIRA e KAERCHER, 2013).

A representação da diversidade sexual, sobretudo a homossexualidade, foi ganhando destaque, quer na centralidade, quer na presença, cada vez maior, de personagens homossexuais em obras literárias ficcionais (SILVA, 2007; RAMOS, 2009).

> A literatura fala a nós, de nós, da humanidade. A literatura coloca ao alcance do leitor a possibilidade de refletir sobre si, de ler-se e conhecer-se, pois na medida em que trata das inquietações humanas e descreve o que há de mais profundo e obscuro na alma humana em sua universalidade, é também a mim, a ti e a nós que ela nos fala. Em outras palavras, a literatura contribui para que conheçamos melhor e mais profundamente o gênero humano e, assim, para nos conhecermos a nós mesmos e nos humanizarmos (SILVA, 2007, p.11).

Como a escrita ficcional é construída pelo autor, este integrante de uma sociedade, que sociabiliza com um grupo de indivíduos, ele pode transferir para a obra sua visão de mundo. Faz-se então necessário analisar essas representações como elementos simbólicos de expressão de pensamento e/ou opinião, que são construídos socialmente e se apoiam em situações concretas (BISPO, 2009). Através delas, é possível compreender as dinâmicas culturais, valorativas e cognitivas das relações entre sujeito e objeto – entre texto, autor, sociedade e leitor –, que possuem uma dimensão histórica e transformadora, e explicam, questionam ou justificam a realidade (PATRIOTA, 2007; MINAYO, 1995).

O conceito de representação social nas ciências sociais foi primeiramente utilizado por Durkheim com o mesmo sentido de "representações coletivas", uma categoria do pensamento através da qual as sociedades elaboram e expressam sua realidade. Durkheim usava das

representações sociais para diferenciar as representações individuais e coletivas. Esta distinção fazia parte do trabalho de construir um objeto próprio da sociologia, separando-a das outras ciências (DUKHEIM, 1983; MINAYO, 1995; JUNQUEIRA, 2005;). O autor afirma que "para compreender a maneira como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos particulares" (DURKHEIM, 1983, p. 79). As representações coletivas revelam realidades coletivas, "estados de coletividade", e são algo "eminentemente social", visto que elas se formam na sociedade (VIANA, 2008).

Essas representações coletivas traduziriam a maneira como cada membro de um grupo se conecta entre si, como a própria sociedade se organiza e se compõe como tal, já que a base de análise de Durkheim era a sociedade (o todo), e não o indivíduo. Assim, na concepção do autor, caso o conjunto aceite (ou desaprove) certas condutas, significa que estas estão (ou não) em conflito com interesses fundamentais do coletivo, os quais fazem parte da própria constituição do grupo, que é relativamente permanente (DURKHEIM, 1983). Como Minayo (1995, p.92) comenta, apesar de sua visão ser extrema e positivista, Durkheim e seus seguidores contribuíram para enxergarmos que "a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas".

No desenvolvimento da sociologia clássica, porém, o conceito de representação social não teve lugar central, mas atrelado "às determinações epistemológicas e teóricas do estudo da ação social em Weber, ou da sociedade de classe em Marx" (JUNQUEIRA, 2005, p.145). Weber forneceu ao conceito a ideia de "visão de mundo" que, de acordo com Minayo (1995), deixa claro que cada sociedade, para se manter, precisa de "concepções de mundo" totalizantes e únicas que, em geral, são implementadas por grupos dominantes. Essas "concepções abrangentes" atravessam toda a sociedade, todos os seus grupos constituintes, e dizem respeito ao modo de encarar o tempo, o espaço, o trabalho, o sexo e os papéis sociais, dentre outros (MINAYO, 1995, p.95).

Marx percebe o representar como proveniente de seu comportamento material, pois os homens são produtores de suas ideias e representações, porém condicionados às forças produtivas. A manifestação da consciência se faz por meio da linguagem, que é a "consciência real" e que existe para todos os homens (MINAYO, 1995, p.98-99).

Tais teorizações se desdobraram, separando os ramos da sociologia ao longo da história. No entanto, somente no período contemporâneo é que as ciências sociais colocaram as representações sociais no centro de debate sobre o objeto sociológico. Tal mudança veio no âmbito da teoria da sociedade e sua carência de explicar a crescente importância da dimensão

cultural nos fenômenos sociais de toda ordem, já que as representações estão comumente contidas em objetos culturais (JUNQUEIRA, 2005, p.145).

Alfred Schutz, assim, introduziu a ideia de “senso comum” para falar de representações sociais no cotidiano. Para ele, assim como o conhecimento científico, o senso comum é um tipo de conhecimento dado como verdadeiro, “um saber das essências tão legítimo quanto qualquer outro, inclusive o filosófico e o sociológico” (VIANA, 2008, p.21). Além disso, a ideia de senso comum é aquela que “envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados, a partir do mundo do dia-a-dia” (MINAYO, 1995, p.95). Desta forma, o cotidiano é visto como uma teia emaranhada de significados formados pelas ações e relações humanas, passíveis de serem captados e interpretados. O conhecimento seria organizado através de “tipificações do senso comum”, o que permitiria ainda a identificação de grupos sociais, ou conjuntos estruturados igualmente que possibilitam a compreensão de modos de vida específicos (MINAYO, 1995). Estaríamos diante de “uma marca grupal/cultural impressa no processo de construção de representação. É um modo de conhecimento que segue as necessidades e interesses e desejos de um grupo” (ARRUDA, 2002, p.139). Essa ideia trabalha a sociedade como um conjunto de grupos, e não como um todo sólido e permanente, como na concepção Durkheimiana.

Outros autores também examinaram o campo das representações sociais, dentre eles Gramsci, Lukács – na linha marxista, seguido ainda por Lucien Goldmann –, Bourdieu e Bakhtin, que valorizam a fala e as expressões. Vale destacar a retomada da importância crítica da ideia do senso comum em Gramsci, cuja defesa da mesma é visível em sua obra ao proclamar que o senso comum tem um “potencial transformador” pois ajusta-se “espontaneamente às condições reais de vida da população” (MINAYO, 1995, p.100). Para ele, a concepção de mundo de diferentes grupos corresponde à combinação de vários elementos que culminam numa norma coletiva, tornando-se concreta. Lukács já se debruçara sobre a ideia de “visão de mundo”, que seria o principal aspecto da “consciência coletiva”, um “conjunto de aspirações, sentimentos e ideias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente de uma classe social) e as opõem aos outros grupos” (MINAYO, 1995, p.102). Assim, mesmo que não sejam necessariamente conscientes, as representações sociais incluem as ideias das elites, das massas, dos intelectuais, dos artistas etc. e, desse modo, expressam também contradições e conflitos.

Em suma, as representações sociais são um dado sobre o real, contêm verdades, revelam a visão de mundo de determinada época, indivíduo, grupo e sociedade, ao mesmo tempo em que combinam elementos do passado e projetam o futuro em termos de reprodução de dominação ou contribuição para conflitos. As representações não são cópias ou reflexos da

realidade, mas sim uma tradução ou uma versão dessa realidade que está sempre em transformação. Como Junqueira (2005) complementa, elas são dinâmicas, móveis, pois enquanto sujeitos criadores de tais representações, estamos sempre ativos.

### *2.4.1 – Representações sociais e a construção de estereótipos*

Do fim dos anos 1960 ao início dos 1980, os "novos movimentos sociais" se configuraram também em novos atores, que revelaram suas demandas, exigindo que as ciências incorporassem suas realidades em suas unidades de análise, fazendo-nos repensar nossas categorias para levá-los em consideração. Como já exposto, a chamada "Segunda Onda" feminista emergiu na mesma época, denominada por alguns de "transição paradigmática", conjuntura que favorece a abertura para teorias emergentes, resultando numa maior visibilidade e incorporação dessas outras demandas nas ciências sociais (ARRUDA, 2002; JUNQUEIRA, 2005; HALL, 2006).

A Teoria das Representações Sociais nasce na mesma circunstância da Segunda Onda feminista, da necessidade de incorporar novas categorias de análise e, ao mesmo tempo, atualizar o conceito de representações sociais, já trabalhado por autores clássicos. Como Angela Arruda (2002) ressalta, atualizar o conceito significa remodelá-lo às necessidades das sociedades contemporâneas, para que possa ser aplicável à sua análise. Afinal, "as representações são sempre representações 'de alguma coisa', formam "universos de opinião", que são tantos quanto as classes, culturas e grupos" (VIANA, 2008, p.31). Normalmente, essa representação é a representação de alguém. Esse alguém é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. A contemporaneidade impõe um processamento acelerado e constante das informações, que modifica rapidamente esse sujeito social. Assim, as mudanças ocorridas na sociedade tendem à construção de representações distintas, dinâmicas, nada tendo de homogêneas e estáticas como idealizado pelos estudiosos clássicos (ARRUDA, 2002; PATRIOTA, 2007).

Portanto, tendo por base os vários desdobramentos do conceito de representação social, e também o interesse em observar *como* e *por que* acontecem essas modificações dinâmicas, a Teoria das Representações Sociais "resgata o senso comum enquanto compartilhado pela sociedade como um todo, entretecido com nossa linguagem e constitutivo de nossas relações e habilidades" (ARRUDA, 2002, p.143). Ela trata das mudanças nessas representações do sujeito em busca de entender "o que elas indicam, como elas constituem a representação, dando-lhe um sentido de verdade e uma eficácia simbólica" (ARRUDA, 2002, p.139).

Nesse contexto, a noção de representação social é cada vez mais resgatada para tentar compreender as acepções dadas a partir do sistema cultural, que registra seus reflexos na relação entre os sujeitos na sociedade contemporânea.

> A partir dos anos 80, essa ênfase [na dimensão cultural] atinge sua forma mais desenvolvida. Com o processo de extensão do mercado e de sua lógica e a consequente ampliação do marketing e da publicidade (...), torna-se imprescindível o exame daquilo que parece ser considerado, cada vez mais, e em mais alto grau, a própria sociedade, ou seja, o seu sistema de representações simbólicas (JUNQUEIRA, 2005, p.145).

Assim, uma rede de relações sempre em movimento seria a base do objeto sociológico, e a Teoria das Representações Sociais operacionaliza o conceito para trabalhá-lo nesta dinâmica e diversidade.

O conceito de representação coletiva de Durkheim inspirou as primeiras abordagens da Teoria das Representações Sociais, na década de 1960, principalmente de Serge Moscovici (1978), que incute na ideia o dinamismo e a diversidade que a contemporaneidade traz consigo. Segundo Vianna (2008), para Moscovici as representações coletivas estariam vinculadas às chamadas sociedades simples, e as representações sociais às contemporâneas.

É possível destacar, no campo da psicologia social, as contribuições de Denise Jodelet (2002), de Jean-Claude Abric (1998) e Sandra Jovchelovitch (1995) para a discussão das representações sociais. Em geral, o que todos retomam é o conhecimento cotidiano como produtor de saber de uma consciência coletiva e de uma realidade organizada por significados que operam como um sistema de interpretação que conduz as relações dos sujeitos com seu meio social e físico (PATRIOTA, 2007; ABRIC, 1998; VIANA, 2008). A vida cotidiana é marcada pela necessidade de respostas a estímulos contínuos, que acabam se tornando naturais na medida em que são simplificadas, influenciando ações automáticas e, daí, gerando certa regularidade (VIANA, 2008, p.71).

> Desta forma, fica mais fácil entender por qual motivo denominamos estas representações como sendo cotidianas, pois são a expressão consciente da vida cotidiana, a manifestação das atividades cotidianas dos indivíduos não apenas em seu repertório temático, mas também em sua forma de expressão, marcada pela naturalização, simplificação e regularidade. (...) As representações cotidianas expressam o cotidiano. No entanto, tal como colocamos anteriormente, o cotidiano não é o mesmo em sociedades, épocas, classes e grupos sociais diferentes (VIANA, 2008, p.74).

É de Jodelet o conceito de representação social mais bem aceito atualmente, e é este que será usado como guia neste trabalho. Para ela, as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, por meio de um objeto prático, e que

contribui para a construção de uma realidade comum a um grupo social em determinada época (JODELET, 2002; PATRIOTA, 2007; GUARESCHI, 1996; ARRUDA, 2002).

> Geralmente reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2002, p.21)

Jodelet (2002) ainda afirma que o representar se assemelha ao ato de pensamento pelo qual o indivíduo se conecta com tal objeto prático – e este é sempre necessário. "Não há representação sem objeto", ela assegura, e "este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico" (JODELET, 2002, p.22). Neste sentido, um livro, enquanto objeto cultural real, e o texto literário nele contido, enquanto linguagem e expressão, são objetos mais que utilizados para representações.

Podemos dizer então que a representação social atua como transformadora do sujeito e do objeto na medida em que ambos são alterados no processo de elaborar o próprio objeto, e ambos estão inseridos num contexto situacional e subjetivo. Não é uma "abstração mental ou interioridade psicológica", como explica Filha (2011, p.597), mas uma forma de atribuir sentidos, de significados traduzidos em um conhecimento visível e palpável.

> É na vida real, nas relações concretas, que se formam as representações dos indivíduos. É na vida cotidiana, no modo de vida dos indivíduos, que se constitui sua consciência, suas ideias, suas representações. (...) A base real das representações se encontra na vida real, concreta, social, cotidiana, dos indivíduos (VIANA, 2008, p.56).

Ainda que esta ideia possa parecer arriscada, é possível sugerir que a Teoria das Representações Sociais, ao tentar estabelecer uma relação entre sujeito, objeto e contexto, tem alguma afinidade com as Teorias Feministas por serem, ambas, relacionais. Afinal, gênero é uma categoria relacional que leva em conta relações de poder, subjetividade, saber etc., ao mesmo tempo em que as representações são construções de saber que não podem ser desvinculadas do sujeito social, o contexto em que está inserido e sua subjetividade (ARRUDA, 2002, p.133). Ambas as teorias são fundamentais neste estudo na medida em que falamos de um objeto cultural (o livro) que é utilizado para representar sujeitos LGBTQ cuja construção social está permeada de subjetividades e poder, além de intrínseca à discussão de gênero.

O problema do resgate do senso comum na construção de representações sociais é que muitas vezes elas podem motivar preconceitos e discriminação, gerando ideias repetidas e

compartilhadas que circulam, são apreendidas e usadas para definir e limitar: os estereótipos. A propagação de determinadas representações no imaginário dos sujeitos pode reforçar diferenças e criar estereótipos negativos, "que por sua vez são alimentados por outros produtos da indústria cultural, que reiteram as mesmas fórmulas. Para 'fazer parte', o indivíduo procura adequar-se a um desses modelos disponíveis" (BAGGIO, 2013, p.103). A maneira como os sujeitos LGBTQs são representados, por exemplo, pode mostrar uma visão de mundo estereotipada da sociedade e fixar representações simbólicas dos sexos (VALE DE ALMEIDA, 1995).

O livro, o romance como produto cultural, tem um público, um leitor implícito que normalmente é o elemento de identificação comum – o problema é que muitos desses produtos culturais são feitos *por* e *para* o público heterossexual, podendo incutir elementos de dominação e valores heteronormativos. Muitos deles carregam uma visão estereotipada de pessoas homossexuais.

> A forte permanência de alguns desses estereótipos têm sua explicação na forma como se desenvolveu o modo de vida gay. Os guetos produziram uma cultura marcada pelas especificidades da linguagem e pelo humor. A imagem da "bicha-louca" foi a que se perpetuou como estereótipo homossexual. Difundida por meio das manifestações culturais mais diversas, ao mesmo tempo em que essa imagem representa o preconceito, a caricatura e o estigma, também serve como elemento de identificação comum (BAGGIO, 2013, p.107).

Como Baggio (2013) completa, no Brasil a presença de personagens homossexuais não estereotipados na mídia de massa é bastante recente, já que essas personagens foram bastante estigmatizadas ao longo da história, como fica claro nos programas humorísticos na televisão brasileira que não raramente se apropriam da "caricatura gay" como piada (BAGGIO, 2013, p.106). Podemos citar o personagem do Seu Peru, da *Escolinha do Professor Raimundo*, programa humorístico que conta com exibições desde a década de 1990[17]. Temos ainda Pit Bicha, Pit Bitoca, Valéria, Hércules, Maurição e Alfredinho do programa *Zorra Total*[18]; Vera Verão, Vlamir, o ex-gay, e Jeca Gay da *A Praça é Nossa*[19] como exemplos mais notáveis. Este problema está intrinsecamente relacionado ao ato de nomear, que muitas vezes está sustentado por relações de poder, que implicam na alimentação de relações de desigualdade, discriminação e preconceito com o pressuposto "diferente".

---

[17] Programa criado por Chico Anísio e Haroldo Barbosa, exibido pela Rede Globo.

[18] Programa dirigido por Maurício Farias, Eduardo Miranda e Vicente Burguer e exibido pela Rede Globo de Televisão entre 1999 e 2015.

[19] Programa criado por Manuel da Nóbrega em 1956, intitulado *A Praça da Alegria*. Desde 1987 é exibido no SBT, com o nome de *A Praça é Nossa.*

> As representações ganham sentidos e materialidades na linguagem. Esses sentidos são construídos socialmente e compartilhados pelos sujeitos. Quando observamos (...) podemos perceber quais significados compartilhados por elas [pessoas] e pelas culturas a respeito do que se espera da identidade de gênero das mulheres e dos homens (FILHA, 2011, p.597)

Por isso, como Lara Facioli (2015) coloca, é essencial relativizar, "saber que existe uma diversidade de sujeitos e formas de existência: sujeitos que não se reconhecem em seus corpos, que têm desejo por pessoas do mesmo sexo, que gostam de vestir de formas variadas" (FACIOLI, 2015, p. 47).

Assim, cabem as perguntas: é possível encontrar representações diversificadas, sem que fiquem presas às amarras dos estereótipos e da diferença? É preciso reforçá-las para encaixar os indivíduos nos modelos dispostos? Produtos culturais, como os livros, legitimam preconceitos na medida em que propagam esses estereótipos e reforçam diferenças, ou podem ser veículos transformadores dessas representações?

A literatura parece um bom caminho para debater estereótipos e papéis social e sexualmente construídos, além de poder "demonstrar as múltiplas faces do afeto, pluralizando experiências e prevenindo comportamentos homofóbicos" (RAMOS, 2009, p. 310), por exemplo. Um meio de naturalizar e legitimar modelos possíveis de relações interpessoais para além dos padrões e estereótipos.

### *2.4.2 – A representação da diversidade sexual e de gênero*

A existência de personagens com identidades de gênero e sexuais que escapam à heteronormatividade cria condições para avaliar a posição do outro e sua subjetividade, que são questionadas por serem diferentes (SILVA, 2007, p.411). No mercado editorial, convencionou-se utilizar a nomenclatura "literatura GLS", ou "gay e lésbica", ou ainda "LGBT" para anunciar textos ao público cuja experiência pessoal pudesse se identificar com as dos personagens e seus enredos, subdividindo os gêneros literários até mesmo na hora da compra de um livro, formando um nicho no mercado de consumo (SILVA, 2014; CART e JENKINS, 2006). Facco (2009) identifica que é marcante a proposta política, que evidencia aspectos da subjetividade masculina normalmente omitidos e ligados à afirmação de identidades, mas não há nada que diferencie essa produção literária, nem na forma da linguagem, nem no estilo. Portanto, a nomenclatura é problemática.

O rótulo ainda induz a uma identificação totalizante, à presença da homossexualidade no texto que muitas vezes é tratada de forma homogênea e integral, o que simplifica

experiências que não são universalmente compartilhadas. Nesse sentido, o texto, de algum modo, poderia ser pensado como normatizante, ensinando como se comportar e viver, muitas vezes se pautando em preceitos heterossexuais, principalmente de relacionamentos afetivos. Em suma, esses textos estariam também produzindo uma norma (SILVA, 2014).

> Outro risco é que se institua uma forma “correta” de prática homossexual, palatável para a sociedade, segundo a qual os homossexuais, nos romances e contos, tenham relacionamentos semelhantes aos heterossexuais ideais, respeitando todas as "regras" ditadas pela moral e bons costumes. Sejam monogâmicos, responsáveis, independentes financeiramente, possuam caráter, enfim, tenham comportamento impecável, sob pena de serem considerados promíscuos, tarados, pervertidos. Não digo, com isso, que não se deve escrever sobre relacionamentos homossexuais "certinhos". O problema é escrever segundo esses moldes apenas para ser "tolerado" (FACCO, 2009, p.182).

Apesar disso, a “literatura gay” pode ser considerada uma investida política contra as formas dominantes de representação literária, que se baseiam na naturalização da heterossexualidade, já que, embora possam ter como referência a heterossexualidade, os personagens representados são homossexuais (AGUIAR, 2010; SEFTON, 2011; SILVA, 2007; RAMOS, 2009; CAMARGO e SILVA, 2014). O dito “diferente” ainda parece se encontrar sob o mesmo arcabouço de regras e características da heteronormatividade, norma esta que exclui e baseia-se na subjetivação para a “constituição de conceitos sobre como ‘se deve’ construir-se enquanto sujeitos” (SEFTON, 2011, p. 66). Mesmo que se apoiem em preceitos da norma heterossexual, no entanto, as tramas trazem a oportunidade de considerar a diversidade sexual e de gênero. Com isso, incentivam uma ação crítica e questionadora, bem como relações sociais pautadas no respeito, na convivência e na ética (SEFTON, 2011, p.70). Nos discursos das obras literárias, produz-se educação, representações de como ser, agir e perceber a si e aos demais. A ficção, por esse lado, pode retratar a realidade diversificada e ajudar na formação de indivíduos mais compreensivos.

A reflexão sobre gênero e sexualidade foi e é apresentada em diversos exemplos da literatura, seja ela contemporânea ou não, juvenil ou não. Uma das grandes presenças da ideia da homossexualidade encontra-se na obra do escritor norte-americano Gore Vidal (1925-2012). Em *A cidade e o pilar*, o autor focaliza a conscientização da identidade sexual do protagonista, a natureza de seus relacionamentos e o esforço para viver em um mundo onde a heterossexualidade é a norma. Com esse título, Gore Vidal é considerado um dos primeiros escritores a tratar séria e abertamente sobre o assunto e cuja obra teve alcance mundial (LARANJEIRAS, 2015).

A presença da homossexualidade na literatura cresceu justamente nesta década de 1980, fruto da abertura da sociedade às questões das minorias, aos movimentos associativos e reivindicativos, como já mencionado. Na mesma época, houve "uma espécie de *boom* da tematização da subcultura e do desejo gay na ficção brasileira" (SILVA, 2014, p. 66). Isso mostra também a atenção às mudanças de pensamento, que valorizam comportamentos integradores em relação às múltiplas diferenças: étnicas e raciais, religiosas, afetivas e sexuais (SILVA, 2014).

> Tudo isso é evidente, relacionado às vivências das pessoas que convivem em uma época cuja característica central gira em torno da descoberta dos outros e diferentes, do respeito, da tolerância e da visibilidade dos que se articulam política, afetiva e culturalmente em coletividade (nichos, guetos e comunidades), que se identificam com a diversidade sexual, sem que esta seja exclusivamente o elemento/categoria norteador da 'identidade'. (...) [Isso] traduz uma filosofia do sujeito contemporâneo, constantemente questionador e desacreditado de estruturas ou categorias fixas (SILVA, 2014, p.66)

A representação dessa diversidade sexual e de gênero propiciou estudos avançados em outros países, a citar o de Wendy E. Bettz, que cataloga e seleciona títulos com personagens gays e lésbicas desde 2005, organizados por idade recomendada. Sua pesquisa é intitulada *Rainbow Reading* e se tornou referência para muitas que se seguiram. Além da literatura geral, também observamos uma abertura dessas representações na literatura infantil e juvenil. Na Espanha foram publicados diversos estudos de relevância sobre o tema em livros destinados ao público infanto-juvenil (Luisa Mora, 1996; Juan José Lage Fernández, 1999; Ana Garalón, 2000). Frances Ann Day organizou, em 2000, uma bibliografia comentada e um guia de literatura para crianças e adolescentes, focados na exposição de personagens lésbicas e gays[20]. Os estudos de Michael Cart e Christine Jenkins[21], enfatizando a produção literária juvenil com diversidade sexual, também são referência para muitos outros subsequentes (RAMOS, 2009).

No Brasil e em Portugal, livros que abordam a temática da diversidade sexual e de gênero têm sido constantemente publicados desde a década de 1990 (RAMOS, 2009). No contexto contemporâneo brasileiro, novas editoras nasceram como alternativa ou possibilidade para incrementar a literatura nacional, alimentando o público leitor com textos "de expressão gay", como as Edições GLS, as editoras Escândalo, Malagueta e Metanoia (SILVA, 2014). Estas abriram as portas para o aparecimento, mais recente, de várias outras, como a Orgástica

---

[20] *Lesbian and Gay Voices: an Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adult*. Westport: Greenwood Press. 2000.

[21] *The Heart Has Its Reason: Young Adult Literature with Gay/Lesbian/Queer content 1969-2004*. Maryland: Scarecrow Press, 2006.

e a Hoo Editora, além da criação de selos diversificados em editoras maiores. Porém, talvez o livro brasileiro mais famoso que contemple um personagem homossexual seja *Bom-Crioulo*, romance datado de 1895 e escrito por Adolfo Caminha, que até hoje suscita curiosidade por ter sido considerado "escandaloso" pela crítica da época, fortemente pautada no discurso religioso e médico sobre a homossexualidade. Este evidencia que, mesmo velada, a temática existe na literatura brasileira desde o século XIX.

As pesquisas realizadas acerca do tópico também mostram que temas como a diferença, sua aceitação, integração e valorização sempre estiveram presentes no universo da produção literária, principalmente de recepção infantil, mas só mais recentemente é que têm sido destacados (RAMOS, 2009). No Brasil, a título de exemplo, temos *Menino ama menino*, de Marilene Godinho (2000), *Sempre por perto*, de Anna Cláudia Ramos (2006), *O menino que brincava de ser*, de Georgina Martins (2008), *Olívia tem dois papais*, de Márcia Leite (2010), *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco (2010), entre outros títulos internacionais que foram traduzidos e chegaram às prateleiras nas últimas décadas, com destaque para *Mamãe nunca me contou*, de Babette Cole (2003) e *Meu Amigo Jim*, de Kitty Crowther (2007), todos direcionados ao leitor infantil.

Não estritamente nessa linha, é bom destacar, contudo, um texto bastante famoso, intitulado *O Patinho Feio*, datado de 1843 do escritor dinamarquês H.C. Andersen, inúmeras vezes adaptado para a TV e que é bem conhecido entre os brasileiros. Em forma de conto de fadas, o texto viabiliza a diferença de forma geral, debate a rejeição, a consciência e a aceitação de si, mesmo que de forma lúdica e delicada, por se tratar de um conto infantil (FILHO, 2011). *O Patinho Feio* acaba se tornando um exemplo importante através do qual podemos verificar como os artefatos culturais permitem dialogar com temáticas diversas, sobretudo a da homossexualidade e a da pluralidade de gênero em culturas diversificadas.

## 2.5 – A literatura juvenil: considerações mercadológicas e conceituais

A partir da ideia já destacada de leitor implícito, uma ponte entre o leitor real e o criador, a literatura juvenil se define como gênero literário devido ao destinatário que contém em si. Seu surgimento deriva do desmembramento mercadológico da literatura geral em nichos, em públicos-alvo, e é hoje considerada uma categoria literária, mas cuja classificação é muitas vezes flexível. No Brasil, esse surgimento acontece no início do século XX, quando os textos literários começam a incorporar a presença de protagonistas infantis, mesmo que de forma a servirem de educação nas escolas. No livro *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*,

publicado em 1984, Marisa Lajolo e Regina Ziberman traçam um panorama histórico sobre o aparecimento de tal gênero literário, que viria a se desdobrar na literatura infanto-juvenil e, posteriormente, na infantil e juvenil (LUFT, 2010).

Os jovens protagonistas surgiram quase na mesma época, entre 1921 e 1944, porém com uma intenção diferente. Se a literatura infantil se preocupa com a educação das crianças, a juvenil veio com a noção inicial de desenvolvimento moral e cívico do jovem. Nesse panorama, a produção literária destinada a esse público surge como uma necessidade que venha "servir de subsídio no processo de formação do(s) cidadão(s)(ãs)" jovens (SILVA, 2007, p. 404). Isto ocorre tendo como pano de fundo a consolidação da classe média, o avanço da industrialização e a expansão da escola, aumentando assim a produção da indústria editorial (LUFT, 2010).

Os textos dessa época destinados às crianças e aos jovens, contudo, de acordo com Regina Lajolo e Marisa Ziberman (1984), não mostravam a realidade, mas sim a abafavam, deixando de lado a urbanização e idealizando um modo de vida "arcaico e rural" (LAJOLO e ZIBERMAN, 1984, p.122). É somente a partir da década de 1960 que a tendência se altera, quando a produção destinada especificamente aos jovens se assenta como categoria literária e a crítica passa a tratá-la como tal. A década seguinte, concomitante ao "milagre econômico", que aproximou as relações brasileiras com o ocidente capitalista, permitiu a entrada de produtos culturais no mercado nacional, muitos deles sendo romances de ficção destinados a jovens cujo mercado já existia principalmente nos EUA. Assim, Luft (2010) nos lembra que "dada a expansão do mercado jovem e a bem-sucedida importação de produtos da indústria cultural, o período em questão também se caracteriza pelo aumento de gêneros e temas" (LUFT, 2010, p.113). A divisão no mercado literário, entre literatura/ficção geral e literatura infanto-juvenil, acontece também aí, com a "sedimentação da indústria editorial, a expansão da escola e a produção de livros em série para atender à demanda dos mediadores", sendo estes a família, o Estado e a própria escola (LUFT, 2010, p.113).

A dissociação entre literatura infantil e juvenil, no entanto, é tema que costuma causar desconforto entre os estudiosos da área. Não há um consenso sobre qual nomenclatura deve ser considerada: "literatura infantil" e "literatura juvenil" separadas, ou "literatura infanto-juvenil" como um todo. O problema de nomear é o mesmo que acontece com o da "literatura LGBT": a etiqueta produz uma universalização e, como qualquer categoria generalizadora, a juventude não é homogênea. Como já discutimos seu conceito, vale ressaltar sua complexidade,

> ...uma vez que o conceito é construído a partir de múltiplos olhares, notadamente das ciências médicas e humanos. O período denominado "juventude", estreitamente vinculado à identidade juvenil, não deve ser visto como etiqueta colada nos

> indivíduos, etapa cronologicamente determinada da vida. Em razão de diferentes maneiras de experimentar a juventude, o termo deve ser pluralizado – "juventudes" – e, para o reconhecimento de seu significado, é preciso que o sentido seja negociado, como o de outras identidades (...), pois entendemos que são culturais, não se apresentam rígidas e imutáveis, mas resultam de um processo transitório de identificação (MARTHA, 2010, P.122).

Entretanto, de forma ampla, os textos literários que têm mais apelo aos jovens de todas as épocas voltam-se aos mesmos temas, como conhecimento do corpo, relações afetivas, sexuais, dificuldade de relacionamento entre outros (LEAHY-DIOS, 2005).

Para os fins deste trabalho, portanto, será utilizada a nomenclatura "literatura juvenil" para tratar de todos os livros pesquisados dentro do recorte, por acreditar que, de uma forma ou de outra, todos contemplam tais temáticas "típicas" da juventude. Em termos mercadológicos, os livros também são classificados dessa forma, pois apresentam um projeto gráfico e editorial específico para este público. Além disso, os protagonistas de todos os livros aqui pesquisados têm a faixa etária dos que anteriormente denominamos "jovens", ou seja, sujeitos que possuem entre 14 e 19 anos de idade, e as tramas são narradas na sua perspectiva, trazendo suas problemáticas à tona. Também o mercado editorial brasileiro já se acostumou a utilizar nomenclaturas separadas, reservando o termo "infanto-juvenil" para livros cujas temáticas e protagonistas se encaixam numa faixa etária intermediária, dos 10 aos 14 anos, considerada por alguns como a pré-adolescência.

O fato é que desde a década de 1970, a literatura juvenil nacional vem se consolidando como categoria e se inovando para adequar-se ao público contemporâneo, muitas vezes exigente, "formado por leitores integrados em uma sociedade alfabetizada e familiarizados com os sistemas audiovisuais" (LUFT, 2010, p.114). Os livros destinados a esse público manifestam-se trazendo informações imprescindíveis acerca da variação em que se constitui a sociedade real, viabilizando expressões das variadas minorias sociais, e expondo que a busca por lugares sociais nem sempre consoantes com aqueles definidos como tradicionais, pode ser vista como natural (AGUIAR, 2010).

Logo, a literatura pode revelar como a experiência sociocultural dos sujeitos é transposta para a realidade ficcional. Com sua capacidade de "transitar em seus espaços os tipos sociais, as personagens encarnam vários modelos de pessoas com as quais convivemos na denominada vida real" (SILVA, 2007, p. 68), contribuindo para que as angústias da juventude, ao serem retratadas, possam ser partilhadas e debatidas.

É nesse sentido que a produção literária para jovens serve de intermédio para este estudo social: ela pode influenciar significativamente a vida dos leitores na medida em que se conecta a eles e provoca-lhes interpretações diversas. Os textos mostram "lugares de pertença", trazem

personagens com os quais diferentes sujeitos podem se identificar, ajudam a formar opinião, provocando uma reflexão sobre questões às vezes vistas como polêmicas, mas necessárias.

## 2.6 – A diversidade na literatura contemporânea juvenil brasileira

Podemos perceber que a ideia inicial do texto literário servindo de subsídio à formação moral e cívica do jovem foi modificada com o tempo. Como Marta Ando (2005) comenta, atualmente tanto a literatura infantil quanto a juvenil ampliam o horizonte do leitor ao apresentar uma visão crítica da realidade por meio de personagens com os quais os jovens leitores se equiparam. Servem também para traduzir os pensamentos e sentimentos que os aborrecem e divertem, às vezes ao mesmo tempo. Os textos "refletem as mudanças sociológicas e os pressupostos axiológicos e educativos de nossa sociedade pós-industrial e democrática" (COLOMER, 2003, p.174; MARTHA, 2010).

Ao falar a linguagem da juventude contemporânea, portanto, os livros atendem seus interesses, representam sentimentos e questões que os afligem, refletindo uma insegurança pessoal típica desse público, que não se enxerga como adulto, nem como criança, e em cuja fase da vida se precisa mais de consolo e guia (AGUIAR, 2010; FRANÇA, 2010). As obras podem, ainda, constituir uma impressão muito palpável do que esses sujeitos pensam, daquilo que veem, leem, ouvem e conversam (BECKER, 2009b).

> No Brasil, a modernização ocorrida a partir do restabelecimento democrático (1985) também implicou a difusão de novos valores, mudanças importantes nas formas de vida e um desenvolvimento sem precedentes nos livros para crianças e jovens. Nesse sentido, nas décadas finais do século XX, as narrativas infantis e juvenis passaram a abordar novos temas devido às 'mudanças sofridas pela produção editorial de livros para crianças e jovens' (LUFT, 2010, p.115).

As inovações das últimas décadas na literatura juvenil nacional refletem as mudanças observadas na sociedade. A variação de temas manifesta a transformação da própria vida dos leitores e seus problemas, respondendo às novas preocupações morais, sociais e políticas. Os temas e a linguagem das obras juvenis perdem a "inocência" das décadas precedentes e resultam numa narrativa inovadora, que instiga a curiosidade e introduz assuntos pouco comentados anteriormente (LUFT, 2010).

Podemos destacar que entre as "inovações temáticas" estão a abordagem do racismo, a (in)tolerância cultural, política, econômica, entre outros. De acordo com Luft (2010), a tendência dominante é a de explorar o amadurecimento e a aprendizagem por meio dos jovens protagonistas que buscam se auto conhecer e conhecer os outros. Frequentemente também são

abordados temas vinculados à família e ao comportamento, com a adição de elementos que são amplamente discutidos, como o uso de drogas, o preconceito e a morte, que antes eram reservados à literatura geral ou adulta.

Mas, e quanto à diversidade sexual nas obras literárias juvenis? Em particular a que é divergente do paradigma heteronormativo, ela está presente ou continua distante dos textos para jovens? Estudos indicam que a incorporação do tema tem sido gradual. Antes tratado com sutileza e até receio, a literatura juvenil tem oferecido exemplos de certa ousadia (RAMOS, 2009). Durante os últimos anos, o volume de livros que possuem personagens que expressam identidades de gênero e sexuais diversas cresceu consideravelmente. Nos Estados Unidos, a partir dos anos 2000, verificou-se que são lançados mais de doze títulos por ano – um número expressivo, principalmente considerando que o primeiro livro juvenil com um personagem gay foi lançado por lá em 1969. Na década de 1980, chegavam às prateleiras somente quatro títulos que abordavam o tema (CART e JENKINS, 2006).

Já no Brasil, pesquisas até então mostravam pouco mercado editorial e público leitor interessado em temáticas que escapam ao padrão da heterossexualidade (SEFTON, 2011). “A literatura nacional apresenta formas de configuração dos diferentes discursos decorrentes da cultura, enquanto produções e práticas sociais inseridas num determinado contexto histórico” (NETO, 2007, p. 17), o que pode nos levar a crer que a sociedade brasileira ainda não se sente à vontade em relação à temática plural. Afinal, o texto literário pode evidenciar o modo de vida e cultura de um local, mostrando suas crenças relevantes e suas atividades coordenadas (BECKER, 2009b).

Desse modo, os escassos estudos de representação de diversidade sexual e de gênero na literatura brasileira, focando a homossexualidade, mostram que a maioria das obras que traz personagens homossexuais “dialogam sobre a própria homossexualidade” (SEFTON, p. 61), limitando a trama à “questão da diversidade”. Personagens considerados diferentes deveriam ficar amarrados às próprias diferenças para integrarem enredos literários voltados aos leitores jovens? É possível ter algo além das representações de estereótipos?

Esta questão também pode estar ligada ao possível “papel da literatura” e sua ação pedagogizante, de ter que ensinar ao invés de cumprir a missão do divertimento, imaginação, descobertas e aventuras da leitura. Apesar de o uso de livros como ferramenta pedagógica desenvolver um trabalho crítico e reflexivo, principalmente nas escolas, fomentando uma perspectiva menos heteronormativa, é preciso ainda problematizar as forças de poder, o caráter construído e a multiplicidade de experiências do sujeito no decorrer da vida (SEFTON, 2011, p.61-62).

A literatura, portanto, é caminho viável para desestabilizar premissas de um padrão único (no caso, heterossexual), que talvez não tenha sido totalmente trilhado. Os jovens, ao se deparar com uma narrativa plural, são convidados a "vivenciar problemas que, abordados pela literatura, possibilitam, muitas vezes, a construção de respostas pessoais para os conflitos vividos" (LUFT, 2010, p.125). Ao leitor é dada a oportunidade de interpretar a obra e incrementá-la com sua participação e vivência, questionando os assuntos por ela abordados.

> A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significantes, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e sexualidade (LOURO, 2004, p. 22-23).

Analistas literários costumam concordar que, a partir da década de 1990, a produção ficcional brasileira entrou numa nova fase de amadurecimento, de renovação dos padrões literários existentes, que inclusive pressupõem novos modelos de representação. O surgimento de novos autores e a diversidade de temáticas tratadas modernizou a literatura juvenil, motivos estes que levaram ao recorte temporal desta pesquisa.

> O impulso experimental ampliou os limites em relação aos condicionamentos anteriores sobre o que se considera adequado e compreensível em obras dirigidas a jovens. A criação de um produto cultural menos protetor em relação a seus destinatários e mais inovador em suas caraterísticas configura um novo itinerário de formação literária para a adolescência. A narrativa juvenil consolida-se como literatura escrita, e isso implica maior permeabilidade em relação à literatura de adultos, especialmente em relação à narrativa psicológica (LUFT, 2010, p.128)

Apesar de mostrarem que os rumos da literatura juvenil mudaram conforme seu amadurecimento como gênero literário, estudos indicam que há censura no meio editorial. Em entrevista, Lynn Hall, autora do livro *Sticks and Stones* publicado em 1977 nos Estados Unidos (sem tradução nacional), obra que mostra a história romântica entre dois garotos, conta que gostaria de ter dado um rumo diferente ao seu livro, ou, mais especificamente, deixado o texto com a ideia original:

> Eu queria que Ward e Tom [seus personagens] se amassem, vivessem felizes para sempre, e esse foi o modo como terminei [o livro]. Mas os editores não me deixaram fazer isso. Nas palavras deles, isso mostraria uma relação homossexual como um possível final feliz, e isso poderia ser perigoso para as pessoas jovens[22] (CART e JENKINS, 2006, p.29).

[22] "I wanted Ward and Tom to love each other, to live happily ever after, and that was the way I ended it. But the publishers would not let me do it. In their words this was showing a homosexual relationship as a possible happy ending and this might be dangerous to young people."

Cart e Jenkins trazem muitos outros casos através dos quais podemos perceber que ainda é possível encontrar pensamentos como os dos editores de Lynn na contemporaneidade. Neste capítulo, de modo geral, buscou-se tratar do leitor e dessas representações sociais, estereotipadas ou não, que permeiam objetos culturais, especificamente os livros de literatura juvenil, delimitando o campo para esta pesquisa. No capítulo seguinte, traremos algumas indagações sobre esta censura no caso brasileiro, além de mostrar como foi o processo de escolha dos livros aqui trabalhados.

# 3 – DEBATENDO ESTEREÓTIPOS E HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA

Neste capítulo, o foco é a análise da interpretação das representações, encontradas nos livros selecionados, pelos jovens com quem foram realizadas as rodas de conversa à luz dos debates sobre gênero e sobre representações sociais. Antes, porém, é necessário apresentar a metodologia utilizada para a escolha dos romances e para a realização das rodas de conversa.

## 3.1 – A seleção nacional

Para este estudo foi feito um mapeamento das obras brasileiras classificadas como literatura juvenil entre os anos de 1990 e 2015, contemplando a fase de amadurecimento e renovação mencionada no capítulo anterior. Por meio de contato com uma lista de editoras brasileiras, com grupos de leitores em redes sociais online, com autores e também por redes sociais de leitura, como o Skoob[23], chegou-se ao resultado de 63 livros juvenis que possuem personagens cuja orientação sexual seja diferente da heterossexual, sendo eles protagonistas ou não. Dividiu-se o mapeamento em chaves iguais de oito anos, para que a seleção dos textos pudesse contemplar todo o período de forma relativamente homogênea. Portanto, temos os seguintes contextos: entre 1990 e 1998, entre 1999 e 2007, e entre 2008 e 2015.

Do número total, verificou-se que somente quatro obras foram publicadas entre 1990 e 1998; dez delas, entre 1999 e 2007. O maior volume se concentra no período mais contemporâneo, entre 2008 e 2015, com um total de 49 livros. Notadamente o romance de 1998 de Nelson Luiz de Carvalho, *O Terceiro Travesseiro* abriu as portas para muitos outros investimentos, já que a publicação é considerada um clássico da "literatura LGBT" juvenil, tendo sido adaptada diversas vezes para o teatro ao longo dos anos e considerada uma das obras mais vendidas pela sua editora. Também é bom destacar *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich, publicado em 2004 por uma grande editora (Record), e *Uma Luz para Davi*, de Marli Porto e originalmente datado de 2002, cujas reedições posteriores, por outra editora, alavancaram novos leitores. As autoras Rafaela Vieira (*Depois Daquele Beijo* e *Sete Minutos no Paraíso*) e Karina Dias (*Diário de uma Garota Atrevida*) se destacam entre as produções nacionais com personagens lésbicas.

[23] http://skoob.com.br. Rede social para leitores do Brasil, que funciona como uma estante virtual, onde há a possibilidade de pesquisar e consultar todos os livros catalogados, lidos e desejados pelos usuários e editoras nacionais.

Vale ressaltar que pouquíssimos destes livros explicitam a existência de personagens LGBTQ – seja na própria arte da capa, na contracapa ou na sinopse. Os que chamam a atenção para a sua presença foram, em sua maioria, publicados por editoras consideradas especializadas, algumas delas já mencionadas aqui (Malagueta e Metanoia). *Sete Minutos no Paraíso*, por exemplo, sequer sugere qualquer personagem fora do padrão – pelo contrário, a sinopse dá a entender que é uma trama juvenil bastante clichê. O projeto gráfico de *O Terceiro Travesseiro* está longe de ser sedutor para o público ao qual se destina, e a sinopse também é pouco atrativa. Isto pode evidenciar o fato de os próprios editores serem desencorajados a publicar títulos com temática ou personagens LGBTQ. Como já mencionado, Michael Cart e Christine Jenkins (2006) apontaram para a existência desse problema no mercado norte-americano, no qual o medo da controvérsia de se escrever sobre esses temas pode gerar grande "crítica às editoras, e mesmo boicotes e censura pública – particularmente quando um livro é destinado aos jovens"[24] (CART e JENKINS, 2006, p.XVII.).

Em entrevista[25], Rafaella Vieira afirma que, apesar de não ter sofrido retaliação por parte da editora que publicou *Sete Minutos no Paraíso*, ainda "há muito preconceito e censura de editoras grandes e tradicionais por obras juvenis brasileiras que tenham personagens principais LGBTQ e que a história gire em torno deles". Seu romance *Depois Daquele Beijo* foi publicado pela Brejeira Malagueta em 2011 e ela explica não ter tentado a publicação por outras editoras "não especializadas" por experiências anteriores: "com meus outros livros, o processo de aceitação por editoras grandes já estava complicado, por conterem cenas de sexo e tal, então pensei que com *Depois Daquele Beijo* seria mais complicado ainda, portanto nem tentei esperar por outras editoras", revela.

Felipe Barenco, autor de *Fake* (2014), conta que decidiu abrir sua própria editora para investir em suas publicações, visto que a demora das tradicionais para avaliar as obras é uma constante. Vinicius Fernandes, que publicou *Graham – O Continente Lemúria* (2014) sob o pseudônimo A. Wood, acredita que não conseguiu entrar em nenhuma editora maior por ser "um autor de primeira viagem, ainda sem público, quando comecei com 'Graham'", conta.

Para Barenco, não existe preconceito editorial com a "temática LGBT", "pelo menos não com os autores estrangeiros. Nos últimos três anos foram lançados inúmeros títulos com essa temática. Mas existe, sim, preconceito com a literatura nacional". Rafaella Vieira ainda

---

[24] "...while controversy can build a market for a title, it can also open publishers to criticism, boycotts, and public censure – particularly when a book is aimed at a young audience".

[25] Todas as entrevista com autores mencionadas no textos foram concedidas de forma particular à pesquisadora em novembro de 2016.

acrescenta que a justificativa das editoras grandes é que literatura nacional juvenil com personagens fora do padrão "não vende".

É notável, porém, a inserção de literatura juvenil internacional no mercado brasileiro, por meio de traduções, muitos deles com personagens LGBTQ e que já até figuraram nas listas de mais vendidos, tanto internacionais quanto nacionais, divulgadas por revistas de grande circulação no país (Veja, Época, Isto É etc.) e também por sites especializados, como o PublishNews[26]. Podemos citar *Will & Will*, dos autores mundialmente famosos John Green e David Levithan, cuja versão nacional foi lançada em 2013. Levithan é nome conhecido entre os jovens brasileiros, pois foi uma das apostas mais lucrativas de autores internacionais, cujos títulos, quase sempre romances juvenis gays, estão nas prateleiras de grandes redes de livrarias. Dentre eles podemos destacar *Garoto encontra Garoto* (2014, versão nacional pelo selo jovem da editora Record), *Todo dia* (2013, idem) e *Dois Garotos Se Beijando* (2015, idem). A série juvenil americana *Pretty Little Liars*, cuja versão nacional é da tradicional editora Rocco, também traz personagens LGBTQ. Temos ainda outras obras cuja vendagem não parece ser inexpressiva, como *Menino de Ouro* (2013, versão nacional pela Globo Livros), que trata de um protagonista intersexual, *Minha Metade Silenciosa* (2014, pela Gutemberg), *Aristóteles e Dante Descobrem os Segredos do Universo* (2014, pela Editora Seguinte, o selo jovem da também tradicional editora Companhia das Letras), *Eu Te Darei O Sol* (2015, pela Novo Conceito).

A aposta de editoras grandes em livros cuja diversidade de personagens esteja presente é uma realidade, no entanto a concentração ainda é nos romances estrangeiros. Barenco aponta que talvez possa existir censura no mercado nacional “tanto das editoras quanto dos leitores, quando é nacional e temática LGBTQ. Muito porque a literatura nacional dos anos 90 era meio erotizada”. Vinicius Fernandes complementa dizendo que já recebeu comentários de leitores “que diziam que meu livro ‘estava tentando fazer as pessoas aceitarem algo que não é normal’ e que ‘isso não podia acontecer’ e que ‘não conseguiam imaginar a figura de um herói sendo um homossexual’”.

Apesar disso, o autor se mostra esperançoso e confiante: “acho que atualmente a representatividade está se tornando bem maior na literatura, e espero que continue aumentando ainda mais”, declara. Como verificado pelo levantamento, ele está certo: a quantidade de títulos nacionais com personagens LGBTQs publicados nos últimos anos mais que dobrou – passando

[26] O ranking dos mais vendidos pode ser acessado aqui: http://www.publishnews.com.br/ranking

de quatro obras na década de 1990 para dez na década de 2000, e para mais de 40 depois de 2010.

Assim, das 62 obras, o número total de romances encontrados, foram selecionados três livros que possuem personagens homossexuais importantes para a narrativa, masculinos e femininos, sendo todos protagonistas de suas respectivas obras e contemplando assim as três chaves de oito anos entre 1990 e 2015. Dentre os 62 livros levantados durante o mapeamento, 17 possuem como personagem alguma garota lésbica ou bissexual, ou mesmo trans. Os 45 restantes trazem, basicamente, garotos homossexuais. Já que quase 75% da produção juvenil brasileira contemporânea se concentra em falar de homossexualidade masculina, este dado influenciou na seleção dos livros para esta pesquisa, sendo que dos três, dois trazem discussões sobre a homossexualidade masculina e somente um sobre a feminina.

A seleção ocorreu pelos seguintes critérios: primeiro, que o(s) personagem(ns) de interesse neste estudo fosse(m) de relevância para o enredo do livro. Ou seja, textos cujos personagens fossem secundários ou pouco explorados foram descartados. Segundo, que o livro estivesse acessível, disponível para venda e/ou em bibliotecas públicas, descartando-se então obras já esgotadas. O terceiro critério versou sobre a viabilidade do estudo, tendo em vista o tempo reduzido na sua condução: foram selecionados livros que pudessem ser lido pelos participantes sem prejudicar suas outras atividades diárias. Em suma, são obras pequenas e de fácil acesso, de leitura simples e rápida, que estão ainda disponíveis para venda e/ou encontram-se em bibliotecas.

Foram escolhidos os livros *O amor não escolhe sexo*, de Giselda Laporta (1997), correspondendo à primeira chave de 1990 à 1998; *À Procura do Encontro*, de Cristine Baptista (2000) representando a segunda chave, de 1999 à 2007; e *A garota da casa grande*, de Amanda Marchi (2013), com publicações entre 2008 e 2015. Um estudo analítico prévio foi realizado, tendo por base a literatura especializada, a fim de que fosse elaborado um roteiro de leitura para os participantes dos debates. Durante essa análise precedente também foram observadas a linguagem e a construção do personagem para que se trabalhasse a Teoria das Representações Sociais, já que, ao falar de representação, infere-se que os textos literários ficcionais podem incorporar verdades que dizem respeito não somente aos personagens ali retratados, mas também sobre pessoas que se identificam com eles, em eventos e situações similares (BECKER, 2009b).

Os três livros têm elementos em comum: todos tratam da “descoberta da homossexualidade” de pelo menos um dos personagens, que sempre é acompanhada de questionamentos diversos, muitas vezes perpassando a linha da “normalidade”. Os três textos,

coincidentemente, também abarcam assuntos mais sombrios, como a morte, discriminação, estigma e homofobia.

Em seu estudo de obras juvenis com conteúdo LGBTQ, Michael Cart e Christine Jenkins (2006) utilizam um modelo de análise que tentarei adaptar resumidamente para esta pesquisa. Trata-se do modelo de representação e inclusão LGBTQ em ficção juvenil de três partes, que explora os romances de acordo com três categorias: 1) Visibilidade homossexual; 2) Assimilação gay; e 3) Consciência e/comunidade queer.

1) Histórias de "visibilidade homossexual" normalmente focam num personagem "saindo do armário", ou seja, assumindo sua sexualidade para os demais, espontânea ou mesmo involuntariamente. A revelação normalmente é dramática e mostra que tal personagem não é claramente "um de nós", tendo de ser reintegrado ao meio social em que vive – agora com uma "condição" que o "diferencia" dos outros.
2) Histórias de "fusão" ou "assimilação gay" consideram a existência e o convívio de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Incluem personagens que são, entre outras características, gays ou lésbicas ou bissexuais ou trans, assim como são canhotos ou destros – ou seja, uma característica prévia, não discutida ou não tão importante para a trama.
3) Textos que mostram uma consciência e/comunidade queer incorporam a existência de "outros iguais", não limitando a visão do leitor aos personagens centrais ou suas culturas. Essas obras tendem a dialogar com sujeitos de todas as orientações sexuais e identidades de gêneros de forma mais abrangente, sem pender para o lado do ativismo.

Tal modelo pode ser utilizado em diversas análises de literatura, principalmente em se tratando de um estudo longitudinal ou historiográfico, focado no exame da representação e inclusão ao longo do tempo. Isto acontece porque, de acordo com Cart e Jenkins (2006), as categorias são cronológicas; uma surge em decorrência da outra e de seus momentos históricos específicos. Por exemplo, a consciência social de que outras sexualidades existem, mesmo que representadas pelo ponto de vista da heterossexualidade, fez surgir as histórias de "visibilidade homossexual"; a "fusão" ou "assimilação gay" veio à tona com a já inegável diversidade presente na sociedade; e a terceira categoria abarca livros com consciência social e também cultural suficientes para representar e incluir uma minoria de forma autêntica, sem pautá-la em preceitos de outro grupo social. Assim, cronologicamente, a tendência foi a escrita de uma literatura com conteúdo homossexual através de uma perspectiva heterossexual, passando por

como homossexuais são/eram vistos por outros, e desembocando em como são/eram vistos por eles mesmos.

Nesta pesquisa, foi feito o levantamento da presença de personagens que escapam à heteronormatividade ao longo das décadas de 1990 e 2000, além da primeira metade da década de 2010. Não é intenção analisar todos os livros encontrados, portanto o modelo só será utilizado para destacar em que momento cronológico, por assim dizer, as obras selecionadas se encaixariam. Assim, falarei brevemente sobre os títulos brasileiros escolhidos e a presença (ou não) desses elementos em seu conteúdo, categorizando-os resumidamente de acordo com o modelo apresentado.

### *3.1.1 – 1990 a 1998: O Amor Não Escolhe Sexo*

Publicado em 1997, *O amor não escolhe sexo* foi escrito pela jornalista Giselda Laporta, autora de muitos outros títulos infantis e juvenis. Uma característica de suas obras é a abordagem de temas que, segundo a própria autora, ajudam a combater o preconceito contra minorias, incluindo LGBTQs. Neste livro, acompanhamos a narração em terceira pessoa da história de alguns jovens, dentre eles Marco Aurélio e Gislaine, Cristiano e Tamires, dois casais jovens, cujas idades se aproximam dos dezoito anos, e que vão descobrindo suas personalidades distintas. Apesar de ser o mais antigo publicado, foi o terceiro e último a ser utilizado e mencionado nas discussões por se tratar do que contém maior número de páginas (125) e também por intercalarmos a leitura entre textos com personagens homossexuais masculinos e femininos[27].

A narrativa é em terceira pessoa, porém centrada no personagem do Marco Aurélio e seus questionamentos. O livro tem ilustrações que remetem a ele, como a motocicleta e o futebol, retratados na página 11. A linguagem é fácil, mas tem um cunho bastante didático, principalmente explicando questões medicinais e historiográficas – a personagem da Gislaine, por exemplo, vai a uma consulta à ginecologista, que é extremamente didática e explicativa, chegando a ser inverossímil.

[27] A edição aqui utilizada é da Editora Moderna, na segunda reimpressão, datada do ano de 2001. Na análise, portanto, serão mencionadas somente as páginas, tanto desde quanto de todos os outros três livros selecionados e utilizados nas rodas de conversa.

Figura 1 - Ilustração da página 11

Fonte: *O amor não escolhe sexo*, 1997.

A mãe de Marco é psicóloga, o que incute no texto diversos momentos de “terapia”, como na página 43 em que a discussão gira em torno do conceito de normalidade. O pai é visivelmente homofóbico e traz ao texto várias passagens polêmicas, como a insinuação de uma “cura gay” (p.49) e um discurso médico pautado na homossexualidade como doença.

Tais momentos geram inevitáveis questionamentos no leitor, mesmo porque os outros personagens, principalmente a mãe, incluem novos elementos para as discussões, tendo a autora

destinado um capítulo inteiro (capítulo X) a discutir as "origens da homossexualidade" e a trajetória de sua aceitação (ou não) na sociedade.

Além disso, o texto também coloca passagens sobre machismo (p.61), quando a inversão de "papéis" entre quem dá e quem recebe flores é examinada. Traz ainda questionamentos sobre a heteronormatividade (p.67, 69), sendo, porém, todos os personagens enclausurados nesta ideia, mesmo que Marco tente desconstruí-la. No início no livro, levanta-se até a noção de profissões nas quais "não fica bem" ou "não é lugar" para homossexuais ("exército não era lugar para homossexual", "professor também não dá", p.19), questionando ainda o comportamento padrão (p.83).

Em suma, a leitura é, de fato, bastante didática, dando a impressão de que a autora está, através principalmente das falas dos personagens profissionais (da ginecologista, da psiquiatra, do médico etc), sempre tentando ensinar algo sobre o que é ou não ser normal (p.43). Uma das maiores reflexões do texto, contudo, é sobre a "auto homofobia" vivida por Marco e que desencadeia mais ao fim um importante início do debate sobre identidade de gênero (p.119) e a naturalização de outras sexualidades (p.120).

Em relação às categorias de análise, a trama se encaixa claramente em "visibilidade homossexual", por focar nas considerações de Marco e sua exposição (involuntária), mas também possui elementos de "assimilação", na medida em que traz o personagem de seu tio, gay assumido desde muito novo, e cuja orientação sexual é posta somente como mais uma de suas características, assim como o são sua profissão, seus hobbies etc. Ainda que de forma indiferente à trama, também traz elementos de "consciência e/comunidade queer" na medida em que as "origens da homossexualidade" são relatadas, evidenciando a presença de "outros iguais" ao longo da história.

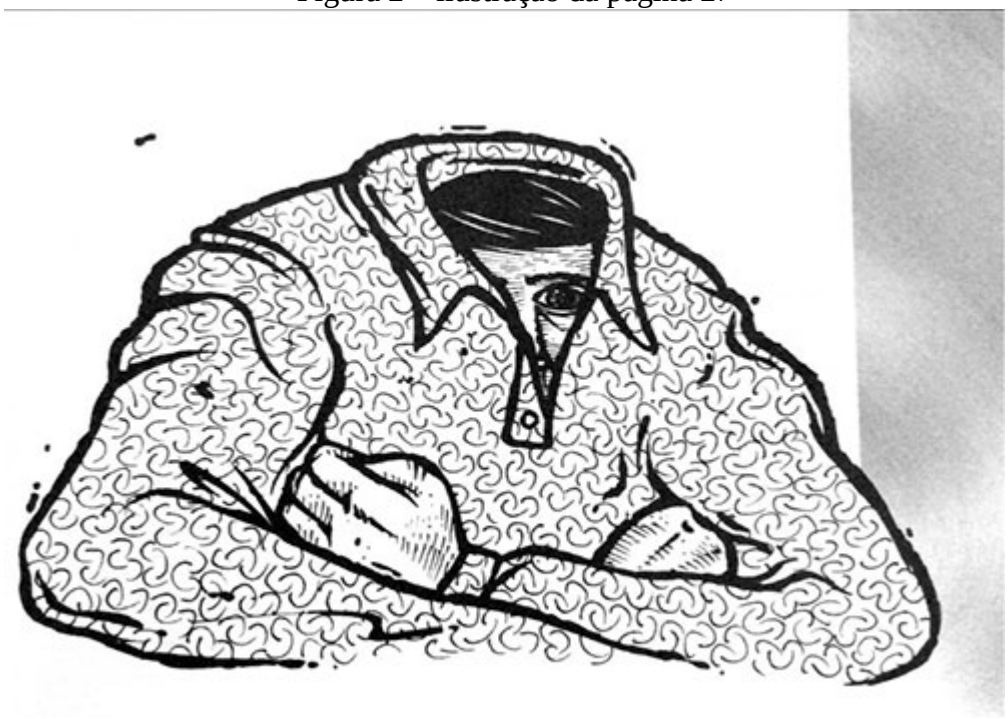
### *3.1.2 – 1999 a 2007: À Procura do Encontro*

*À Procura do Encontro* data de 2000 e foi escrito por Cristine Baptista[28]. Foi o primeiro livro utilizado nas discussões por ser o menor entre os três, contando com apenas 76 páginas. Ele possui desenhos que ajudam a tornar a leitura menos cansativa e também a ilustrar a história, como, por exemplo, a que se encontra na página 27, mostrando um garoto apreensivo e tremendo, se escondendo dentro do próprio casaco. O texto tem uma linguagem fácil e um

[28] Neste estudo foi utilizada a versão original da Quinteto Editorial, primeira impressão, de 2000.

enredo sem delongas. A história, também contada em terceira pessoa, trata da vida de Gabriel, um garoto de quinze anos que tem muitas dúvidas sobre sua sexualidade.

Figura 2 – ilustração da página 27



Fonte: *À Procura do Encontro*, 2000.

O livro traz muitos momentos de reflexão para o leitor, cuja narrativa deixa que se misture os pensamentos do personagem aos da autora-narradora. Há diversas passagens em que a narração questiona o que é "ser normal", qual padrão define quem ou o que é diferente, e os personagens secundários incitam essa discussão. Dentre os coadjuvantes, temos a presença dos pais de Gabriel, de sua irmã e tios, além de seus amigos da escola e seus envolvimentos amorosos.

A todo instante Gabriel também se questiona se ele "é errado", pois parece não se encaixar no padrão de conduta das pessoas que o rodeiam (p.26). Seu pai reforça essa ideia, relatando em várias passagens o que é "ser homem" ou "como homem deve agir", reforçando que ele precisa se moldar a tal para ser aceito (p.30, 34). Além disso, principalmente as personagens femininas questionam se é "natural" o modo de agir de Gabriel, que não parece se interessar por elas ou pelas investidas de suas namoradas para avançar na relação. Uma delas chega a afirmar que é "antinatural" gostar de alguém do mesmo sexo (p.32) e que Gabriel é "esquisito, problemático, talvez doente" por não se interessar por ela (p.43).

No geral, o discurso dos personagens é bastante heteronormativo e homofóbico, tendo o próprio protagonista sempre questionando se suas atitudes eram consideradas aceitáveis ou

normais para sua família e para o resto da sociedade. O personagem principal narra a si mesmo de acordo com normas prévias, caracterizando-se como “fora da lei”. A autora, no entanto, deixa a resposta para tais questionamentos em aberto, o que facilita a reflexão e o diálogo entre os leitores, fazendo-os pensar a respeito de tais assuntos. O texto também trabalha a ideia de “sair do armário” como um processo de aceitação e participação da coletividade até os momentos finais do livro, quando o personagem passa a não se sentir mais um “transgressor” da regra (heterossexual).

A trama se adéqua, portanto, à categoria da “visibilidade homossexual”, por trazer as angústias de Gabriel em justamente “sair do armário” para a família, sem incluir qualquer outro elemento de “comunidade” ou “assimilação”.

### *3.1.3 – 2008 a 2015: A Garota da Casa Grande*

Amanda Marchi tinha dezoito anos quando escreveu *A garota da casa grande*, seu livro de estreia publicado em 2013[29]. Ele é narrado em primeira pessoa e pela personagem principal, Georgia, que passa férias na casa de sua avó em uma cidade pequena do interior. Lá, ela conhece Alice, sua vizinha, e as duas engatam um relacionamento fadado ao término junto das férias da protagonista.

Contando com 111 páginas e sem ilustrações, foi o segundo livro utilizado nas discussões e, por ter sido escrito em primeira pessoa, as ideias da história e as reflexões da personagem se misturavam entre si, diferentemente dos outros dois textos aqui trabalhados. A personagem principal, Georgia, traz alguns questionamentos sobre a vida no interior e a religiosidade que, de acordo com ela, reforça a heteronormatividade em lugares como estes (p.13,14). Apesar disso, também mostra a outra faceta da religião, aquela que acolhe e não discrimina (p.61), o que gera bastante reflexão por parte do leitor.

O enredo é bem dinâmico, contando com aventuras, relatos de festas e peripécias, além de incluir outro importante debate: o das drogas. Vemos também, a partir de momentos que as duas meninas vivem ao longo da trama, discursos como o de “correção” da homossexualidade (p.72) e sobre estereótipos em relação aos garotos homossexuais apresentados (“gostar de coisa de menina”, saber sobre moda, gostar de “homem bombado” – p.88 e 89), o que gera grande discussão.

[29] A versão do texto aqui utilizada foi a primeira, publicada pelo selo Novos Talentos da Literatura Brasileira, da Editora Novo Século, em 2013.

Dentre os três livros selecionados, este é o único que traz personagens gays e lésbicas convivendo entre si, o único que fala sobre uma “comunidade” – inclusive descrevendo uma boate “GLS” e encaixando o livro na última das categorias, a de consciência e/comunidade queer. A personagem-narradora é bastante confiante e certa de si, deixando o drama da “descoberta homossexual” para a coadjuvante, Alice, que incorpora então a categoria de “visibilidade”. Ao mencionar outros amigos desta, apresentando suas orientações sexuais como dadas e não questionadas, a autora também traz elementos de “assimilação gay”.

## 3.2 – Organizando nossas rodas de conversa

Os jovens selecionados para esta pesquisa obedeceram aos seguintes critérios: todos possuem entre 14 e 19 anos de idade, condizentes com as idades representadas pelos personagens dos livros que se propuseram a ler. As rodas de conversa aconteceram em dois momentos: o primeiro, por meio de encontros realizados mensalmente, entre julho e outubro de 2016, com os dois primeiros grupos selecionados. Esses jovens são alunos de uma escola profissionalizante da região central de Belo Horizonte, cujo público caracteriza-se por pertencer à classes mais baixas, apesar de isso não ser uma regra. O segundo momento aconteceu posteriormente, com a inclusão de um terceiro grupo de alunos de uma escola particular da região centro-sul de Belo Horizonte. Os alunos dessa escola pertenceriam a uma classe média alta e seus pais, de modo geral, são detentores de altos capitais econômico e cultural. Além disso, há uma especificidade em relação à própria instituição, considerada uma “escola alternativa”, por usar de pedagogia construtivista. O seu público, então, de modo geral, possui um estilo de vida considerado também alternativo. Com os alunos dessa escola foram feitos somente dois encontros: um para apresentar o projeto e verificar os interessados em participar, e um que se configurou como a roda de conversa propriamente dita. Assim, os dois primeiros grupos discutiram os três livros de forma separada, e o terceiro grupo os discutiu de forma conjunta, num único debate.

Nos quadros seguintes apresentaremos os participantes dos grupos para uma melhor experiência na leitura.

**Quadro 1 – característica dos participantes do grupo 1**

| Nome[30] | Idade | Sexo biológico de nascimento | Orientação sexual Autodeclarada | Classe social Autodeclarada |
|---|---|---|---|---|
| Mateus | 18 anos | masculino | Homossexual | Classe média baixa |
| Rita | 16 anos | feminino | Heterossexual | Classe baixa |
| Caio | 15 anos | masculino | Heterossexual | Classe média baixa |
| Alice | 16 anos | feminino | Heterossexual | Classe baixa |
| Beatriz | 18 anos | feminino | Homossexual | Classe média baixa |

Fonte: elaborado pela própria autora.

**Quadro 2 – característica dos participantes do grupo 2**

| Nome[31] | Idade | Sexo biológico de nascimento | Orientação sexual Autodeclarada | Classe social Autodeclarada |
|---|---|---|---|---|
| Ivo | 18 anos | masculino | Homossexual | Classe média baixa |
| Sara | 18 anos | feminino | Heterossexual | Classe média |
| Flávia | 15 anos | feminino | Heterossexual | Classe média baixa |
| Vivian | 17 anos | feminino | Heterossexual | Classe média |
| Gustavo | 16 anos | masculino | Homossexual | Classe média baixa |

Fonte: elaborado pela própria autora.

[30] Nomes fictícios.
[31] Nomes fictícios.

**Quadro 3 – característica dos participantes do grupo 3**

| Nome[32] | Idade | Sexo biológico de nascimento | Orientação sexual Autodeclarada | Classe social Autodeclarada |
|---|---|---|---|---|
| Julia | 14 anos | feminino | Heterossexual | Classe média alta |
| Luan | 17 anos | masculino | Heterossexual | Classe alta |
| Artur | 14 anos | masculino | Heterossexual | Classe alta |
| Isabela | 14 anos | feminino | Heterossexual | Classe média alta |
| Clara | 14 anos | feminino | Bissexual | Classe alta |
| Isis | 14 anos | masculino | Heterossexual | Classe alta |
| Amanda | 15 anos | feminino | Bissexual | Classe alta |
| Maria | 14 anos | feminino | Heterossexual | Classe alta |
| Mateus | 14 anos | masculino | Heterossexual | Classe alta |

Fonte: elaborado pela própria autora.

A princípio, os participantes dos dois primeiros grupos foram eleitos de forma arbitrária, tendo a pesquisadora divulgado o estudo na escola profissionalizante onde trabalha, nas salas de aula de diversos cursos (Administrativo, Técnico em Farmácia, Inglês), perguntando quem gostava de ler e tinha interesse e disponibilidade em participar dos encontros. O “gostar de ler” sendo um dos critérios de eleição só foi mencionado para que a participação não se tornasse maçante ou obrigatória, sendo escolhidas, portanto, pessoas que tinham real e voluntário interesse em contribuir. Dentre os mais de 500 alunos atingidos em tal ação, cerca de dezoito se inscreveram num primeiro momento, em meados de maio de 2016. Ao contatá-los posteriormente com a data e horário dos encontros, porém, alguns desistiram de participar. Assim, foi utilizado o método de indicação junto aos confirmados para encontrar novos participantes, também fora do eixo da escola. Ao final as rodas foram realizadas com 10 jovens, cinco homens e cinco mulheres, de escolaridades e classes sociais variadas, como também de orientações sexuais diversas, incluindo os que se identificam como heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Seguindo as recomendações metodológicas (GASKEL, 2002; AFONSO e ABADE, 2008; MELLO et al., 2008), esses jovens foram divididos em dois grupos

[32] Nomes fictícios.

para facilitar a discussão, com cinco participantes cada, tendo sempre a presença de dois garotos em cada um deles. Esses jovens serão aqui referenciados como membros do primeiro e do segundo grupo.

Os participantes do terceiro grupo são todos alunos do ensino fundamental da escola particular acima citada e contou com a fundamental colaboração da professora de literatura, que utilizou os livros aqui selecionados e as rodas de debate como parte de seu programa avaliativo. Num total de quinze alunos, nove deles se comprometeram a participar, enquanto os outros escolheram realizar uma atividade paralela e sem vínculo com este estudo. Por se tratar de uma discussão realizada em aula com período de duração delimitada, o conjunto foi mantido sem divisões.

Tivemos, portanto, três grupos de discussão. A pesquisa foi realizada em dois espaços: no Instituto Casa Viva, escola localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, e no espaço cedido pelo Centro Brasileiro de Cursos, o CEBRAC, uma escola de ensino profissionalizante localizada na região central de Belo Horizonte cuja localização era facilitada a todos os participantes.

Com os primeiros dois grupos foram propostas três rodas de conversa, cada uma referente a um dos livros selecionados. Deste modo, os participantes tiveram a oportunidade de focar suas atenções em uma trama de cada vez, podendo, ao final, conectá-las e dar sua opinião de forma geral. Os jovens tiveram cerca de três semanas para ler o exemplar da obra, doada a eles, e então comparecer ao encontro. O intervalo entre cada roda de conversa foi de cerca de um mês, sendo a primeira realizada em 29 de julho, a segunda em 26 de agosto e a terceira, em 30 de setembro. Durante todos esses encontros, que tiveram duração aproximada de uma hora e meia, foi servido um lanche para ajudar a deixá-los mais à vontade.

Como já mencionado, com o terceiro grupo foram feitos dois encontros, sendo o primeiro para que conhecessem brevemente a pesquisadora e o estudo, e o segundo a própria roda de conversa, realizada durante duas aulas geminadas da disciplina de literatura, tendo duração aproximada também de uma hora e meia. O terceiro grupo discutiu brevemente os três livros apresentados em um único momento, limitando a conversa aos pontos centrais de cada trama. Os alunos utilizaram do roteiro guiado de leitura para fazer considerações maiores sobre questões que não tivemos tempo de abordar durante a fala.

O registro das interações ocorreu por meio da gravação em áudio dos debates, com permissão de todos os participantes e dos responsáveis, no caso dos menores de idade. A presença do gravador não inibiu a participação em nenhum dos grupos ou ocasiões, já que todos foram instigados diretamente a dar sua opinião. Também foram feitas anotações dos

acontecimentos pela própria pesquisadora durante as discussões, tais como falas, reações, gestos corporais e impressões.

Todos os participantes receberam um roteiro de leitura junto ao livro, porém os dos primeiros dois grupos não foram instruídos diretamente a respondê-los via escrita. Contudo, muitos responderam às perguntas propostas de forma escrita e elaborada, por vezes lendo em voz alta e complementando a escrita com o momento da fala. Por se tratar de uma atividade avaliativa, todos os participantes do terceiro grupo responderam de forma escrita. Tais respostas foram colhidas pela pesquisadora com o mesmo intuito, de clarear e corroborar suas falas. Foi observado que raramente houve mudança de opinião durante a discussão; ou seja, as respostas escritas espelhavam as falas dos participantes e mesmo o debate não mudou significativamente seus pensamentos prévios.

A principal dificuldade desta pesquisa foi anterior às rodas, mais especificamente na formação destas. Foram encontrados poucos jovens interessados em leitura ou que já tivessem tal hábito – inclusive uma das participantes confessou ter um "preconceito com literatura em geral" por achar que os livros são muito "fantasiosos" e desinteressantes. Ao final das conversas, porém, muitos quiseram saber de outras obras com temáticas parecidas e se mostraram curiosos, afirmando quase sempre que era a primeira vez que encontravam personagens "daquele tipo" em literatura nacional. No entanto, três deles mencionaram conhecer alguns livros estrangeiros que foram traduzidos no Brasil, e já mencionados no início deste capítulo, cujos personagens se encaixam na sigla LGBTQ.

Durante as rodas de conversa, a dificuldade foi manter o foco das discussões no tema proposto, visto que as interações via de regra eram pautadas por vivências pessoais, intermeadas por histórias que por vezes levavam a outros assuntos. Um aspecto a ser notado é que a conversa foi mediada por experiências pessoais, reflexões realizadas tanto ao longo da leitura, quanto da interação entre eles. Notou-se ainda que houve divergências nas resposta entre os grupos, e que podem estar vinculadas ao pertencimento a uma ou outra classe social, visto que são jovens de escolas diferentes e que estão localizadas em bairros com características diferentes, como já mencionado. Tais opiniões divergentes serão apontadas no decorrer da análise e também foram instigadas pela própria pesquisadora. Envolveu, portanto, um conjunto de trocas de experiências e conhecimentos entre os participantes, culminando num processo de aprendizagem situacional a partir dos pontos de vista ali apresentados pelas interpretações dos presentes (ENGEL, 2000; PIMENTA e FRANCO, 2008). Afinal, como Mary Jane Spink e Vera Menegon (SPINK e MENEGON, 2000, p.85) colocam, "pesquisador e participante são

considerados colaboradores na produção do conhecimento" e "os integrantes, incluindo o pesquisador, são pessoas ativas no processo de produção de sentidos".

De forma geral, a participação foi balanceada, todos falando abertamente e sem muitas interrupções. Houve um ou outro membro que se manteve mais calado, mas compareceu às rodas e respondeu de forma escrita às perguntas do roteiro. Todos os participantes se expressaram de forma clara e, quando não o fizeram, foram questionados pelos próprios membros do grupo para que explicassem melhor seus pontos de vista.

Na transcrição das conversas procurou-se ser fiel às falas, sem a utilização de correções que pudessem alterá-las, mantendo também as gírias usadas, visto que elas não atrapalham a sua compreensão. Os nomes dos participantes são fictícios, no intuito de preservar suas identidades, tendo somente suas idades reais reveladas.

Para refletir sobre as discussões ocorridas nas rodas de conversa, relacionando as falas dos jovens com as questões teóricas aqui apresentadas, foram utilizadas determinadas categorias de análise:

> As categorias constituem importantes estratégias linguísticas estando presentes na própria organização da linguagem (verbal, escrita, gestual, icônica). Utilizamos categorias para organizar, classificar e explicar o mundo. Falamos por categorias. [...] São estratégias linguísticas delineadas para conversar, explicar, organizar e dar sentido ao mundo, cujas especificidades estão vinculadas ao contexto que as produzem (SPINK e MENEGON, 2000, p.78-79).

O que se segue, portanto, é a análise da interação dos jovens nas rodas de conversas, baseadas na leitura dos livros selecionados, sobre assuntos posteriormente categorizados como sexualidade em geral, representação e verossimilhança, heteronormatividade, preconceito, religião, estereótipos, gênero, binarismo, padrões e normalidade, masculinidades, efeitos da literatura, produtos culturais em geral, escola e família. Ao longo da análise, porém, não dividirei o texto de forma explícita em cada categoria, pois nem sempre são abarcadas por todas as rodas de conversa. Elas serão mencionadas no texto corrido de forma a organizar o estudo e quando se destacarem nas falas dos participantes.

### 3.3 – *O Amor Não Escolhe Sexo* e o debate da década de 1990

O livro mais antigo da seleção, datado de 1997, foi o último a ser debatido entre os dois primeiros grupos, e o último a ser mencionado na roda com o terceiro grupo, portanto durante as discussões houve momentos em que ele era comparado aos outros romances. Exatamente

por ser o mais antigo, será o primeiro analisado nesta pesquisa, a fim de que possamos explorar também suas épocas de publicação de forma cronológica.

De maneira geral, durante todas as rodas utilizamos um roteiro de leitura para conduzir a conversa, o que também ajuda a categorizar o texto. As primeiras questões abordadas diziam respeito aos personagens e sua identificação com o leitor, referindo-se à categoria da verossimilhança e ao "sentimento de verdade" tratado no capítulo anterior desta dissertação. Em relação ao livro mais antigo, foi importante perceber que os jovens ainda se identificam com os personagens, apontando que eles poderiam ser encontrados na realidade, mesmo tendo se passado tanto tempo da data de publicação.

> Tipo, amigas minhas mesmo, eu falei "nossa... olha você aqui!" O personagem dela [Tamires] é odiado, mas eu gostei. Porque a essência dela é muito verdadeira, sabe? É daquelas meninas de escola mesmo (...). A essência da Tamires é muito, muito real. Eu falei, tipo, meu Deus, eu conheço um monte de Tamires! (...) O bom é que eu estava lendo livro na sala de aula então, tipo, eu via o personagem e já olhava pra pessoa da minha sala… aqui ó, é você! (Risos) (Gustavo, 16 anos).
>
> Eu conheço um monte desses (risos) (Flávia, 15 anos).
>
> São pessoas muito possíveis [ainda] (Vivian, 17 anos).

Um dado particular nesse livro é que a identificação ocorreu de formas diversas e não diretamente com os personagens principais, fato que foi pouco observado durante as discussões dos outros livros. Muitos, por exemplo, se identificaram com a personagem da mãe do Marco Aurélio, cuja profissão (psicóloga) a coloca numa posição privilegiada na trama, pois é quem tem uma vivência e mente mais abertas, característica que foi ressaltada nas rodas de conversa dos dois primeiros grupos:

> Eu me identifico muito com a mãe dele (Vivian, 17 anos).
>
> [Me identifico] com a mãe do Marco, pelo jeito dela pensar e tal, e pela profissão que eu escolhi, me identifico com essa parte (Sara, 18 anos).
>
> Eu acho que, assim, eu me identifico aqui com algumas ações de alguns personagens. Mas com o personagem não (Gustavo, 16 anos).
>
> Eu também acho que é mais ação assim... De algumas coisas. Tipo, ver aquilo, tipo assim, está muito presente no seu dia-a-dia, mas agora ser assim, tipo "ah, eu acho que eu sou esse personagem", não (Ivo, 18 anos).

Os pais do personagem principal também foram comparados — como semelhantes — aos pais dos participantes. Foi perguntado, então, se essa semelhança entre os pais da ficção e da realidade seria maior entre as mães (do personagem e as deles) ou os pais, e sua resposta

mostra que o preconceito do pai, reiterado a todo o momento na trama, é o elemento que mais faz a ligação entre o pai da ficção e os próprios parentes. Mesmo que o pai e a mãe tivessem profissões ligadas à saúde (a mãe psicóloga e o pai dentista), os jovens afirmaram que a profissão de psicóloga pode ser um importante fator para que não se crie um filho com preconceito. Como aponta Facina (2004), se a literatura não pode ser pensada como um reflexo da vida social "real", por outro lado, ela pode a um só tempo revelar e contribuir para a construção de visões de mundo de determinados grupos em determinados contextos. Ou seja, a ficção pode (e muitas vezes o faz) representar a realidade.

> A profissão influencia um pouco. [Porque] psicologia mexe muito com a mente, aí ela entendia um pouco mais sobre o que ele [Marco Aurélio] estava sentindo (Caio, 16 anos).

Foi comum nas falas dos participantes, a ideia de que a homossexualidade estaria ligada não ao "biológico", mas à "mente" e é por isso que a mãe de Marco aparece como uma pessoa capaz de aceitar a orientação sexual do filho (e a homossexualidade em geral), ser mais compreensiva, diferentemente do pai, dentista.

> O curso de psicologia... Tipo, você vê um monte de coisa, aí você tem que desconstruir um monte de coisinha porque tipo, cê vai tratar de pessoas. (...) Acho que psicologia ajuda nisso, você tentar ver as pessoas não julgando. (...) Eu acho que psicologia também é mais aprofundado nessas questões, e medicina vai mais para áreas certinhas... Certinhas não, áreas mais biológicas, por assim dizer. Talvez por isso [o pai dele seja mais preconceituoso] (Sara, 18 anos)

Por outro lado, principalmente por parte dos jovens que se identificam como homossexuais, há uma maior predominância do discurso biológico:

> Eu já tentei de todas as maneiras possíveis falar com as pessoas da minha família que as pessoas nascem assim. Eu dava até exemplos de meninos mesmo, que eu gosto muito de música, meninos que nascem com voz de mulher, que são os contra tenores, que, tipo… a voz dele não fica assim do nada, sabe? Ele já nasce com a voz super aguda então é uma coisa biológica. E essa necessidade de caçar, tipo, argumentos sabe, pra explicar que a pessoa nasce assim sabe? E a pessoa não entende, não entende... (Gustavo, 16 anos).

E, nesse caso, mesmo a psicologia possibilitaria o entendimento da sexualidade como vinculada à esfera da "biologia" e não da "mente", como revela a fala de Gustavo (16 anos):

> porque ela [a mãe de Marcos] viu, e aprendeu. Acho que muitas pessoas que têm preconceito com homossexuais é porque não sabe... Ela estudou e viu o que é uma coisa natural. Ninguém se torna homossexual, as pessoas nascem (Gustavo, 16 anos).

Ao final do livro, o personagem principal tem uma conversa com um psiquiatra, na qual discorre sobre a possibilidade de o ser humano incorporar sexualidades diferentes em determinadas situações ("porque o ser humano não é uma coisa estática, tipo receita de bolo, e seu comportamento, incluindo o sexual, depende das circunstâncias nos vários períodos da vida", p.120), e ainda coloca em suspenso a própria homossexualidade do personagem principal, que pode muito bem ser bissexual, pois já se relacionou com garotas. Isso levantou nos jovens uma reflexão acerca de suas próprias convicções sobre a categoria da sexualidade em geral, gerando indagações por parte dos outros membros do grupo em relação ao debate contemporâneo sobre a fluidez da sexualidade e do gênero, cuja incitação é presente nesta obra.

> Tanto que no livro eu li uma coisa que, tipo, eu não sabia… Eu não sabia que a pessoa depois de velha descobria a homossexualidade. Porque pra mim ela sempre sabia, sabe? (Gustavo, 16 anos).

> Eu já escutei tanta coisa... Igual, eu, ano passado, eu estudei com um amigo meu, o Rafael[33]. E ele falou que, tipo assim, ele sempre foi gay... Só que outro dia eu também escutei uma menina na minha sala, falando que em determinada fase da vida dela, ela gostava de meninas. Mas aí ela ficou mais velha e aí ela não gosta mais de meninas, ela gosta só de meninos. Entendeu? Então eu fiquei pensando nisso... Tem tanta coisa. Igual o psiquiatra falando com ele [com o Marco] que de repente não era uma coisa fixa, que ele poderia mudar e tal, e já tem gente que fala que você nasce assim, e tem gente que fala que você pode mudar, tem gente que fala que em determinada pessoa pode ser o caso de ser uma fase… Ou pode ser um caso que não é fase (Vivian, 17 anos).

No que se refere à categoria da homofobia, as discussões nas rodas de conversa mostraram que, mesmo com o passar dos anos, o preconceito é ingrediente persistente na sociedade em que vivem, ainda que na contemporaneidade este possa ser mais dissimulado.

> Minha mãe [se identificaria] com a mãe dele, meu pai com o pai dele. Porque minha mãe é mais assim, ela nasceu nos anos 60, ela foi criada de uma forma mais fechada e tal, mas ela é super aberta a essas coisas… Eu fico boba porque às vezes você comenta uma coisa que pode até ser uma coisa que ela estranharia, mas ela não estranha… E ela até tenta aceitar as coisas. Mas meu pai já é o pai do Marcos, já é tipo assim: "não, eu não tenho problema, não tenho nada, não é minha vida", mas tem uma hora ou outra que começa a falar… a ser preconceituoso. Aquele bom e velho preconceito velado (Sara, 18 anos).

> Meu pai é bem o tipo do [pai] do Marcos. Pensa mesmo, "é o fim do mundo", que está criando uma "nova raça", assim... coisas do tipo, e minha mãe tem um pensamento querendo… ela tem a cabeça mais aberta por se tratar de um filho dela, ter o assunto dentro de casa, querer buscar entender e tal. Eu vejo isso nela, mas ela também tem a cabeça muito fechada. Então, tipo, pensamentos que ele tem, ela compartilha da mesma opinião (Mateus, 19 anos).

> Eu acho que se fosse no meu caso, meu pai seria que nem a mãe do menino lá, no meu caso se fosse comigo, se acontecesse comigo. E minha mãe já seria como o pai dele.

[33] Nome fictício.

> Mas se fosse com meu irmão, meu pai seria igual o pai dele, e minha mãe igual à mãe... (Alice, 16 anos)

> Se for parar pra pensar, nem com o pai os meus pais se comparam, digamos, porque o pai dele fala assim: “não, não tenho preconceito”, ele só faz as piadinhas de quebra. Os meus pais não, é errado! “É coisa do demônio” (risos) (Ivo, 18 anos).

O preconceito velado, na visão dos jovens, é visto como estratégia para a não aceitação de fato de outras sexualidades. Assim, o ato de “aceitar” a homossexualidade dos outros, mas não do próprio filho, faz do pai do Marco Aurélio um personagem verossímil na medida em que o mesmo discurso é replicado ainda hoje em dia, inclusive na própria família dos participantes dos dois primeiros grupos.

> Um personagem que eu achei, tipo, um personagem que tem na vida real hoje, nos dias de hoje, é o pai dele. Que tipo, se diz que não é homofóbico, mas ao mesmo tempo é homofóbico (Gustavo, 16 anos).

> O meu pai é aquela pessoa. Meu pai vou chegar em casa e contar: “você existe na literatura!” (Vivian, 17 anos).

> Não sendo aqui, tá bom, é mais ou menos assim o pai dele (Ivo, 18 anos).

> E aí tem essas coisas da gente achar que na família você pode falar o que você quiser, você tem que se impor e ainda mais ele [o pai do Marco], que tinha aquele pensamento de macho alfa, líder da família, que ele impõe o que ele quiser. Aí tem isso que quando ele está atendendo [no consultório], ele está lidando com outras pessoas que ele não paga as contas, que ele não tem nada a ver com aquelas pessoas, não tem obrigação nenhuma com elas. Muito pelo contrário, elas estão procurando ele… Então aí ele trata porque não é problema dele. Não tem a ver com ele, não tem uma convivência com ele. Já família dele é outra coisa, e ele acha que ele pode mandar. Eu percebi ele com uma pessoa assim. Que ele fala que ele não está nem aí, até porque eu achei ele bem sem respeito, apesar de homofóbico ele não teve respeito nenhum pelo irmão dela [da esposa]. E ela você vê que é uma pessoa que vivenciou isso com o irmão dela, ela parece ser mais flexível que ele e ela abraçou a causa de entender o lado da outra pessoa. Ele não. Ele entende o lado de quem ele não tem nada a ver. Da família dele, ele só quer mandar. Eu percebi ele como uma pessoa assim (Vivian, 17 anos).

Tais falas corroboram a ideia de Marta Lamas (1999) já apresentada anteriormente da tolerância como uma “estratégia de condescendência”, que acaba evidenciando a violência simbólica com a qual os sujeitos de sexualidades tidas como dissidentes têm de lidar, tal fato sendo reproduzido também em produtos culturais que mostram essa dissimulação.

> Só deixa velado assim, "não, está tudo bem aqui, mas..."... Eles velam as coisas, sabe, tipo, fingem que está tudo bem, mas no fundo… é aquela velha história: eu não sou preconceituosa, mas... (Sara, 18 anos).

> Também tem aquela: têm pessoas que são super compreensivas na frente, aí pelas costas fala outras coisas. Tudo bem, não atinge a pessoa diretamente, mas acho que tem que zelar pela opinião ali (Mateus, 19 anos).

Ainda ao falar sobre a mãe de Marco Aurélio, representada como a personagem que mais traz discussões sobre “normalidade”, sexualidade e uma figura materna bastante presente, aberta ao diálogo e questionadora, sua profissão foi ressaltada como facilitadora, mas também a convivência com o irmão homossexual foi outro elemento importante para suas atitudes se diferenciarem das do marido. Assim, o cotidiano da personagem e seu modo de tratar o tema, por causa da vivência familiar, influenciaram diretamente em seu ponto de vista – tal detalhe pode ser repassado também para a vida real, de acordo com os jovens, pois as pessoas se mostram mais conscientes de outras sexualidades a partir do momento em que convivem com pessoas que se identificam com elas.

Porém, os participantes observaram o aparente exagero por parte da autora em retratá-la como “a mãe compreensiva”. Para os jovens, mesmo a mãe pode não ser compreensiva em todos os momentos como a mãe de Marco foi.

> Eu acho que a minha mãe se identificaria com a mãe, mas não daquele jeito, sabe, ela seria compreensiva e tal… Mas daquele jeito não (Flávia, 15 anos).
>
> Aquela coisa da mãe... “Eu sou mãe, sou psicóloga, a todo momento eu tenho que ser compreensiva”… Não sei, não conheço muitas mães assim não (Ivo, 18 anos).
>
> É, eu também não (Gustavo, 16 anos).

Como sujeitos críticos contemporâneos, os participantes contestaram bastante a veracidade dos personagens em geral, chegando a desacreditar que alguns pudessem agir na vida real da forma como agiram na ficção. As atitudes do personagem Cristiano, por exemplo, foram bastante questionadas pelo fato de ele ser muito próximo de Marco e tê-lo rejeitado tão deliberadamente. De acordo com os jovens, o vínculo da amizade é forte o suficiente para que tais casos, na vida real, acabem de forma diferente.

> O amigo dele lá [o Cristiano], se fosse na vida real, talvez seja mais fácil dele pensar de forma diferente, porque eles eram muito amigos, nossa, e tal. Pra no final acabar assim, sabe? (Ivo, 18 anos)
>
> “Nunca mais olha na minha cara”. Eu achei muito brusco (Vivian, 17 anos).
>
> Porque ele ficou, tipo, ele teve uma reação, tipo assim, ela nem chegou a falar a palavra, e ele ficou tipo "como assim, cara!" Tipo, "não faz isso", sabe? Ficou todo arredio, "Como assim eu te conheço, você não pode ser gay!", tipo, como assim um cara pode gostar de um menino? Ele teve uma reação super exacerbada prum cara que ele conheceu desde os três anos, sabe. Ele podia pelo menos ter, sei lá, conversado primeiro ou pelo menos escutar alguma coisa direito além de ficar todo nervosinho por causa de uma sugestão, sabe. Aí eu fiquei, tipo, nossa, isso é uma reação super exagerada (Sara, 18 anos).

> E foi estranha, exagerada, eu não entendi, e ele sumiu. Foi tipo, gente, eram melhores amigos, ele vivia lá... foi muito de repente (Mateus, 19 anos).

> Ele sumiu do nada, foi estranho (...). A reação do Cristiano [seria diferente porque] ele aceitaria um pouco mais, não ia sumir. Eu acho (Caio, 16 anos).

> Talvez no livro ela [a autora] tenha exagerado um pouco demais, mas se você for parar pra pensar e falar assim, poxa, eu acho que eu já fiz isso só que de outra forma... Pensa! (Ivo, 18 anos).

No terceiro grupo, no entanto, sobre a categoria da verossimilhança, a veracidade de todos os personagens foi questionada, o próprio texto visto como "propaganda" e artificial demais para ser sequer comparado à realidade. A intenção foi vista como positiva, porém, como um produto cultural em que podem ser difundidas relações de poder, a maioria dos jovens ressaltou a necessidade de se problematizar o discurso veiculado na obra.

> Eu acho que deve se naturalizar [as outras sexualidades], mas às vezes fica muito forçado, tem coisa… igual no *O Amor Não escolhe Sexo*, o exemplo mais descarado... Todos os personagens são estereótipos ridículos. Igual, todas as meninas são: "vamos no shopping!"... quando elas não estão no shopping, elas estão com os namorados, elas não têm, vamos dizer, uma vida sem ser com os namorados ou no shopping… As futilidades… Enquanto os homens são: "vamos lá no jogo de futebol!", estereótipos! É tudo muito artificial, e tenta ser normal... O que pode ser é muito normal pra algumas pessoas, mas acaba excluindo muitas outras pessoas também. Porque é só um ponto... Então se você tenta normalizar pra um tipo específico, pra mim meio que acaba não importando pras outras pessoas... Pra mim você tem que normalizar, mas para uma sociedade normal, vamos dizer assim, no sentido do que é [a diversidade], e não tentar focar, tipo, 100% num público. É você focar no tema, fazer ficar natural e fluido o livro, mas não necessariamente ser todos Marcos Aurélio e Gislaines da vida. Entendeu? É normalizar, mas não de uma forma, (...) é desagradável de ler, porque todo mundo parece muito falso… parece uma mistura daquela propaganda da polícia militar do "não uso drogas", com propaganda de margarina… Então fica tão artificial, tentando simplesmente chegar na tora… igual na parte da ginecologista, é tão… eu não acho que é o ponto do livro, mas fica muito estranho (Clara, 14 anos).

Esse romance traz uma discussão que não está presente nos outros, por causa da ligação com a profissão dos pais do protagonista e também por se tratar de um texto da década de 1990, cuja época foi ressaltada pelos jovens como um período em que a nomenclatura "homossexualismo" ainda aparecia de forma constante na mídia, reforçando o discurso médico de "doença" comentado no primeiro capítulo. Nessa época também teriam emergido representações de sujeitos homossexuais que incorporam discursos discriminatórios e ambíguos, vindo a ser contraposta pela ascensão de movimentos LGBTQ que trazem uma nova forma de pensar às sexualidades consideradas dissidentes. Assim, diante da ideia de doença, a questão da "cura gay" é exposta no texto e serviu de reflexão em todas as rodas de conversa. O termo "homossexualismo" é inclusive utilizado constantemente na obra, e a ideia de "cura"

permeia o imaginário tanto do personagem do pai do Marco, quanto das pessoas com quem os participantes têm contato, reforçando tais representações preconceituosas.

> Eu acho que vai muito da época né, até pouco tempo, se eu não engano foi 90 e alguma coisa que deixou de... a homossexualidade deixou de ser considerada doença, foi 90 e alguma coisa. E aí então, tipo, eu acho que todo mundo pensava assim [que era doença]. Diretamente eu nunca vi ninguém falando assim, mas eu via muito nas redes sociais as pessoas… Aí volta aquela coisa, sempre pega algum médico, alguém que pensa do mesmo jeito pra jogar na cara, tipo, olha aqui uma autoridade! Sempre rola, é verdade. (...) Faz mais sentido colocar que é doença só porque é estranho, talvez nem pense que, tipo, é realmente alguma coisa. "Nossa, isso não é normal!, então é doença (Sara, 18 anos).

> Mas é assim, você disse que é na época e tal, mas eu vi um debate com um ator que eu gosto muito, que disse que existe ainda uma escola nos Estados Unidos que é a escola de aversão, que diz que transforma homossexuais em heterossexuais (Gustavo, 16 anos).

> Eu fiquei, tipo, nossa, não sabia que era isso. Eu sempre soube que era errado usar esse termo [homossexualismo], mas eu não sabia… Eu não sabia que era por tal coisa (...) Eu nunca escutei [o termo] "cura". Eu, tipo, depois que foi proposta pra existir a cura gay, que eu comecei a ouvir. Mas comecei "ah, tipo, existe". Ouvi as pessoas falar que existe. Nunca... "você tem doença!" Nunca fui apontado como doente. Por exemplo, eu né. Eu acho que esse negócio que aponta como uma doença vem mais de religioso. Vem uma carga religiosa ali… Eu nunca tive contato com uma pessoa que, tipo, pensa que é doença e que não é religiosa (Mateus, 19 anos).

O reforço médico por meio do termo veio justamente para corroborar o controle sobre a sexualidade vindo da religião, dos ideais e seus padrões cultivados por elas. Tal ligação é percebida pelos jovens ainda nos dias de hoje, por meio de um discurso que vem sendo utilizado há mais de vinte anos, já que muitos ouviram falar de "cura gay" através da igreja. Este detalhe mostrando o quão forte é tal poder das instituições, e o quão intrínseco ele se encontra na sociedade em que vivem.

> Você já coloca a mão assim [faz um trejeito com a mão] e a pessoa já fala sessão de descarrego (risos) (Ivo, 18 anos).

> É assim! Porque eu tenho uma prima que um tempo atrás, na verdade eu nem sei se é verdade mesmo, mas eu não duvido, dizem que ela estava conversando com uma menina e a menina também é evangélica, e iam mandar ela pro retiro… isso porque ela nunca tinha ficado com a menina, nem nada aí (...). Mas a mãe dela falou que ela estava conversando com a menina… Eu também converso com meninas, nem por isso eu sou lésbica! Aí ia manda-la pro retiro, porque eles iam fazer exorcismo. Sério, gente, é ridículo… Tem muito lugar assim. A gente ainda ouve muito isso hoje em dia (Vivian, 17 anos).

> Teve uma parte que começou a falar de tratamento pra virar hétero. Tipo, acho que algumas pessoas acham que se o filho ver gay, ele do nada já começa a gostar de meninos. Sabe, é uma coisa muito assim sabe? Tipo, acontece… A pessoa cura (Gustavo, 16 anos).

Criticando tais prerrogativas, o debate deu espaço para que os participantes pensassem no contrário, eles mesmos trazendo ponderações para dentro da roda, e indagar a “hierarquia sexual”, a partir da qual os que não se encaixam na regra heterossexual são considerados doentes (portanto têm uma cura) e/ou criminosos (portanto passíveis de punição). Essa hierarquia legitima conflitos, julgamentos e opressões, como Rubin (1984) já ressaltava.

> Gente, agora vamos pensar o contrário. Imagina se existisse alguma coisa pra fazer a pessoa virar gay? Se fosse assim esse raciocínio... porque não faz muito sentido. Se tem o contrário tem que ter o outro, né? Ele entra aqui e vai sair arco-íris dele, não faz sentido (Flávia, 15 anos).

Mesmo falando em preconceito, os jovens acreditam que ele existe por falta de conhecimento e pelos sujeitos serem encaixados em padrões enraizados na sociedade, limitando o campo de visão de outras possibilidades de ser. Isso reforça a outra justificativa usada para o fato de a mãe do protagonista ter a mente mais aberta, se referindo à sua convivência, desde a infância, com o irmão homossexual. Ou seja, ter contato com outras sexualidades desde nova faria com que ela questionasse certos preceitos. A heterossexualidade deveria ser vista como uma possibilidade entre várias desde sempre.

> Acho que muitas pessoas que têm preconceito com homossexuais é porque não sabe (...). Eu acho que você só fica sabendo 100% do assunto quando você convive com ele. Igual, em termos de feminismo mesmo, por causa da minha criação, eu era uma pessoa totalmente machista. Só que na medida que eu fui crescendo, eu fui tendo muitas amigas e fui vendo o lado delas. Eu acho que a mãe dele é uma pessoa mais aberta porque ela teve um irmão (...) um irmão gay, e viu tudo o que ele passou, tudo o que ele deixou de fazer por causa da sexualidade dele, as portas que se fecharam pra ele, então acho que por ela ter convivido, ela se tornou uma pessoa mais liberal. Mais inclusiva (Gustavo, 16 anos).
>
> Eu fiquei pensando, gente! Ninguém fala sobre isso! Sabe? Porque aí, por exemplo, você chega pra sua amiga e fala, aí a pessoa já começa.... A gente só tá querendo discutir, ver se isso acontece, porque eu acho que acontece (Vivian, 17 anos).
>
> É mais no automático, sabe, não conhece a si mesmo. Tem muita gente que não é assim, não pensa em si próprio, só segue uma linha. Entendeu? Só sabe seguir essa linha, não pensa… Acho que talvez seja isso (Ivo, 18 anos).
>
> Talvez seja por isso que as pessoas ficam muito na singularidade. Muito no pequeno, porque, tipo, ela vai ver só isso, né? (Gustavo, 16 anos).

Nesse sentido, livros, como também outras formas de arte – filmes foram bastante mencionados pelos participantes – podem contribuir para questionar a realidade e tais padrões socialmente construídos. Eles também podem ser um catalisador para outras mudanças na medida em que geram empatia e reflexão; as falas dos participantes reiteram o pressuposto de

que a literatura colabora com o olhar crítico da sociedade, e também incentiva uma alteração de pensamento e comportamento.

> Acho que é um livro que pra quem não convive com essa realidade, é muito explicativo, você vai ter uma noção muito clara (...). Acho que das leituras que a gente fez, esse foi o mais propício a provocar essa mudança. Tipo, mas se você fosse dar para uma pessoa, e ela vai ler eu vou te falar, eu acho que esse livro é o melhor. Querendo ou não, ele é muito explicativo. (...) A gente procurar saber sobre um assunto, a gente vai entender mais, ele vai mudar nosso pensamento. Acho que comigo foi mudando a opinião, foi moldando a opinião, tipo, eu lendo sobre o assunto, tipo, eu acho que todo mundo muda. Ainda mais na nossa idade. É um período de transformação mesmo (Mateus, 19 anos).

> Eu sou a pessoa que quando eu estou lendo um livro eu tento me colocar no lugar do personagem, sabe? Aí eu fiquei pensando (...), eu fico imaginando, fiquei pensando se fosse comigo e tal. Eu acho que eles [outras pessoas, principalmente jovens] pensariam também (Vivian, 17 anos).

As falas também demonstram que eles entendem a juventude como uma fase que precisa de um guia, uma educação sobre o "período de transformação" intenso principalmente em relação à sexualidade. A falta de um referencial para os sujeitos cuja personalidade está se consolidando lhes é uma constante, por isso os livros ajudariam a suprir essa necessidade de um direcional – então a ação pedagogizante do texto aqui não é questionada, mas até motivada.

> Eu acho que [livros] criam uma empatia também, porque quando você vai lendo você acaba assim. E você vai vendo umas coisas que eles passam, tipo, como aquilo afeta eles, e quando você vai se pondo no lugar você vai pensando, nossa, imagina uma pessoa falando isso de mim? Meu pai falando que não queria ter um filho daquele jeito, queria ter um filho só macho, sabe? Cabra macho. Umas coisas assim, uma coisa que vai contra o que você é, isso gera um incômodo. Aí você acaba pensando mais nas coisas até que você fala para as outras pessoas. Porque, assim, você não sabe de que jeito que você vai falar pra ela, sabe? Você pode falar uma coisa, tipo assim, na maior brincadeira, ou algo que não teve sentido de ofender, mas sei lá. Eu acho que ver por dentro assim ajuda a pensar melhor nisso (Sara, 18 anos).

> Por isso que muda, assim, não sei, o pensamento de outras pessoas. Mas o meu, que muitas pessoas pensam que as coisas acontecem assim do nada, sem ter uma explicação, sem ter um julgamento, alguma coisa assim do tipo. Só quer julgar, tipo, ter preconceito com a pessoa, não quiser escutar a pessoa, acha que ela diferente, acha que ela tem uma doença, achar que aquilo é um defeito, ou alguma coisa assim do tipo. Mas não é assim que as coisas acontecem (Alice, 16 anos).

> Eu acho que, tipo, as pessoas têm falta de conhecimento porque elas não querem conhecer. Eu acho que se eu desse esse livro, por exemplo pro meu pai, na hora que ele lesse "corpo viril" ele ia fechar o livro e não ia ler mais. As pessoas elas não têm conhecimento de outros fatos, elas não sabem porque elas não querem, porque elas se fecham a isso querendo acreditar em outra coisa (Gustavo, 16 anos).

O terceiro grupo, todavia, levantou a categoria da interpretação, dos efeitos da literatura e como cada tipo de pessoa pode decodificar o texto literário de uma maneira, normalmente sendo influenciado pela sua criação e pelo ambiente em que está inserida.

> Depende da forma que você interpreta, da forma que você lê (...). E eu também acho que muitas vezes as pessoas da nossa idade, de 14, 17 anos, sempre têm essa… ainda trazem muita ideia do que os pais construíram, ou então que a TV ou o ambiente ao redor construiu. E o ambiente importa muito. Então, eu acho que até a gente mudar o ambiente geral das pessoas, a gente não consegue desconstruir isso... [o preconceito] (Felipe, 14 anos).

> É, mas a forma de interpretar depende da pessoa (Clara, 14 anos).

> Se ela é influenciada pela mídia, então ela pode ser influenciada [negativa ou positivamente] por um livro (Amanda, 15 anos).

Os membros da terceira roda parecem certos de que a influência de produtos culturais é um fato quase inquestionável, ressaltando porém que existem níveis de influência, e ela pode ser boa ou má dependendo da pessoa. Assim, como já ressaltamos em capítulos anteriores desta pesquisa, a literatura tem a capacidade de provocar cada leitor individualmente, transformando a experiência da leitura em algo ímpar. É natural, portanto, que cada roda de conversa – e mesmo cada um dos membros dessas rodas – chegue a conclusões diferentes sobre o texto.

Em geral, o livro foi caracterizado por muitos como “didático” e “teórico” por ter passagens explicativas, principalmente o capítulo que discorre sobre a história da homossexualidade, como mencionado por um dos participantes.

> Historicamente falando, a homossexualidade, historicamente falando, na época da Grécia ... eu sabia que era, tipo, um pouco mais liberal, porém não sabia que quando nascesse o primeiro fio de barba assim, acho que metaforicamente falando, falou que quando nasce o primeiro fio de cabelo, de barba, no menino, o cara que geralmente mantinha relações sexuais com ele não podia mais manter. Eu não sabia disso. E também acho que... outras épocas também que teve, teve a homossexualidade... Acho que consegui absorver muita coisa do livro. Muita coisa mesmo, que eu posso colocar na minha vida em prática, em debate, coisas do tipo (Gustavo, 16 anos).

Apesar de poder servir de um guia positivo para os jovens, ao “ensinar sexualidade”, e também ensinar sobre práticas e saberes – por exemplo, a ida da personagem Gislaine à ginecologista, até já mencionado em outra fala anterior, e a explicação sobre contraceptivos, e ainda as falas do psiquiatra ao fim da trama, sobre definição sexual e gênero –, o caráter marcadamente pedagógico do livro também pode impor realidades que não se assemelham, principalmente ao considerarmos o tempo de sua publicação.

> O dia que você for na ginecologista e ela te atender daquele jeito... (risos) Nem no convênio é assim. Foi bom que é informativo, mas se você for pensar é um pouco... porque isso não acontece assim (Vivian, 17 anos).

> A questão é que eu acho que *O Amor Não Escolhe Sexo*, ele não deu estrutura suficiente do que o autor estava dizendo realmente. Ele acabou ficando muito sem opinião, e aí a gente cai dentro de livros didáticos, mas o que eu sinto é que faltou

> opinião nele para tornar a leitura algo… também faltou reflexão. Talvez se tivesse mais reflexão, talvez as pessoas consigam mudar melhor (Felipe, 14 anos).

Também há, nas páginas 79-81, a exposição de teorias genéricas para a "causa homossexual", fato que foi levantado por todos os participantes de todos os grupos como sendo interessante e ao mesmo tempo problemático.

> Esse [livro] segue muita teoria né, ele mostra que a homossexualidade é uma coisa antiga (Gustavo, 16 anos).

Apesar da preocupação da autora em retratar a busca do conhecimento de Marco, e também do cuidado em não simplificar a temática, construindo um breve percurso da homossexualidade, tais passagens foram tidas como controversas, pois podem servir de argumento, por exemplo, para a questão da "cura", já que apresentam teorias sem refutá-las ou indicar que são ultrapassadas. O discurso pedagógico desse texto pode ter o efeito reverso dependendo do leitor: produzir e reproduzir valores que influenciam as atitudes pessoais diretamente ligadas ao tipo de sociedade na qual os indivíduos estão inseridos.

> Continua bem confuso, porque a teoria, mesmo ela falando que é uma teoria, aquela pessoa que vamos dizer não conhecesse e lesse ia dar a impressão que é aquilo, entendeu? Que a teoria fala como é, e mesmo sendo teoria fala de forma científica e tal, aposto que vai ter muita gente que vai achar que você é gay por causa do nível de hormônio no seu feto... sabe, porque está mencionando isso em uma das teorias aqui. De certa forma que ela fala, não fala que ela pegou livros sobre o assunto. Quando nós, que a maioria aqui lê bastante, deduz que é uma teoria, que ele foi buscar, esse coisa, tipo assim, mas uma pessoa que não lê pode chegar e achar que só porque tem um livro sobre isso então é porque é a verdade suprema sobre o assunto. Igual, as pessoas hoje acham que na internet tudo é verdade, e vai achando que é [gay] por isso. E eu acho que é estranho. E a forma também como é escrita é meio constrangedora, ela fala umas coisas estranhas... (Clara, 16 anos).

Talvez, na época que foi publicado, o livro tenha sido bem recebido por mostrar as discussões que estavam em voga, mas hoje em dia não seria considerado válido por poder influenciar negativamente o jovem que não é capaz de fazer uma leitura crítica. Como levantado pelo terceiro grupo, existem as pessoas mais céticas e as mais influenciáveis, que vão considerar o debate apresentado no texto como pretexto para legitimar ainda mais seus preconceitos.

> No ano que ele foi feito pode ser que serviu naquela época, que as pessoas achavam, de como era na época, assim, mas como a gente já está em 2016, eu acho que tem que renovar também, porque muda também as coisas. Na época as pessoas podiam ser mais preconceituosas e achar que só o estereótipo que realmente acontece, eu não sei, eu não estava lá… Mas acho que se o problema é: foi escrito antigamente, e por isso que é assim, então tem que renovar. Você vai ficar repassando conhecimento antigo só porque você não tem um novo? Então sei lá, eu acho que não serve pra isso. Eu acho que falhou na hora de escrever, a intenção foi boa, mas acabou falhando (Isis, 14 anos).

> Eu não achei tão ruim, vocês têm que pensar… uma das coisas importantes quando você está lendo qualquer livro é você se projetar na época que ele foi escrito. Por incrível que pareça, 1998 parece uma data muito recente pra gente, só que a quantidade de mudanças que ocorreram nesse tempo aí de 18 anos foi uma coisa, tipo assim, que é difícil ter uma noção, porque a revolução tecnológica, a internet, tudo está aí, além da quebra de vários paradigmas. Se você pensar… em 1998 ainda existia muito preconceito contra os negros em diversos países. Ainda existe, só que reduziu muito, porque 98 ainda tinha, em determinados países, ainda tinha leis que separava os negros e os brancos, tinha essas coisas ainda, então você pensar o salto que foi é muito complicado. E o que eu acho é o seguinte, continua sendo uma ação boa, executado de forma boa para época, mas não para agora (Felipe, 14 anos).

Nesse sentido, o texto também aborda tipos específicos de comportamentos que estão ligados à representação da diferença e à categoria de masculinidades. Através dos questionamentos do personagem principal sobre "o que é ser homem", atrelando sua sexualidade à sua identidade de gênero, aprende-se que masculinidade – a hegemônica – e heterossexualidade são categorias conectadas entre si, naturais e inquestionáveis. Tais aprendizados são questionados pelo personagem do Marco Aurélio, dando abertura ao início da discussão de gênero.

> Eu meio que senti, assim, que a autora queria trazer o assunto de transexualidade no meio, porque várias vezes falam que ele [Marco] se sentia no corpo de homem, ele desde criança já tinha descobrindo sua identidade de gênero... (Gustavo, 16 anos).

Tal debate está muito presente na realidade dos participantes, como podemos perceber em suas palavras:

> Amigas mesmo, uma das minhas melhores amigas já me perguntou: mas você quer ser mulher? Porque literalmente, por existir travestis, transexuais, as pessoas pensam que todos… que gay é uma escadinha, que o objetivo é lá (risos). Você quer se tornar aquilo, você quer se tornar uma mulher. Aí, tipo, não, gente, eu gosto, eu sou um garoto, me identifico como homem, eu sou um homem, e eu só tenho uma orientação sexual diferente (sinal de aspas), dada como diferente. Apenas. Eu me identifico com o sexo masculino, isso não muda. Minha orientação sexual não difere a minha... o meu gênero, a minha identidade de gênero. Mas rola muita confusão, eu acho que a primeira vez todo mundo pensa isso. Mãe, então... que nem a minha mãe já falou, "eu já tive quatro filhas mulheres e não vou te aceitar". Mas eu não vou deixar de ser homem por ter uma orientação sexual dada como diferente! Ela já chegou pra mim, tipo, eu estava lendo, ela chegou e falou isso. Única coisa que minha mãe falou sobre o assunto. Porque foi assustador. E ela só falou… tipo, eu estava na sala sentado, nem imaginando, não estava rolando nada… não teve nada, não descobriu nada, ela só chegou e falou. Então foi muito de surpresa, e aquilo foi uma discussão muito grande na minha cabeça. Mas pode, tipo, poderia ser: olha, eu também não me identifico como homem. Eu sou uma menina na cabeça de um homem. Poderia. Mas comigo não era. Então não é com todo mundo assim... (Mateus, 19 anos)

Padrões de comportamento e masculinidades também foram debatidos na medida em que Marco Aurélio se fiscaliza para ver se não estaria "virando mulher".

> E também tem aquela coisa de você achar que outra pessoa, ela é homossexual porque ela age como pessoas do sexo oposto, sabe? Nossa menininha está ficando que nem um menininho, você vai deixar? Isso acontece mais com menino. Viu ele brincando de boneca, você quer que ele vire o quê? Sabe? É umas coisas assim, se você tem algum comportamento dito como de outro sexo, eu acho isso influencia muito também (Sara, 18 anos).

E tais comportamentos levam a outro elemento presente no texto, que é a "auto-homofobia" vivida por Marco: ele não se aceita homossexual principalmente por ter incorporado discursos preconceituosos vindos do pai. Indagados sobre serem auto-homofóbicos, muitos dos participantes que se identificam como gays confessaram se sentirem como Marco na medida em que não se veem à vontade com outras formas de masculinidade, e na medida em que o discurso compara tais outras formas à feminina. O "gay afeminado" é visto com preconceito pelos próprios homossexuais por não se apresentar como "homem normal".

> Pode ser que, tipo, por ser uma roupagem masculina e ele [pai do Marco] pensa que, tipo, para você ser um homem aceitável, você tem que ter mais atitudes de um homem, de machão, como ele diz, "pra ser meu filho tem que ser macho". E o que é ser macho? Ter atitudes de macho, ter caráter de macho. Eu acho que quando fere isso, eu acho que querendo ou não, pra homem, por ter aquela coisa tipo, por ser homem, em se tratando de outro homem, eu acredito que seja mais difícil de aceitar [a homossexualidade]. Tipo, por você não se imaginar fazendo aquilo, aquela ideia chega a ser absurda na sua cabeça simplesmente por você não gostar daquilo. E eu acho que acontece com mulheres também. (...) Mulher tem mais preconceito com mulher, e homem com homem. Eu acredito que seja parte por isso (Mateus, 19 anos)
>
> Eu sou auto homofóbico (Ivo, 18 anos),
>
> Eu também sou (Gustavo, 16 anos),
>
> Eu também (Mateus, 19 anos),
>
> Acho que isso me dói, porque, tipo, eu vejo na rua gays que são mais liberais e mais afeminados e às vezes, tipo, eu fico… Nossa, que horror! Aí depois... "Nossa, Gustavo!" (risos) Eu sinto isso, então é uma coisa um pouco mais na minha vida. Eu acho que depois de muita, muita aceitação, que você vê que você tem que seguir o que você é, o que você está sentindo no momento (risos). E, tipo, literalmente, parece uma coisa de filme, mas normalmente você se vê irritado, eu acho, sabe? (Gustavo, 16 anos)
>
> Me dá gastura! O engraçado é que a gente sabe, aí, tipo assim, você fica… aí você pergunta, será que eu fui? E eu fui [homofóbico]! Exatamente! (Risos) É muito estranho, mas tem gente que me assusta. Me assusta, sério! Eu já falei isso várias vezes (Ivo, 18 anos).
>
> Você acaba sendo auto-homofóbico o tempo inteiro, tipo, existe também um preconceito interno, fora do meio dele, e o externo que é muito pior e eu acho que é, tipo, existe. Eu acho muito estranho porque, tipo, querendo ou não, no meio gay mesmo, você sendo mais afeminado, eles acabam sendo machista com você. Por você se assemelhar mais à mulher, você acaba sendo mais submisso, tipo, visto como nada mesmo… E acaba influenciando mesmo [a homofobia] (Mateus, 19 anos).

Esse é o estereótipo homossexual masculino que os próprios jovens dizem querer combater, e que está atrelado à ligação que se faz do homossexual ao feminino, revelando aí que as relações de poder que atuam na repressão das mulheres também podem agir nos ideais cultivados sobre a masculinidade e a sexualidade. Afinal, tal ligação entre o "gay afeminado" e a mulher reforça que, sob a perspectiva dos estudos de gênero, a simbolização na prática e nos discursos da diferença entre homens e mulheres, ressaltando a superioridade daquele, leva a representações de estereótipos sexistas e homofóbicos. Como Lamas (1999) reitera, tais representações, ao se propagarem no imaginário das pessoas, limitam e estigmatizam aqueles que não se encaixam no modelo hegemônico tanto de masculinidade, quanto de sexualidade.

> Uma coisa que eu acho, tipo, muito irritante, quando a pessoa fala: "nossa, você é muito gay…" Tipo, não existe nível de gayzice! Você é viado e pronto! Tipo, não tem isso, sabe? Tá, tem sim gays que são muito mais afeminados do que outros, mas, tipo, é viado do mesmo jeito! (Gustavo, 16 anos)

> E quando eu ouço coisas do tipo: nossa, ela nem parece ser lésbica! (Flávia, 15 anos)

> Eu acho muito engraçado esses estereótipos de lésbica, sabe? Que só vê uma lésbica e já pensa que ela vê *Carga Pesada*[34], já toma iogurte com a língua assim, que ela é toda machona (Gustavo, 16 anos).

As personagens ainda discutem, no livro, que haveria profissões que não deveriam ter homossexuais, pois "não ficaria bem" (p.19). Esse debate também apareceu nas rodas de conversa, em referência à categoria dos estereótipos e novamente à ligação entre homossexualidade e feminilidade.

> O tanto de gente falando: "faça um curso de cabelereiro, Mateus!" (Risos) Muito sério. Acho que existe muito isso. Igual existe profissão "de mulher" e "homem", ainda existe, claro que existe profissão que gay não pode exercer. (Faz sinal de aspas) Existe, tá gente? De policial, quem fala que um gay pode ser policial? Tipo, moda. Gay é mulher. Não estou dizendo que mulher tem que fazer isso… estou dizendo que, tipo, gay perdeu, deixou de ser homem só por ser gay, pela orientação sexual ser diferente. Então eles pensam isso, e acham mesmo, acho que existe muito… Deixa de acreditar que a gente é capaz de fazer alguma coisa (Mateus, 19 anos).

> É muito isso, sabe, tipo, a pessoa fala sim, "Mas como assim a pessoa faz isso, mas ela é gay?!", sabe? Tipo, ambientes assim, que nem ele estava que eles acabam associando ser gay a parecer com mulher, e, lógico, mulheres só podem ficar em tais lugares e tal. Só que pra eles é pior (...), se você pensar o ambiente ali, então tá, é tranquilo, tudo bem, mas um gay não pode trabalhar numa empresa porque vai manchar a imagem, então acaba se associando muito esse lugar para homossexuais assim, sabe. E as pessoas são mais marginalizadas com esses serviços mais informais assim. (Sara, 18 anos)

---

[34] Programa escrito por Ecila Pedroso, Mara Carvalho, Walther Negrão e Walcyr Carrasco, exibido em sua segunda versão pela Rede Globo entre 2003 e 2007. A série versa sobre as peripécias de dois caminhoneiros nas estradas brasileiras.

> E existem muitos gays fazendo essas coisas, devem existir, mas os que a sociedade tem contato é mesmo. É isso. Eu coloquei designer na minha blusa de formandos do terceiro ano... na época eu cismei que eu ia ser designer, ai minha irmã, eu tenho uma irmã, virou pra mim, viu minha blusa de formandos pendurada no varal, e falou assim: "nossa, que profissão de gay" (Risos) porque cisma em designer de moda; pode ser designer de interiores, cabeleireiro, moda, aí já acha que é meio gay, gente. (Mateus, 19 anos)

> O cabelereiro da minha mãe, tipo assim, ele não é gay assim, sabe, mas todo mundo pensa que é só porque ele mexe com cabelo. E ele não é (Alice, 16 anos).

> Sempre a pessoa ser gay, é essas profissões que ele falou aí, igual, cabelereiro, essa coisa de design aí, só que é normal... [pode ser] qualquer profissão… Homem [pode ser] designer, cabeleireiro, só que eu sempre penso que é gay (Risos). Sério! (Caio, 16 anos).

Mesmo o livro tendo sido publicado há quase vinte anos, os participantes acreditam que a realidade retratada não mudou muito, evidenciando que o poder da repressão exercida pelos mecanismos de poder que controlam as regras sociais a respeito do sexo ainda é muito forte e que demora a se transformar.

> Eu acho que seria totalmente igual, até porque não faz muito tempo... Tipo, em se tratando de homossexualidade, que todo mundo acha que é um tabu, não faz tanto tempo. Na minha opinião. Assim, eu acho que nas escolas mesmo as pessoas se dizem que não são preconceituosas, mas elas são (Gustavo, 16 anos).

> Teria outras gírias, só. Eu acho que não [mudaria]. Porque o povo ainda é preconceituoso. Nossa, demais! (Vivian, 17 anos)

Visto como um livro bastante pedagógico, pode-se observar em seu texto, através dos pensamentos dos personagens principais, um discurso voltado a produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores e atitudes pessoais diretamente ligados ao tipo de sociedade na qual os sujeitos estão inseridos – uma sociedade heteronormativa. O debate, porém, ajudou a revelar tais manifestações de "verdades absolutas", principalmente sobre as sexualidades dos indivíduos, abrindo espaço para que os jovens pensassem em outras possibilidades por meio dos questionamentos do personagem principal e de suas consultas ao psiquiatra, figura esta que dá vazão à discussão sobre gênero e sexualidades fluidas nessa obra em específico.

Também é possível notar como as interpretações sobre um texto são diversas, como se percebe nas visões apresentadas pelos diferentes grupos de debate e suas reflexões. Ao tratarmos de leitura e representações, estamos sujeitos à ligação e à interpretação que o indivíduo faz com elas, e que pode modificá-las por meio de suas experiências individuais. Como Oliveira e Werba (1998) nos lembram,

> as representações sociais são 'teorias' sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida, modificam os dois (OLIVEIRA e WERBA, 1998, p.105-106)

Como as representações sociais retomam o cotidiano ao produzir saberes e conduzir as interpretações, é válido destacar que esse cotidiano não é idêntico para todos esses jovens. Ele varia, principalmente, neste caso, em se tratando de classe e grupos sociais diferentes. Os jovens do primeiro e do segundo grupo se distinguem notadamente dos do terceiro grupo, que se mostram mais críticos, embora sejam mais novos.

Em geral, porém, em se tratando de representação, pode-se observar que os jovens ressaltam que ela afeta na construção de diferenças, mas também contribui para que esta seja relativizada na medida em que a expõe.

> Pra mim [a leitura] serviu, tipo, pra ver que a minha adolescência, aquele período da minha vida, existem pessoas que passam pela mesma coisa. Tanto que virou até história. Então é mais comum e serviu pra mostrar que está aí, que é uma realidade não só minha (Mateus, 19 anos).

Assim, apesar das ressalvas feitas principalmente pelos membros do terceiro grupo, a leitura contribuiu de maneira relativamente satisfatória ao retratar a vivências de jovens que se viam como excluídos, apresentando uma história que, como a deles, muitas vezes fica excluída de produtos culturais.

### 3.4 – Analisando estereótipos em *À Procura do Encontro*

*À Procura do Encontro*, datado de 2000, foi o primeiro livro escolhido para o debate com os dois primeiros grupos por se tratar da obra com menos páginas, sendo assim de leitura mais rápida. Ao serem questionados sobre a categoria da verossimilhança dos personagens e a auto identificação, os garotos que se identificam como homossexuais disseram ter gostado da leitura justamente por se compararem ao personagem principal, mesmo que o texto reforçasse a representação da juventude como fase de questionamentos e conflitos, detalhe que um deles mencionou ter sido verdadeiro em sua experiência:

> Eu me identifiquei muito, muito mesmo com o Gabriel [o personagem principal] por causa da questão da descoberta e aceitação. Tipo, o livro demonstrou, mostrou isso de forma extremamente, como posso dizer, que condiz com a realidade mesmo sim. Como gay, eu sou gay, e tipo, e da idade também de descoberta que, sei lá, tem alguma coisa errada, errada entre aspas, foi no mesmo período que eu me descobri gay também. O livro retrata literalmente o que eu passei; você se incomoda, você se nega, você, tipo, não quer ser aquilo por medo, tem medo, pensa mil e uma coisas. Acho

> que o livro... eu me identifiquei muito com o Gabriel por conta disso (Mateus, 19 anos).
>
> [Me identifico] sim, com o Gabriel, devido aos conflitos familiares (risos) e descobertas da sexualidade (Gustavo, 16 anos).

A irmã do protagonista também é mencionada, e a relação familiar foi mais um objeto de identificação entre os participantes.

> Eu acho que a relação da família dele com a minha, assim, as formas de relação com o pai dele é muito parecida, sabe, as críticas, essas coisinhas jogadas no ar, as reclamações, é a relação familiar (Ivo, 18 anos).
>
> Eu me identifiquei com o Gabriel no sentido de ter alguma coisa e não conseguir assumir ela, não conseguir tratar do jeito que eu queria... não só no sentido de sexualidade, mas coisa que você queira falar, mas você sabe que é família, e é um pouco mais... E você ficar um pouco mais reservada, aceitando o conflito, então me identifiquei muito com isso (Sara, 18 anos).

Nota-se que, para esses jovens, os personagens encarnariam modelos de diversas pessoas que são possíveis na realidade. Mesmo aqueles que não se identificam com outras sexualidades que não a heterossexual apontaram para a verossimilhança dos personagens e dos diálogos, tanto que eles podem se parecer com pessoas reais que eles conhecem e/ou já tiveram contato na vida real.

> Eu senti isso tempo todo [que eles são pessoas reais] (Flávia, 15 anos).
>
> Eu também, o tempo todo (Gustavo, 16 anos).
>
> Isso é muito a vida, sabe? (Ivo, 18 anos)
>
> Cada coisa que eu lia, eu falava: meu Deus, isso é tão real! (Flávia, 15 anos)
>
> Pelas situações que eles passaram também... (Sara, 18 anos)
>
> Para um menino de 15 anos, assim, ter essa vivência dele… Coisa, assim, com as mulheres, acho que ele era um menino que era simpático com todo mundo, gostava de conversar e não ligava muito para essa segundas intenções assim, sabe… Queria mais amizade da pessoa, queria fazer, assim, é uma coisa que eu me identifiquei com essa personalidade dele. E, tipo assim, essa confusão na cabeça dele foi muito bem relatado, assim, essa confusão, assim, da hora do “vamo ver”, da indecisão, assim, da preferência dele, assim, do masculino e do feminino, e a intolerância dos colegas e como ele lidava com essa intolerância e tal... (Luan, 17 anos)

No terceiro grupo, porém, poucos dos participantes exaltaram a questão da verossimilhança, inclusive criticaram vários detalhes da construção do protagonista, o Gabriel, principalmente aqueles que se identificam com outras sexualidades.

> O que eu não gostei muito da história não é exatamente como foi escrito, mas por algumas coisas que eu acho que são muito estereótipos e é meio forçados... Igual, eu sou bissexual, eu sou LGBT assim, e eu achei que a forma da representação do que é ser gay é meio forçada principalmente na parte da infância dele, e como se o fato dele querer brincar com bonecas tivesse alguma coisa a ver com a sexualidade... Igual, nós somos gêmeas e nós somos a prova que isso é uma besteira. Porque ela é hetero e eu não. E a gente teve praticamente a mesma infância, quase igual, mesmos brinquedos e coisas, a gente gostava, as duas, de brincar de carrinho e nós também gostávamos de brincar de boneca, gostava de sair, gostava de ficar em casa e mais diversidade, vamos dizer assim… Brincar de boneca pra mim, pro meu ponto de vista, tem literalmente nada, 0% a ver com a sua sexualidade. Uma preferência de lazer, de brincar, de explorar a imaginação de uma criança… e muitas vezes criança, nada, zero com sexualidade… Então tipo, eu acho isso meio forçado. E também do imaginário das pessoas, que se seu filho gosta de rosa, ou que se seu filho gosta de brincar de boneca, ou sua filha gosta de carrinho é porque é lésbica ou gay, eu acho um pré-conceito muito bobo (Clara, 14 anos).

Novamente, como o ato de representar está ligado à conexão que o sujeito faz com o objeto prático utilizado para tal representação – neste caso, o texto literário –, e também com seu cotidiano, podemos ver como o argumento dos jovens do terceiro grupo é mais bem articulado, e de certa forma até mais rico. É notável que o ambiente em que estão inseridos, e sua vida cotidiana em geral, afetam a maneira como constroem tais pontos de vista. Apesar de este não ser nosso recorte, ao destacarmos que são todos jovens de classe média/alta, podemos inferir diversas conclusões.

Os jovens deste grupo também levantaram vários problemas, preocupados com a interpretação que pessoas de diferentes níveis sociais e de educações distintas podem ter. No que diz respeito à representação da diversidade sexual mostrada no livro, eles por si só notaram a grande controvérsia que é associar brinquedos, cores e certas atitudes dos personagens às suas sexualidades. No início do texto deste livro há uma cena em que Gabriel ganha uma boneca de presente da mãe, mas, por medo do pai homofóbico, ele dá o brinquedo à irmã, levantando questões sobre padrões estabelecidos socialmente para o que meninos e meninas podem ou não fazer, e ainda em como não segui-lo é considerado incomum.

> Achei [a representatividade] mais ou menos. Porque quando ele estava, vamos dizer, a descoberta dele eu acho que não foi muito do jeito que é, pelo menos no meu caso. Lógico que milhões de pessoas, cada uma é diferente, então as experiências são totalmente diferentes. Pode ser que alguém vive da mesma forma que o Gabriel, eu não sei. Mas da minha experiência não foi, tipo, tão… Na cara, ou tipo, “ai meu Deus será que?” Foi mais tipo... ah, acontece, flui. E no caso dele ser amigo das garotas eu achei isso legal, porque, tipo, ser amigo das pessoas é uma característica muito boa independente da sua sexualidade (risos) (Clara, 14 anos).

> O que o livro passa, tipo, eu acho errado no meu ponto de vista… igual, no livro mostrou umas partes lá que é, tipo, que homem que brinca com a boneca ou mulher que brinca de carrinho, tanto faz, já coloca que rosa é para mulher e azul é para homem, sabe, uma coisa nada a ver (Amanda, 15 anos).

> É porque, assim, eu acho que estão tentando quebrar um pouco do preconceito que as pessoas têm, mas aí vai que a pessoa lê… ai, então quer dizer que esse menino, então ele é gay, ele brincou com boneca na infância dele… aí vê o filho dele brincando com a boneca: "ai, meu Deus, isso quer dizer que o meu filho é gay?" E acaba prolongando um pouco de preconceito que existe, em vez de ajudar a quebrar… ele quebra por uma parte que é explicar que a pessoa é normal e tal, é só a sexualidade dela. E a outra que está prolongando essa coisa de, "ah, a infância dele foi assim, então quer dizer que a sexualidade dele vai ser assim porque na infância ele quis brincar com tal coisa, ele gosta de tal cor...". Então eu acho que ele está, ao mesmo tempo que quebrando uma parte, ele está prolongando outra do preconceito... (...) A pessoa nunca viu [um gay], ela vai achar que gays são pessoas que brincam com boneca desde criança, se você só andar com meninas é gay… aí a pessoa que não conhece isso vai achar (Isis, 14 anos).

Em suma, para o primeiro e segundo grupos, pode-se dizer que o livro em questão traz elementos de identificação, pois consegue vincular a realidade da vida dos sujeitos com aquela da ficção, também quando trata de representação de um grupo social determinado, os homossexuais, mesmo para os que não se consideram homossexuais.

> Retrata bem. O que mais existe é Gabriel! Muito Gabriel por aí! (...) Olha, também passou uma imagem muito... que condiz com a realidade de muita gente. A minha não foi muito assim, mas acontece alguns fatos. E foi bem complicado (Mateus, 19 anos).

Para o terceiro grupo, porém, o texto incute valores heteronormativos e machistas na medida em que atrela comportamentos à sexualidade, e propõe que os personagens masculinos e os femininos só existam como casais, que não há outra possibilidade de par, como a amizade.

> Tem outra coisa que é um preconceito muito que vem, só que não necessariamente só sobre homossexualidade, é mais sobre machismo, é que se um cara for amigo das meninas ele é gay. Você não pode ser amigo de alguém, tipo melhor amigo, de alguém do sexo oposto... Eu não posso ter um amigo, pra homem eu só posso ser namorada, entendeu? Tem um pouquinho deste valor [no livro], porque quando os caras ficam: "Gabriel, você não vai pegar as meninas? Não, eu só quero conversar, normal!" Legal e é natural, mas aí se você não ler de forma… de uma forma crítica, não é só porque ele é amigo, e é uma característica deles, mas se você lesse levianamente... eu acho que também é postergar essa coisa de pessoas de sexos opostos não são amigas, são parceiros sexuais, vamos dizer assim... e não que não existe amizade entre sexos diferentes, isso é uma coisa que fica mais ou menos presa nesse livro, e não muda. Porque todos os outros amigos dele que são hétero tratam as meninas tipo: "ei, sua gostosa". Não literal, mas tratam mais, tipo, menina é pra pegar... enquanto ele [o Gabriel] é um dos únicos amigos que trata as meninas como amiga e normal. E você tem a impressão de que é porque ele é gay, não porque é natural você ser amiga das pessoas pelo que elas são, independente do gênero delas… E aí esse valor pra mim também ficou um pouquinho preso nesse livro especificamente. Junto com o de que você brinca com boneca, você é gay (Clara, 14 anos).

Ao afirmarmos que as representações sociais são elaboradas e compartilhadas através de um objeto, e que contribui para a construção de uma realidade comum em determinada época, levantamos a data de publicação do livro, que é do ano 2000, propondo que a comparassem à atualidade deles para verificar se enxergam comportamentos parecidos aos retratados pelos personagens na obra.

> Tipo assim, são 16 anos, OK, mas muita gente ainda não consegue enxergar tudo isso ainda. Mesmo que seja um assunto muito falado na atualidade, a gente vê que existe uma viseira em todo mundo, só tem uma única certa direção e ninguém consegue olhar pros lados. Então mesmo tendo se passado 16 anos, essa coisa de tentar entender, isso eu acho que é uma coisa que é muito comum na vida de muita gente, essa coisa de tentar entender, de passar por esse processo, essa coisa do preconceito, das pessoas que se batem assim de frente uma com a outra, assim, por conta disso. As piadinhas não mudam... Algumas coisa permanecem. A gente só está um pouco mais aberto pra isso (Ivo, 18 anos)

> Eu também acho que sim, eu acho que tem muito caso… Seu Vitor [pai homofóbico do protagonista] falando que não quer ter filho afeminando, cheio de frescura, então eu acho que é bem atual, apesar de ter muito tempo (Flávia, 15 anos).

> Eu acho que depende muito do lugar. A gente melhorou bastante. 2016, a gente está falando disso, só que, ao mesmo tempo que melhorou, teve muitos aspectos que não… depende muito também das pessoas, depende do lugar que ele está porque têm lugares que as pessoas geralmente são mais mente aberta, as pessoas, elas já estão mais assim mais de boa, agora outros lugares não, depende muito do lugar (Sara, 18 anos).

> O livro foi publicado em 2000, eu nasci em 2000 e acontece comigo até hoje, então acho que sim. Acho que só de falar que eu nasci em 2000 e acontece até hoje já respondi tudo… eu vi esses 16 anos passando (Gustavo, 16 anos).

> Eu passei isso o quê? Três ou quatro anos atrás... três ou quatro anos atrás eu passava por isso, mas eu acho que o assunto está mais em pauta, muito mais em pauta do que em 2000, eu acho pelo menos... muita coisa mudou. A cabeça de muita gente mudou sobre o assunto, e anda mudando. Eu acho que tem que ficar o assunto…. O assunto tem que ficar em pauta. Que eu penso assim, se a gente continuasse do jeito que estava: existe, ninguém aceita, e é isso. Se não, ninguém ia discutir, ninguém ia parar pra discutir, não ia mudar nada na cabeça de ninguém (Mateus, 19 anos).

> Acho que não mudou muito não. O preconceito continua o mesmo. Mudou muito não (Caio, 16 anos).

> Depende da pessoa. Quando você vai ao colégio, por exemplo, hoje em dia tem gente de todos os tipos, tem grupinho de todas as formas, então às vezes é comum vocês esbarrar com essas pessoas. Às vezes não, mas a gente tem contato com isso, muito contato com isso... (Ivo, 18 anos).

Assim, mesmo havendo grandes mudanças no pensamento sobre a sexualidade, e ainda que o assunto esteja mais em voga na contemporaneidade, sendo estudado e discutido, os jovens concordam que só o fato de estarem falando mais não quer dizer que estejamos aceitando mais, ou respeitando mais. Para eles, como relatado na discussão do livro anterior, o preconceito permanece, ainda que seja de forma não explícita e como estratégia de tolerância, muitas vezes sem o respeito e compreensão que deveriam vir com ela. Uma das participantes, por exemplo, chegou a narrar um caso de assassinato recente, ocorrido no seu círculo de convivência. Outra contou sobre violência física (espancamento) sofrida por parentes, usando da metáfora da pirâmide para explicar que existem “níveis de preconceito” na sociedade contemporânea.

> Tipo, tem... tinha um menino, ele até já morreu pelo fato de ele ser gay, porque tem gente que não aceita. Eu já vi gente com raiva das pessoas serem... Mataram ele por causa disso. Só que antes, assim, quando ele passava, faziam muitas piadas com ele. Essas coisas eu não acho certo. Eu respeito, inclusive eu tenho muitos amigos que são gays e, nossa, são as pessoas mais legais que eu conheço, aí eu vendo assim fazendo piada, essas coisas assim, sabe? Eu não acho legal. É como se fosse um motivo de piada das pessoas (Alice, 16 anos)

> Igual, eu sou bi, os preconceitos estão hoje, vamos dizer, mais nos detalhes… Igual, como eu gosto também de menina, toda vez que eu vou jogar "verdade ou consequência" todo mundo, só porque sabe disso, sempre me fazem beijar as meninas. Sempre. Só porque ela é lésbica ela quer pegar todas as meninas que existem, por quê? Porque homem também tem que pegar as meninas, então as lésbicas também... e sempre que eu falo isso alguém fala, "ah, então vai e beija outra menina", sabe? Não acredita na palavra. As pessoas têm essa ideia porque você é de uma sexualidade não hétero você de certa forma é pervertida? (Risos) É estranho, porque as pessoas não entendem que é a mesma coisa de certa forma… (...) Isso acontece na escola, isso acontece no inglês, isso acontece na rua, e isso enche o saco. E olha que eu não sofro preconceito, igual, tem gente… eu sofro muito baixo, eu sofro só o início da pirâmide. Porque pra mim o preconceito vem tipo, numa pirâmide, o último é matar e bater numa pessoa por causa disso. Mas pra mim começa com xingamentos, com piadinhas, com os tratados com mais desrespeito, isso vai… Eu só sofri pelo que eu percebo né, essa base, eu conheço gente que sofreu (...). O que é um absurdo porque, tipo, literalmente você querer matar uma pessoa porque ela ama, ela gosta... até mesmo não sendo amor, só sexo, mas porque ela gosta de outras pessoas, diferente do que você gosta, eu acho um atraso na mentalidade humana ridículo (Clara, 14 anos).

Da mesma forma que a categoria foi levantada no debate do livro anterior, na discussão deste livro os jovens revelam que entendem que o preconceito contemporâneo é mais camuflado por meio de ações e de falas pejorativas, que vêm passando de geração em geração através das expressões, gírias e pensamentos compartilhados. Ou seja, a condenação e a exclusão de outras sexualidades vem pelo discurso, que alimenta o senso comum com repulsa, criando no imaginário das pessoas concepções de mundo totalizantes que se reforçam na naturalização ou normalização da heterossexualidade, e na definição dos estereótipos usados para limitar: "lésbica é machona", "gay quer ser mulher".

> Eu acho interessante porque eu conheço, vamos dizer, a velha guarda das lésbicas daqui de Belo Horizonte, então elas contando as histórias delas, eu comecei a ver uma mudança de como as pessoas tratam, mas ao mesmo tempo continua várias coisas que eu vejo… Elas têm, tipo, 70 e tantos anos, e falando coisas que acontecem até hoje. O que muda, vamos dizer, é a forma, como se maquiassem... as coisas que aconteciam, agora acontecem maquiadas. É mais pra debaixo do tapete. Igual, tem menina que eu conheço que ela acha que só porque ela é lésbica ela tem que ser igual o cara. Não no sentido de que ela não pode ser, mas no sentido de que ela fica chamando outras meninas de gostosas, assediando as outras meninas... que ela que ser lésbica é isso. Eu vejo que todo mundo fica achando que é isso, ser lésbica é você ser caminhoneira, igual na gíria delas. E aí ficam, tipo, muitos estereótipos e muitas pessoas, mesmo da comunidade LGBT, continuam pensando e agindo de acordo com esses estereótipos, seja da sapatão, seja da menina super bonitinha. A gente tem essa mania de estereotipar, seja você da comunidade ou não (Clara, 14 anos).

> É porque eu tenho vários amigos e eu vou usar os meninos como exemplo, eu não estou dizendo que a maioria fala isso, mas a maioria dos meninos [que eu saio] ficam

> rebaixando os outros… Igual no *A Procura Do Encontro*, que é quando o menino fala com a menina e aí vêm os outros e trata as meninas como objeto, como se ela fosse só para ficar, beijar e por aí vai… No meu ponto de vista, eu vi isso no livro. E a maioria da nossa geração hoje em dia pensa assim ainda, entendeu? Eu saio muito com os meninos, aí eu vejo que a maioria usa o nome... Tipo, "para de viadagem!" Isso não é coisa de homem, homem não deve agir assim, sabe? Uma coisa tão ridícula… e isso, sei lá, isso acontece muito. É normal no dia-a-dia de hoje. A gente mesmo, quando vai brincar um com outro, eu mesma sou assim, eu chego e falo: "mano, você é muito..." E eu uso o termo viado como uma ofensa mesmo, entendeu? Eu assumo, eu uso! "Nossa, véi, você é muito viado, você é muito escroto!", eu falo na tora, entendeu? Tipo, é tão normal a gente chegar e usar o termo viado ou outros termos igual a esse, como antigamente, de forma pejorativa (Amanda, 15 anos).

> Vocês estavam falando que lésbica tem que ser o machão, né? Cabelo curto e tudo… e também tem muito isso pra gay, de que tem que ser a menininha, né? Que fala fininho, super afeminado, que usa rosa e tiara na cabeça. Aí você tipo, ah, isso acontece direto comigo, tipo, eu solto um gritinho fino, aí o povo: "nossa, viadou, hein?" (Risos) Deu uma viadada aí, hein?!" Isso já virou, tipo, praticamente normal (Artur, 14 anos).

> Tipo assim, o grupo social que tem mais preconceito dentro de si mesmo é o dos homens, bizarro. Não sei se vocês podem notar, é muito esquisito. Tipo assim, você faz alguma coisa os cara já vem te xingando, chamado de viado, bicha e por aí vai, um monte de coisa. Então chega ao ponto de ser engraçado porque não é algo comentado assim, é normal. E chega ao ponto de ser normal isso, é muito esquisito. E outra coisa, na sociedade um dos motivos que eu vejo de ainda existir muito [preconceito], é que é uma coisa lenta. Porque você não está só desconstruindo ideias de uma geração, você está desconstruindo ideias de um sistema inteiro se você for pensar. Ainda tem igrejas, ainda tem políticas, ainda tem muitas pessoas até dentro da própria mídia que ainda defendem uma ideia contra, que ainda fazem a propaganda dessa falta de aceitação. Então eu acho que tentar se adiantar muito... é complicado você dar um passo maior que a sua perna. Então eu acho que vai ser lento (Felipe, 14 anos).

A partir das falas dos participantes pode-se notar que eles próprios enxergam o sistema que produz a formação de representação de estereótipos sexuais e de gênero, determinando também o que é ser feminino e masculino. Além disso, principalmente os jovens do terceiro grupo conseguem ver a dificuldade em escapar de tais moldes pré-estabelecidos, pois os símbolos e regras contidos em tais sistemas acabam realçando a visão de mundo do coletivo majoritário (heterossexual), muitas vezes imperativo.

Tais observações demonstram o que Foucault (2015) nos diz sobre a construção dos princípios sobre a sexualidade no ocidente, feita, como mencionado no primeiro capítulo, através de uma "história dos discursos" carregada de poder. Assim, o texto do livro ainda resgata insultos e mostra a discriminação sofrida pelo protagonista mesmo antes de ele "se assumir" homossexual, por causa de seu comportamento. O diálogo entre os outros personagens demonstra repulsa de diversas formas, seja por meio de piadas, ou por xingamentos diretos ao Gabriel. Ao serem questionados sobre como os participantes ou outros jovens da idade dos

mesmos agiriam com o protagonista, todos disseram que, mesmo a obra tendo sido publicada em 2000, a atitude e os pensamentos de seus pares não mudou muito.

> Eu acho que as pessoas da nossa idade são muito mais capazes de falar essas coisas, só que hoje em dia está mais disseminada a ideia… As pessoas não falam na cara [que] “isso é anti-natural”. Lógico que existem pessoas que eu conheço, pessoas que falam pra você que isso é uma aberração, mas hoje em dia são outros pontos também, não é só o fato de você ser gay, os comentários são diferentes (...). Porque na maior parte da história da humanidade você ser gay é do demônio e era ruim (risos), então começou no imaginário, na ideologia das pessoas… Sei lá, é que ser gay é antinatural e é ruim. Então pega a expressão, porque a expressão, as gírias acabam vindo dos pensamentos das pessoas (Clara, 14 anos).

> Eu mais novo, eu misturava com pessoas que não eram semelhantes [faz sinal de aspas] a mim. Hoje eu já meio que participo de um grupo que são mais de pessoas gays e tal... Então não sofro muito de amigos e tal, mas em ambientes diversos eu acho que... é possível eu sofrer violência, mas isso é na sociedade em geral. Mas entre amigos não (Mateus, 19 anos).

O ambiente é uma categoria muito enfatizada nas conversas, pois, de acordo com eles, o meio modifica a maneira como as pessoas agem e pensam. Tal detalhe sugere que as regras de conduta da heteronormatividade estão intrinsecamente ligadas e repassadas pelo convívio social, principalmente o convívio íntimo e cotidiano, como é o caso da família, que influencia primeiramente as atitudes e maneiras de ser das crianças e jovens.

> Porque é o que é passado pra gente, nossos pais passam isso pra gente, a família passa pra gente. A minha família não aceita. Falam coisas desse tipo, e meus sobrinhos dessa idade reproduzem o que eles passam. O que eles falam pra mim... eles não sabem de mim, mas reproduzem, veem na televisão... "Nojento" e tal. (...) Quando você está vivendo no ambiente, por exemplo, e as pessoas estão falando, você começa acreditar que aquilo é errado. Eu mesmo em diversos assuntos me falta maturidade (Mateus, 19 anos).

> Eu acho que os pais são o papel principal, assim, dentro de casa, então querendo ou não você acaba absorvendo coisas deles mesmo (Gustavo, 16 anos).

> É a primeira referência né, que a criança tem, é o pai. (...) E o que eu acho mais perigoso disso é, por exemplo, a minha tia [que é homofóbica] é assim, a minha prima também é. E aí depois ela vai passar isso pra frente, porque raramente a pessoa vai mudar a cabeça dela assim, depois de grande, sempre tendo em mente a família... então raramente ela vai mudar (Vivian, 17 anos).

Além disso, outra categoria bastante presente nas rodas de conversa, a religião novamente foi apontada como a principal justificativa para a discriminação.

> É aquela coisa né, eu não tenho preconceito, desde que não seja na minha casa. É bem assim. Depois que eu li o livro... meu pai fala que ele não é homofóbico, mas eu tenho certeza que ele é. (risos) Meu pai é daquele tipo de pessoa que vê assim, criança, gente, criança! A gente tá no restaurante aí tem aquele espacinho de criança assim, ele vê a criança brincando na cadeira assim, e fala assim: “ih, vai ser bicha. Vai ser bicha, vai ser...” Eu fico, gente, meu Deus, que vergonha! Aí assim eu virei pra ele e falei assim:

> “pai, e se eu fosse gay? O que você ia fazer?”. Aí ele ficou assim, né, um pouco pálido, do tipo: “você está tentando me contar alguma coisa?” (risos) Eu sei que é hipoteticamente, aí ele foi parou, até tirou o som da televisão. “Não, a gente entende assim. Como pais, a gente quer que o filho da gente seja feliz. Então, se assim você seria feliz, é claro que eu vou te aceitar... Mas eu não acho certo, porque Deus fez o homem pra viver com a mulher!” Meu filho, Deus fala que nós viemos do barro, você acredita nisso? É umas coisas assim, a pessoa quer mascarar um preconceito que tá na cabeça dela, seja com religião, seja com biologia, seja com o que for (...). Meu pai, é aquela coisa, ele acha que homem nasce pra mulher, mulher nasce pro homem e ponto final. Não existe outra variação. Só que é complicado a gente pensar que na nossa família seria assim. A minha família é evangélica, a maior parte dela, e eu tenho uma prima que, assim, eu tenho 60% de certeza de que ela é sim homossexual. Pelo que eu converso com ela, a gente sabe que a pessoa tá escondendo alguma coisa, sabe? E a minha mãe: “você acredita que eu acho que a fulana é gay?” Agora ela falou isso comigo e eu falei: bom, vou dar todo o apoio. Tomara que seja que eu levo pra cima! (risos) Tem que quebrar paradigma mesmo! Se não acontece, a pessoa não vai saber como que ela lida! Meu pai tá acostumado a julgar, a gente não vive com eles. Quero ver quando for uma pessoa que ele ama, sabe? E eu falo mesmo, com a minha mãe. A primeira vez que eu falei “mãe, e se eu fosse gay?” ela: “ah, eu ia te amar como um pai ama um filho que nasce sem braço” Tipo, ela falou isso comigo! (risos) Não tem lógica. Não adianta tentar achar porque não tem. (Vivian, 17 anos)

> Na minha família é tudo cristão assim: “eu não acho certo porque Deus criou o homem e a mulher” e fica pegando citação da bíblia, e fica falando, “não, na bíblia tá falando”... Ai, gente, eu também li a bíblia e na bíblia fala que todas as coisas são lícitas. Você quer usar uma coisa pra justificar, pega tudo o que tá no livro! Não fica pegando partezinha! Não fica pegando partezinha pra justificar coisa que você pensa, que você acha que é certo, sabe? (Flávia, 15 anos).

O preconceito e a discriminação chegam inclusive a outras obras literárias de temas distintos, tendo os participantes citado bandas e jogos como sendo alvo de “perseguição”. Muitos deles já deixaram de fazer o que gostavam por causa do preconceito e da fala de outras pessoas, que não têm respeito por comportamentos distintos aos seus.

> Até parei de escutar uma banda porque as pessoas falavam que era do demônio... e pessoas falam muito! Aí têm milhões de pessoas, assim, aí você só fala: tá, gente, parei de escutar! (Ivo, 18 anos)

> Meu vô falava até das minhas figurinhas de Pokémon (Risos) (Gustavo, 16 anos).

> Eu conheço gente que já deixou de ler Harry Potter por conta disso (Ivo, 18 anos).

> O meu pai não gosta, mas eu nunca deixei de ler. Por exemplo, algumas coisas não [deixei de fazer] outras coisas sim... Meu pai odeia isso (Ivo, 18 anos).

> Muitas coisas horrorosas acontecem por causa de falta de respeito. Entre aspas, raça, vamos dizer etnia, cor da pele, ideias, sexualidade, gênero, até o jeito de vestir! Tipo, o preconceito gigantesco que tem com pessoas góticas?! Que também não faz o menor sentido, porque literalmente eu já vi gente que apanhou porque era gótica, porque as pessoas ficam falando: “você é filha de Satã!” Eu era gótica, eu parei de ser gótica… Eu parei porque é um assédio, vamos dizer assim, de certa forma, nos lugares públicos, que as pessoas chegavam... só porque eu vestia muito preto, eu não cheguei a ficar totalmente… Eu estava no caminho, mas, tipo, eu falei, vamos dar um tempo, vamos esperar, até um certo ponto, porque as pessoas tem preconceito com tudo. Se é com a forma que você veste, se você gosta ou não de coisa velha, ou a suas ideias… (...) Até

> aquelas pessoas que dizem “ah, eu não faço isso”, você vai olhar pro seu passado, você realmente aprendeu? Você percebe o quanto de preconceito que você tem? Mesmo com as coisas mais ridículas. Eu vou admitir que eu tenho preconceito muito retardado, e eu sei que eu estou me fechando para coisas que até podem ser positivas, mas eu não sei… Eu estou tentando melhorar. Mas eu tenho preconceito. Mas pra mim eu tenho que aprender a parar de ter preconceito com pessoas preconceituosas… Porque se eu fizer isso, eu estou sendo igual, então eu estou tentando melhorar, estou tentando aprender. Tipo, vou te respeitar, mesmo você tendo opiniões que me machucam... Eu estou tentando melhorar isso porque eu acho que a gente deveria se desfazer de qualquer tipo de preconceito (Clara, 14 anos).

A discussão sobre a categoria do preconceito leva à reflexão sobre a da normalidade, pois há um questionamento, por parte da narrativa, do que é ser ou não normal, influenciado também pelo personagem do pai e pelas amigas do protagonista, que levantam dúvidas sobre Gabriel ser “esquisito, problemático, talvez doente” (p.43). Tais falas incutem valores heteronormativos, pois o que é tido como destoante de tal regra é considerado errado. Uma das participantes levantou a questão de que todos nascem iguais, mas que são “planejados”, dando a entender que são encaixados em modelos pré-existentes, apesar de que isso não nos impede de revoga-los ou subjuga-los.

> Porque, tipo assim, se todo mundo nasce, vamos supor, a mãe vai fazer ultrassom, e fala lá: é menino, ou menina. Tipo, todo mundo nasce do jeito que é pra nascer, eu acho, tipo, nasce igual, não sei explicar muito bem. Aí tipo assim, foi tudo planejado, a mãe dele foi lá, comprou as roupas de menino, comprou os brinquedos deles provavelmente tudo de menino, essas coisas assim, então ele foi planejado, com certeza, ele foi muito bem planejado. E o ser humano tem a capacidade de mudar e ser o que ele quer ser. (...) No pensar dele [do Gabriel], ele pensa que, vamos supor, que ele nasceu diferente. Que ele nasceu assim, do jeito que ele fala no livro. Mas na minha opinião não, todo mundo nasce igual, mas vai descobrindo a própria natureza ao passar do tempo (Alice, 16 anos).

Mesmo tendo a oportunidade de sair do padrão, a mesma participante fala em normalidade ao ser questionada sobre essa “própria natureza” do Gabriel, que seria “diferente” por não se encaixar no que esperam dele. Ao perguntarem se achava que o Gabriel era diferente por ser gay, ela tentou se explicar de outra forma:

> Tipo assim, eu não acho que ele seja diferente, porque ele também é ser humano, mas, tipo assim, os hábitos dele, não é como... vamos supor, o pai dele. O pai dele acha que ele tem que ser uma coisa, os amigos dele.. Ele não é igual o que o pai dele queria que fosse, tipo, jogar bola essas coisas assim, como um homem normal faz (...) É que nem no meu caso: desde pequena eu sempre gostei de jogar futebol. Sempre gostei de fazer tudo que menino faz, tudo mesmo. Eu só andava com homem, desde pequena até hoje, sempre gostei mais da amizade de homens e coisas assim. E por esses fatos, as pessoas começaram a notar coisas diferentes em mim, mas eu não sabia, tipo assim, eu só gostava mesmo de fazer aquelas coisas. Mas as pessoas comentaram coisas diferentes em mim, eu nunca... Sempre continuei a mesma pessoa assim, mas não é o caso do Gabriel. O caso do Gabriel ele realmente é... outra coisa. Mas não é meu caso não, entendeu? (Alice, 16 anos).

Assim, podemos perceber que uma consciência coletiva de valores heteronormativos paira sobre a organização e a própria interpretação dos sujeitos sobre suas relações, o que vai ao encontro da ideia já mencionada do imperativo e do poder dos discursos replicados ao longo da história da sexualidade humana. Ao aceitar como positiva e legítima a heterossexualidade, instaurando-a como norma, excluem-se outras condutas, gerando o medo de rejeição, que é constantemente exacerbado pelo protagonista deste livro.

No decorrer da conversa sobre normalidade, outra participante resume todos os questionamentos em sua fala:

> O normal, ah, não é que é normal, é o que a maioria da sociedade aceita, na verdade, que é a cultura heteronormativa, que é ser hétero e ter os padrões de gênero. Inclusive essas coisas dos brinquedos na infância tá muito mais relacionada à questão de gênero do que de sexualidade. Desde a infância menino brinca de carrinho e menina brinca de quê? Vassourinha, boneca e panelinha. Cozinha. E aí as pessoas começam a aceitar mais isso, né, porque você vai à loja... o mundo é todo preparado pra dividir tudo em dois: coisa de menino e coisa de menina. É mais uma questão de gênero mesmo. Você vai na loja de brinquedo, você tem uma sessão masculina e uma sessão feminina, então a criança, a pessoa, desde a infância vai sendo formada nesses padrões. Quem não se encaixa nesses padrões é tido como diferente. Mas o mais anormal, na verdade, eu acho que é dividir tudo em dois, por que a gente divide as coisas em dois? (Beatriz, 18 anos)

Tal observação mostra que a discussão sobre gênero e orientação sexual tem penetrado cada vez mais no dia-a-dia das pessoas, e muitas estão se interrogando sobre a dualidade das normas vigentes. É interessante ver tal crítica partindo dos jovens, principalmente porque eles se identificam com o debate principalmente na medida em que se veem como transgressores de tal regra.

> É muito parecido com a realidade, tem umas histórias muito parecidas, umas histórias que eu escuto todos os dias e uma história que eu vivo todos os dias (...). Eu escuto muito dessas histórias todos os dias e vivo também um pouco de uma história muito parecida (Beatriz, 18 anos).

> Uma parte no livro que eu achei muito interessante que fala: "o que todo mundo faz vira o normal. O conceito de normalidade invariavelmente vem da observação de comportamentos repetitivos. O que todo mundo faz vira o certo. E quem não faz igual torna-se diferente". Entendeu? Eu acho que ... tá, ele [o Gabriel] é diferente, mas por ele ser diferente das pessoas, ele não está errado... (Gustavo, 16 anos).

> Acho que hoje em dia o que é ser normal é estar dentro do que o que impõem pra você, sabe. Ser normal é ir pra escola, voltar e dormir, se você for pra escola, sair de lá e ficar sentado na rua você é diferente, então você é um problema. Tudo o que não impõe, tudo que sai de uma linha, que vai um pouquinho pro lado faz, com que seja diferente (Ivo, 18 anos).

> Acho que ser normal é estar dentro do padrão, seguir o que a maioria está seguindo (Sara, 18 anos).

> É o que a maioria das pessoas faz. A maioria das pessoas usa vermelho, então se eu uso preto, eu sou diferente. Exemplos. (Flávia, 15 anos)

Ainda em relação a essa discussão, é possível constatar argumentos que a autora defende ao longo do texto, sobre normalidade e padrão, através dos quais os elementos de dominação e os valores heteronormativos já mencionados podem ser mais observados. Como parte do exercício de interpretação da obra, o leitor tem que preencher as lacunas na medida em que lê decifrando tais argumentos, e é pela releitura e debate que se nota tais perspectivas oferecidas pelo texto. Durante a conversa, observou-se que o terceiro grupo conseguiu entender tal argumentação na medida em que eles próprios levantaram esses valores contidos no texto. No entanto, a maioria dos participantes dos dois primeiros grupos não percebeu tal argumentação, somente depois de explicado sobre como o Gabriel muda de pensamento ao longo da narrativa (entre antes se achar o "projeto que deu errado" para "viver a vida como ela é e não se esconder") é que foi levantado o assunto da transgressão, na qual a heteronormatividade dominante exclui outras opções de sexualidade, sendo os homossexuais vistos como "fora da lei". A mesma participante que questiona a dualidade foi a única a responder que percebeu tal argumentação:

> Eu consegui [perceber]; tem essa questão, esse ponto que ela define a sexualidade como algo normal, o que é normal, eu também concordo, mas eu percebi também que ela defende que as manifestações da sexualidade ou da identidade de gênero começam na infância quando ele começa a escolher, preferir brincar de boneca... Até comprou uma boneca lá com a mãe dele, só que ela não deixa muito claro, acho que por ser um livro do ano 2000, essa questão dos brinquedos está mais relacionada a identidade de gênero que de sexualidade (...) Mas é o ano 2000 né, eu acho que nesse ano a gente ainda não tinha debatido tanto sobre identidade de gênero, no máximo sobre sexualidade, e as outras coisas eram muito confundidas, não eram muito discutidas... Até hoje, mas hoje eu acho que a gente tem muito mais detalhes sobre (Beatriz, 18 anos).

Como muitos dos produtos culturais são produzidos por e para o público heterossexual, a transgressão aparentemente só é visivelmente interpretada por quem se sente o próprio sujeito transgressor, por já ser visto como dominado. Leandro Silva (2016, p. 31-32) surge com o seguinte ponto, que se interpõe ao debate apresentado pelos jovens nas rodas de conversa:

> Por que existe uma identidade homossexual com a qual precisamos lidar, seja para nos reconhecermos no reconhecimento outorgado por outrem, seja para tornar coerente o relato que damos às nossas vidas? Tudo se passa sob a regulação na matriz heterossexual. O sujeito homossexual surge como uma forma abjeta ou ilegítima do sujeito da razão. (...) A identidade gay é necessária para a manutenção da norma na medida em que ela ratifica seu domínio (SILVA, 2016, p.31-32).

Ao perceberam que o livro inteiro trata da busca de Gabriel por respostas sobre as “verdades” que lhe são impostas sobre si mesmo, os leitores, principalmente aqueles que não são “transgressores da regra”, puderam reparar o processo pelo qual os sujeitos perpassam para se construírem. A ideia de revelar tais verdade também está presente na discussão anterior, e este texto retoma tal exposição sobre os regimes que moldam os sujeitos e suas sexualidades, além das reproduções de práticas ligadas à convivência em uma mesma sociedade pautada por regras heteronormativas.

> Deu pra ver um pouco como é né, a vida de uma pessoa assim, como ele vê, como ele se sente (Rita, 16 anos).
>
> Passei a entender melhor. Se eu tiver um amigo assim como Gabriel, posso ajudar ele, de certa forma (Caio, 16 anos)
>
> É, porque que nem ele falou que tem gente que acha que é só chegar e falar: sou gay e pronto. [Deu pra ver] Que não, que as pessoas passam por momentos na vida, por dificuldades, tentam se achar, essas coisas assim, e eu realmente não sabia que era assim. Eu tinha uma ideia que eu pensava "nossa como é que a pessoa conseguiu chegar a essa conclusão, será que foi fácil?" Mas não é assim. Deu [para esclarecer] (Alice, 16 anos).
>
> Eu tive uma visão melhor de como é esse descobrimento, essa aceitação, como que as pessoas que convivem com essa pessoa, veem ela durante todo esse processo. Então pra mim acrescentou. Eu pude ver o que ele sente, como é que é do início até a hora que ele fala: “eu sou isso, é o que eu sou, e eu vou ser feliz assim. Quem quiser que aceite”. Quem quiser que se encaixe né... Então pra mim acrescentou (Flávia, 15 anos).
>
> Pra mim foi meio que um complemento. Porque eu leio livros com temática parecida com essa, então foi meio que um outro ponto de vista, de um assunto recorrente, então acrescentou. Nossa, no quesito de... Eu não lembro muito bem, mas a maioria dos livros que eu leio, os personagens não passam, não mostram tanto assim essa fase de se descobrir e tal. Uns são mais dramáticos, mais pesados, ou eles são mais leves e não mostram, tipo, ah, tem preconceito aqui, o personagem tá sofrendo com isso, mas é um personagem mais de boa, o ambiente dele... Então acho que acrescenta nesse sentido (Sara, 18 anos)

Desse modo, o texto literário abriu espaço para pensar em como se dá a construção das sexualidades e como nossas práticas são condicionadas às regras que formam tal construção, propondo uma reflexão sobre a naturalização da heterossexualidade na medida em que os jovens questionam se “aceitam” ou não outras sexualidades além dessa. O próprio ato de “aceitar” sugere que as outras sexualidades não são tidas como legítimas por si só.

> Assim, comigo isso não aconteceu, então a gente sabe que a pessoa sofre preconceito, que pra muita gente é muito difícil e acaba que quando você vê o personagem, parece que você tá fazendo parte daquilo, você começa a entender melhor como é essa transição pra quem precisa fazer essa transição. E aí você começa a meio que... por mais que você não faça parte desse mundo, você começa a abraçar mais, a entender melhor porque que é tão difícil. Porque eu vou ser bem sincera: eu nunca entendi qual

> que é o problema... acho que não tem o que aceitar, sabe? Não tem o que aceitar. Mas infelizmente tem gente que acha que tem, e assim o livro ajudou muito a entender o efeito que isso causa em alguém que precisa assumir alguma coisa assim. Porque a gente sabe que existe, mas é muito pior, muito pior (Vivian, 17 anos).

> Você pode ser o que você quiser, se tem uma pessoa que não te aceita, você vai passar por dificuldades pra poder chegar a ser quem você quer ser (Alice, 16 anos).

> Não gosto muito desse termo de "aceitar", ninguém tem que aceitar nada, gente, pelo menos pra mim. Tipo, vão lá e te falam: "eu não te aceito". Gente, mas eu não te perguntei! (Risos) Você tem que basicamente me respeitar, me respeitar como eu te respeito, suas relações são suas, o que eu faço comigo você não tem que aceitar, tem que me respeitar pelo que eu sou e é isso (Mateus, 19 anos).

> Não, eu concordo, porque tipo assim, eu falo assim "não aceitar" porque é o que a sociedade acha, é olhando pra sociedade que eu digo "eu não aceito você ser desse jeito", entendeu? (Alice, 16 anos)

> Sempre questionam isso [o “ser desse jeito”] (Mateus, 19 anos).

Utilizando da história do Gabriel, sua visão de mundo tendeu a enriquecer as experiências dos presentes, não os desvinculando da realidade na medida em que a referem por determinada perspectiva, a do protagonista. Os múltiplos pontos de vista mostrados no texto também estimularam os leitores a combinar diferentes opiniões para formar as suas, e assim conectá-las às pessoas reais de seus círculos de convivência para construir sua interpretação da obra. Afinal, o que faz do livro valioso é o que ele é capaz de produzir entre o texto e o leitor.

Ao serem questionados se a leitura do livro faria a mesma mudança positiva em relação à superação de estereótipos de gênero e em relação às sexualidades dissidentes em alguém que eles conhecem, as respostas foram divergentes.

> A pessoa que apareceu na minha cabeça agora leria. Ela ia falar: “nossa, é tudo o que você me contou!” (risos) “Foi você que escreveu o livro?” (Gustavo, 16 anos)

> “Vou queimar! Vou pôr fogo!” Não leria... [ela diria:] “Vamos queimar!” (Ivo, 18 anos)

> A mesma coisa do Ivo. “Eu não acredito que você tá pensando assim. O que que tá acontecendo? O que que tem de errado? Tá querendo falar alguma coisa? Isso não é natural, não é normal não. Quer conversar comigo?” Nossa, eu não consigo nem imaginar! “Isso é só fase!” (Flávia, 15 anos)

> “Quer conversar com o psicólogo?” (Vivian, 17 anos)

> “Isso aí tá errado!” Ia ser uma coisa mais ou menos assim (Flávia, 15 anos)

> A pessoa que eu pensei acho que ia ler, ia fingir que entendeu, mas ia continuar tendo preconceito velado. Isso acontece sempre. Qualquer coisa que fala... Pensei no meu pai (risos) (Sara, 18 anos).

No terceiro grupo, assim como no debate do livro anterior, novamente a interpretação foi elemento chave para tornar o texto modificável, tanto positiva quanto negativamente, pois pode incutir ainda mais preconceito em pessoas de diferentes ambientes sociais. Levantou-se a ideia problemática que é o "conceito de normalidade" e como o aprendizado – seja por instâncias culturais, seja na escola, na família ou por outros meios como a religião – influencia o modo como interpretamos o mundo ao nosso redor.

> Existe um problema muito grande dentro do conceito de normal. O que está no seu meio você vai achar que é normal, então você pegar e falar o que é esquisito, ou é nojento e tal… Eu acabo não vendo como uma forma de preconceito pelo fato… igual, Você chegar para um chinês, ele está comendo um inseto, ou um cachorro, você falar que é esquisito. Você acha esquisito, pra ele é super normal, entendeu? Então eu não sei até que ponto isso é preconceito, entendeu? (Felipe, 14 anos).

> Eu acho que existe uma diferença, igual você não respeitar normas culturais… E outra coisa é essas coisas embutidas em relação à como tratar os outros, porque é uma coisa, pra mim é você chegar e… "É esquisito". Mas, igual, tem tribos de canibais da África que era super normal: "vamos comer os seres humanos!" E aí? É uma coisa. Mas eu acho que tem uma diferença… Porque aí pra mim eu acho que o que divide o preconceito do que é normal é que, de certa forma, a gente tem que aprender que o normal é relativo, e como normal é relativo você não deve tratar os outros mal por isso. Mas se você aprender… igual, eu não vou tratar os chineses mal por ele comer um inseto, eu vou achar estranho, mas você aprendeu... Vamos fingir que eu nunca tenha visto uma pessoa gay, e eu não sabia o que era e achar esquisito, aí você aprender que, tipo, só porque não é igual o meu normal, mas você tem que aprender que é o normal de outra pessoa. Você tem que aprender a respeitar da mesma forma que eu respeitaria um cara comendo inseto (Clara, 14 anos).

> Igual os chineses, é a cultura deles, eu aprendi isso (Isis, 14 anos).

Podemos ver que a leitura e a discussão se mostrou positiva ao trazer a relevância do tema e de sujeitos que se identificam com ele, principalmente ao representar a vivência humana da juventude LGBTQ, público naturalmente excluído dos bens de consumo culturais, como os livros.

> Acho que colocar na novela e essas coisas ajuda sim porque tem que colocar mesmo para ser falado pelo povo mesmo, acho que todo mundo começa a se questionar. Querendo ou não, daqui um tempo vai fazer diferença, acho que o assunto vai ficar mais normal (Mateus, 19 anos)

> Acho que abrir esse olhar é a questão, sabe? A chave, principal. Porque as vezes você pode pensar: "ah, tá, eu não passei por isso", mas quando a gente tenta abrir esse olhar, eu acho que através do livro, a gente começa a perceber que tem, que existe muita crise... Não sei se é crise de identidade a palavra certa, mas vou falar crise. Essa crise de saber. De tentar acreditar naquilo, de saber da realidade, como ser e porque ser. Entendeu? Acho que é abrir a visão, no caso. E acrescentou, fez abrir, tentar ver mais as pessoas ao lado, não só assim nesse mundinho fechado (Ivo, 18 anos)

> Tratando de homofobia em casa, tudo aquilo que a pessoa pode passar, eu me identifiquei super com o personagens porque é uma coisa muito comum. Então eu

> acho que é por isso. Eu meio que li e vi que não tô sozinho; as coisas não acontecem só comigo mesmo, mas com outras pessoas (Gustavo, 16 anos)

O texto apresentado se mostrou importante também para pensar na realidade de diferentes épocas, na construção dos estereótipos e nos efeitos que interpretações múltiplas podem causar no leitor, fatos comentados pelos próprios participantes das rodas de conversa.

> Eu acho que um dos pontos positivos é que esse tipo de literatura no qual tenta abrir novos grupos sociais para as pessoas… Não abrir, mas expor pensamentos e opiniões diferentes sobre determinados grupos sociais, eu acho muito interessante porque está surgindo cada vez mais. Então você vê o livro de 2000 já trazendo alguma ideia a respeito disso eu acho interessante. E eu acho que sim, ele pode ter sido construído errado, ou então ele deixar muito… Ele não fechar o conceito do que ele quer passar direito e deixar muitas pontas soltas, podendo levar outras pessoas a interpretarem com alguma forma de preconceito e tal. Então eu achei que foi uma iniciativa interessante da autora, porém foi mal executada, eu acho, então é meio que um elogio e uma crítica, vamos dizer (Felipe, 14 anos)

> Concordo plenamente com o que você acabou de dizer porque, pra mim, quando eu descobri que tinha pelo menos algum tipo de livro falando sobre isso eu fiquei, “ei, que legal!” Mas eu acho muito legal a gente tentar discutir isso, é um objetivo lindo, só que falharam miseravelmente no caminho. E aí eu acho isso triste… Igual, tem livros mais recentes que são melhores, que são muito mais cabeças abertas e menos estereótipos, ainda tem suas falhas né, mas são livros mais bem estruturados e com menos preconceitos... (Clara, 14 anos).

Novamente o observado pelos jovens, de que a intensão é válida, porém com ressalvas, foi levantado principalmente pelo terceiro grupo. Contudo, todos concordaram que a veiculação de modos de ser diversos, principalmente em meios atrelados ao lazer, como livros e filmes, ajuda a combater preconceitos.

### 3.5 – A homossexualidade feminina em *A Garota da Casa Grande*

O segundo livro entregue aos jovens do primeiro e do segundo grupo foi *A Garota da Casa Grande*, romance de 111 páginas publicado em 2013. É o livro com data de publicação mais recente dos três e foi utilizado para intermediar as outras duas obras escolhidas, já que é o único com uma personagem lésbica. No terceiro grupo, ele foi mencionado durante toda a discussão, frequentemente sendo comparado aos outros dois.

Em se tratando da categoria da verossimilhança, os participantes também viram a possibilidade das protagonistas, Georgia e Alice, serem pessoas reais, mas comentaram que havia estereótipos nas duas personagens e enxergam na protagonista uma representação demasiadamente racional e madura, já que ela tomou conhecimento de sua orientação sexual muito cedo, aos oito anos.

> Eu acho que a Alice é uma pessoa bem real, assim. Porque ela é bem possível assim, fiquei com essa impressão (Ivo, 18 anos).
>
> Eu também acho que ela é bem real, mas já pela insegurança... porque quando a Georgia fala: “ah, eu sabia desde pequena...” É como se ela tivesse a maior certeza do universo. Eu não acho que é assim não (Vivian, 17 anos).
>
> Ah, eu também não acho que com oito anos ela tava se reconhecendo... do jeito que ela fala aqui... nossa! (Ivo, 18 anos)
>
> Eu acho que a Georgia é mais.... O que pareceu quando eu li que é, tipo, “nossa, eu sou diferente, eu faço as coisas assim, porque eu sou revoltada”. Sabe? Bem o estereótipo assim que as pessoas fazem? Então acho que ela é bem real. A Alice também (Sara, 18 anos).

A avó da protagonista, uma senhora muito religiosa e moradora de uma cidade pequena, também foi questionada por ter aceitado a sexualidade da neta com tanta naturalidade.

> Pela religião... por ela [a avó] ser religiosa, ficou meio complicado, tipo, ela aceitou muito de boa, é meio surreal. Mas isso acontece na vida real mesmo, acontece aqui, mas por ela ser do interior e ser religiosa fica meio estranho (Mateus, 19 anos).
>
> Acho que é meio que um contexto. É possível isso acontecer? É. Mas o contexto, o lugar onde ela mora, as pessoas com quem ela convive, ficou meio surreal (Vivian, 17 anos).
>
> Ainda mais pelo jeito que a avó dela é descrita no começo do livro pra do jeito que ela aceitou... É, tipo, você vai olhar, nossa, ela aceitou tão rápido! É tipo a sua mãe deixando você fazer alguma coisa que você pensaria que ela nunca ia deixar você fazer. (Alice, 16 anos)
>
> Pois é, geralmente tem um conflito. Porque, por exemplo, da forma como aconteceu realmente foi muito rápido, sabe? Deveria ter alguma coisa que esbarrasse ali, que batesse, que fosse virar um conflito antes, antes de chegar e ela aceitar. Deveria ter um conflito antes. Não teve esse conflito. Sempre tem, a gente, independente da família… Sempre vai ter esse conflito. Não teve, por isso que ela falou assim: isso é surreal (Ivo, 18 anos).
>
> Eu fui aceitando a avó, porque que ótimo, menos problema pra ela, né? ... Mas, tipo, na hora que eu li, “ai, nossa, como assim?” Pensei que ela fosse fazer altas tretas, ia xingar, pensei que ia ter a maior confusão dentro da família dela, mas não foi, então aí eu só aceitei. Ah, menos um problema, e fui lendo (Sara, 18 anos).

Em se tratando da categoria do preconceito, nesse livro ele foi notadamente atrelado ao fato de a história se passar em uma cidade pequena do interior, e também à religião, elemento presente no discurso dos personagens e em vários símbolos mencionados pela protagonista (o crucifixo, por exemplo, item importante para o enredo). A maioria dos participantes acredita que o nível de intolerância é maior em cidades menores.

> Ah, principalmente no interior... Nunca que ia ser daquele jeito [a aceitação]. Porque eu acho que lá tem uma dificuldade maior de aceitar que as coisas não são, como que

> eu posso dizer?... Igual era no século XVIII. É meio que isso, e ela foi tão compreensiva, eu acho que isso não acontece não (Flávia, 15 anos).

> Ainda mais que ela colocou também religião. Nossa, "Deus ama a todos"! [faz careta de deboche] Vocês veem gente mais nova que eu falando que Deus ama a todos? Eles acham que só ama a religião deles, que dirá quem fosse mais diferente! (Vivian, 17 anos).

> Então, ela [Georgia] era assumida mesmo, [mas] lá ela precisou esconder da família mesmo por ter essa cabeça também... No interior as coisas são mais difíceis, são tabus ainda (Mateus, 19 anos).

> A questão da religião, talvez aqui [cidade grande] nem tenha tanto assim. Talvez não seja mais religioso. Geralmente cidade pequena é muito religiosa. Tem essa coisa mais da religião (Ivo, 18 anos).

Ao refletir sobre a possibilidade da história ter sido diferente se tivesse se passado numa cidade maior, os jovens acreditam que em grandes metrópoles as pessoas tendem a “aceitar melhor” a diversidade, de acordo com eles, já que é mais possível a convivência com pessoas diferentes. Por outro lado, eles também afirmam que a discriminação persiste e que seria também ligado à religião, apesar de haver outras justificativas além desta. Essa aceitação que eles levantam, portanto, não impede o preconceito, ainda que seja pautado em outros motivos.

> Aqui [cidade grande] o povo parte pra moralidade (Vivian, 17 anos).

> Mas também é ligado à religião só que são religiões um pouco diferentes. Na cidade grande a religião majoritária é o protestantismo, os evangélicos etc., e no interior costuma ter uma prevalência do catolicismo. É tudo religião. A desculpa deles é porque Deus não aprova (Beatriz, 18 anos).

> Quando na cidade grande, a gente vendo de fora, no interior as pessoas vivem a religião. Tipo, aqui não, aqui tem a religião, mas a gente vive fora dela. A gente respeita, mas vivemos nossa vida. Nem todo mundo, né? [Usam a religião sim] mas como último argumento. Não me aceitar é [por causa da] religião. Tipo, isso acho que não me atinge diretamente (Mateus, 19 anos).

> Eu acho que também não tem esse medo de cidade pequena, tipo “ah, se eu fizer alguma coisa todo mundo vai saber”. Aqui se eu fizer alguma coisa a chance disso chegar no ouvido de quem eu não queira que chegue vai ser bem menor que numa cidade pequena (Sara, 18 anos)

> Na cidade grande a gente vê muita coisa então se a gente visse aquilo [duas garotas juntas] seria normal. Já na cidade pequena não, provavelmente as pessoas são mais caseiras, veem poucas coisas, escutam poucas coisas, as pessoas são inocentes então... (Alice, 16 anos).

No terceiro grupo, os membros também prestaram atenção a esses mesmos detalhes apontados nos grupos anteriores, não divergindo muito de opinião quanto a isso.

> Tanto na cidade grande quanto na cidade pequena as pessoas têm preconceito também (Clara, 14 anos).

> Mas na cidade pequena é até mais. É assustador (Artur, 14 anos)

> Tem muito aquela coisa da religião, de outras coisas, está muito mais enraizada em locais pequenos porque… primeiro, não tem muita gente, não é igual numa cidade grande onde você pode… não tem, tipo assim, é mais onde todo mundo se conhece, então todo mundo já tem uma ideia sobre o que são as pessoas e como devem ser. E também porque eu acho que ia ser muito diferente pelo fato dos LGBT em geral na cidade já serem mais aceitos pelo fato de que, tipo assim, a gente tem muito mais informação. Não estou falando que o pessoal de cidade pequena é desinformado, mas… (Felipe, 14 anos).

Nesse ponto, vale refletir sobre a ideia que os jovens têm da diferença entre a vida no interior e nas cidades grandes. Para eles, as cidades pequenas ainda parecem muito “atrasadas”, ou, em suas próprias palavras, “desinformadas”. O fato de não serem tão abertas à diversidade humana estaria ligado, então, à falta de informação, dando a entender que o conhecimento que têm é característico do contexto específico de tal lugar, que parece estar enraizado ao seu modo de vida mais simples e de certo modo afastado do grande volume e da velocidade de informações diferentes que tendem a existir em centros urbanos maiores. A possibilidade de modificação desses padrões socioculturais nas cidades pequenas lhes parece difícil, na medida em que as regras de conduta são admitidas e difundidas como indiscutíveis, pois não há argumentos suficientes do contrário, já que são lugares “ignorantes”.

Ao serem questionados se moraram ou se visitam com frequência cidades interioranas, muitos dos jovens têm relatos de visitas esporádicas aos familiares que moram em lugares menores e, com base nessas experiências particulares, tiraram tais conclusões.

> Tem uma época que eu viajava, mas tem bastante tempo, eu era menor até, tem muito tempo que eu não vou lá nessa cidade, mas minha irmã ficou com um menino nessa cidade e eu lembro que todo mundo estava sabendo disso no dia seguinte, e isso foi à noite. A gente tinha saído à noite e no dia seguinte tava todo mundo sabendo que ela tinha ficado com esse menino. Então imagina, se ela ter ficado com um menino deu essa repercussão toda, imagina duas pessoas do mesmo sexo ficando numa cidade [assim]? A família inteira ia saber e aí todo mundo ia começar a comentar e aquela coisa da exclusão, sabe? Porque todo mundo começa a te olhar estranho, que foi o que aconteceu... Tipo, "nossa, você ficou com aquele menino"! Então imagina! (Ivo, 18 anos).

> Aconteceu algo parecido comigo. Eu tinha saído para umas montanhas lá [na cidade pequena] aí começou a chover (risos), e tinha uns meninos lá, e a gente ficou debaixo de um carro velho lá. As pessoas que passavam por lá aí viu maldade e começou a espalhar até chegar no ouvido da minha vó (Alice, 16 anos).

> Lembrei que tem uma prima minha que morava no interior e aí ela veio pra cá, e começou a ficar com meninas aqui, tipo, conseguiu se mudar aqui. Agora... A diferença é que é muito mais fácil ela tá aqui, numa cidade maior, do que lá, numa cidade menor (Sara, 18 anos).

> A minha prima [do interior] casou com 15 anos, então é uma coisa que… E ela queria, sabe, pra ela é " ai, eu tenho que casar pra cuidar da casa, porque agora eu sou mulher", entende? E eu fiquei meio... E lá pra eles foi... É a coisa mais linda do mundo, não tendo nem, sei lá, estudado direito. Por isso que eu tô falando O que eu acho é que eles estão vivendo no passado (Flávia, 15 anos).

À menção do "viver no passado" também está atrelada à carência de informações, pois para eles a falta de uma vida mais dinâmica e mais conectada aos acontecimentos globais, que seria a vida no interior, faz com que os habitantes de tais lugares fiquem sem referência ou mesmo sem possibilidade de escolha – eles sempre agiram de tal forma preconceituosa, "atrasada", pois seus princípios estão conectados aos valores propagados por instituições controladoras, principalmente a religião. Como já vimos, libertar-se de tais controles é, como Foucault (2015) reitera, um processo longo e extremamente árduo.

Todavia, houve quem discordasse, demonstrando que o preconceito pode estar ligado às pessoas, ao que elas aprendem no decorrer da vida e à maturidade e independência adquirida com experiências, sem estar atrelado ao tamanho do lugar em que moram.

> Mas agora que eu pensei nisso, eu também lembrei de uma outra, uma prima da minha mãe, que mora numa cidade também no interior e ela namora uma mulher lá, e sei lá, é muito confuso... Talvez depende da maturidade da pessoa também. Porque quanto mais novo você é, mais medo você tem, porque você ainda está sob controle de outra pessoa. Você tem, tipo, sei lá, 16 anos, e tá fazendo uma coisa, alguém fala e você vai e não vai fazer. Ela não, ela tem todo o domínio. Ou seja, quanto mais velho você vai ficando, mais independente você vai ficando, mais tranquilo para assumir suas escolhas e suas ideias... (Sara, 18 anos).

> Olha, eu acho que as pessoas tendem a achar que o interior é um lugar... uma realidade paralela assim, um outro mundo né, que o pessoal do interior é atrasado, cabeça dura, e não sei o quê, eu acho exatamente o contrário. Eu acho que não existe essa separação assim. Tem gente cabeça dura na cidade grande, e tem gente cabeça dura no interior também. Tem gente preconceituosa na cidade e no interior também, inclusive acho que os dados de mortes de LGBT em São Paulo, que é uma capital, grande, é muito maior do que no interior aqui, por exemplo Uberlândia. [O preconceito] é por causa da religião sim, influencia. Porque se a gente for olhar por esse lado, se a pessoa realmente quiser seguir a religião dela, por exemplo no protestantismo, ela simplesmente ia virar e falar: "tá beleza, não tenho nada a ver com isso". Mas como as pessoas tendem a achar que isso não é normal e etc., elas usam a desculpa da religião, elas colocam a desculpa da religião na frente, então, "porque minha religião não aceita isso" (Beatriz, 18 anos).

A fala demonstra, porém, que a religião seria o foco do problema, por tratar de modo público assuntos pertencentes à esfera pessoal, como a sexualidade. Como tratado no capítulo um, é notável que as medidas regulatórias difundidas pelas diversas religiões antes do século XVI encontram-se ainda intrínsecas às sociedades atuais, ao modo de pensar das pessoas principalmente em relação ao sexo. Como grandes agentes de transformação, mas também de controle, as religiões persistem afetando comportamentos e justificando ações.

Assim, de forma geral, a religião foi apontada como a principal responsável pela intolerância a outras formas de ser. No entanto, muitos participantes notaram também que às vezes não existe uma justificativa para o preconceito, principalmente por parte de pessoas que não são religiosas. Ele estaria arraigado na cultura, e tal cultura teria em suas raízes, seja lá quais forem, a reprodução de ideias dominantes sobre comportamento, sexualidade e gênero, gerando uma visão de mundo excludente e estereotipada.

> Você fala assim, que a pessoa fala, tipo, "isso é errado", mas ela não vai usar a religião, mas ela não sabe o porquê que é errado. Sim, muita gente, é o que você vê muito, você vê muita gente assim. Eu convivo no meio mais religioso, no caso, assim, por conta do contato da minha família. Então eu vejo muita gente falando que é por essa questão da Bíblia lá e tal. Só que fora desse meio, igual, a gente está em outros lugares, é assim, é como você vê as pessoas falarem assim, é errado, mas eu não sei explicar o porquê (Ivo, 18 anos).

> Eu acho que, tipo, é passado isso pra ela. Elas crescem sabendo. Ouviu que aquilo é errado e simplesmente passa a palavra que é errado (Mateus, 19 anos).

> Realmente é uma reprodução mesmo da pessoa, acho que é mais cultural do que… Da própria pessoa pensar o que ela acha sobre isso (Vivian, 17 anos).

Isto mostra de forma clara o quanto o comportamento das pessoas está ligado à elaboração sociocultural de princípios em contextos específicos, princípios estes que reforçam desigualdades e impulsionam discursos preconceituosos. Como que para provar tal argumentação, uma das participantes do terceiro grupo, e que não é religiosa, fez um comentário dizendo que acha feio ver duas mulheres juntas e gerou certo desconforto.

> Eu acho feio (Júlia, 14 anos).

> Isso é uma forma de preconceito! (Amanda, 15 anos)

> Preconceito! Por que feio, Júlia? (Isis, 14 anos)

> Porque, tipo assim, não que eu tenha nada contra, só que eu não acho… eu não sei, não consigo olhar pra aquilo e entender direito, não vai entrar na minha cabeça. Pra mim é feio. Mas eu não vou chegar na cara da pessoa e falar… mas pra mim é feio (Júlia, 14 anos).

A partir dessa fala, os outros jovens refletiram sobre a reprodução impensada de ideias construídas socialmente.

> Isso é um pensamento que está embutido nela por causa da sociedade em que ela vive, não é culpa dela, vamos dizer assim… dela olhar e achar feio. Só que ao mesmo tempo que eu estou defendendo ela, eu acho triste, porque é a realidade, a maioria das pessoas olham pras pessoas se amando e acham, "que nojo"…. Eu acho isso triste dos dois lados... do lado que a gente segue, que a gente não percebe que às vezes muitos dos nossos pensamentos não são realmente nossos... o que é meio sinistro (risos). Igual a

> Júlia… não é sua culpa, não é exatamente a sua culpa, você poderia ou não, mas ficou embutido esse pensamento em você... (Clara, 14 anos).

> É, mas sei lá, acho que ela poderia mudar (Isis, 14 anos).

Sobre essa possibilidade de mudança, assim como levantado nos debates anteriores, ela existe, mas com algumas dificuldades. De acordo com os participantes, uma pessoa ter curiosidade ou querer esclarecimento sobre o assunto pode facilitar a abertura para tal.

> Paciência primeiramente (risos). Pra trazer informação, porque muita gente foi criada… começa a reproduzir esses pensamentos… Eu ia dizer reacionários, mas não seriam, seriam? Porque eles estão com medo da "ditadura gay", é [pensamentos] preconceituosos. Mas é com o tempo e o acesso à informação a pessoa pode sim mudar de opinião e etc. (Beatriz, 18 anos).

> Eu acho que é mais fácil de você convencer essa pessoa que não tem argumentos do que essa pessoa que tem um argumento, e que tem uma justificativa ali (Mateus, 19 anos).

> Eu acho que se ela usou argumento é que ela acredita em alguma coisa, então aí já fica mais complicado você desconstruir uma crença pessoal dela. Agora, quando a pessoa não tem embasamento dá pra você explicar melhor, de repente ela vai entender melhor, e vai começar a ver quais são as relações de outra forma. Então acho que fica até mais fácil... Caso seja uma pessoa que realmente não tem um argumento e que está disposta, aí acho que sim porque tem gente, às vezes, que fica de picuinha com determinado assunto, ela já vai com a cabeça assim, já pensa: eu sou assim, não vou mudar e ponto. Aí já é ir contra quem não quer. Então acho que esse tipo de pessoa não [há mudança] (Vivian, 17 anos).

Ainda em relação ao preconceito, o debate nos dois primeiros grupos destacou dois outros pontos interessantes: o preconceito inverso e o fetiche.

> [Existe] preconceito inverso. Mulher tem mais preconceito com mulher, e homem com homem. A maioria dos homens que eu tenho contato fala que é falta de couro, falta de mulher, então inverte mesmo, eu acho que inverteria (...). É o que acontece, tipo, mulher tem mais facilidade de aceitar gay do que [aceitar] lésbica. Uma irmã minha fala [que] ser gay tudo bem, mas ser lésbica é safadeza. É, tipo, porque que é safadeza? É mesma coisa! (Risos) Então eu acho que tem essa dificuldade mesmo, entre gay e lésbica. E tem essa diferença. Você percebe que tem esse tratamento diferente... (Mateus, 19 anos).

> Outro dia essa mulher começou a falar de casais assim homossexuais, tava falando assim que achava um absurdo a forma como eles se atracavam, e falou que sapatão, chamava de sapatão mesmo, que ela tinha nojo de mulher sapatão, e falava que elas eram escrotas, "nossa, que bando de mulher escrota", nossa, isso e aquilo, sabe? E começou a falar um tanto de coisa desse jeito. Então elas viraram e falaram assim que homem com homem junto era mais... tranquilo (Ivo, 18 anos)

> Homem gostar de homem poder, mulher não gostar de homem não pode! (Vivian, 17 anos)

> As coisas que eu escuto é mais diferente, é mais fácil eles, tipo assim, que eu já ouvi, de pessoas que eu já ouvi, é mais fácil eles aceitarem mulher com mulher do que homem com homem. Pra eles mulher com mulher é normal... (Alice, 16 anos)

> Mas homem fetichisa muito duas mulheres (Sara, 18 anos)

> Eu acho que também é pela questão do fetiche. Tem muito homem que fala "ah, o sonho da minha vida é ficar com duas mulheres". Mas aí você vira e fala assim, e se for dois homens e uma mulher? Não, não pode. (Vivian, 17 anos)

> Sim, tem a questão do fetiche... (Mateus, 19 anos)

> Com gay é invertido isso também. O gay mais afeminado é... tipo, comigo mesmo tem comparação, eu tem determinados lugares que eu fico mais sério, sei lá, eu fico mais sério, aí as pessoas viram e falam: "ah, você é de boas, você não é viado". Tipo, gente, qual que é a diferença? (Risos) É o jeito das pessoas. E é chato até comigo, porque eu me sinto incomodado, porque, tipo... em roda de amigos eu sou de um jeito, e com a pessoa eu sou de outro. Tipo, me ofende diretamente. Ofende os meus iguais... tipo, gente, cada um tem seu jeito, vamos respeitar as diferenças (Mateus, 19 anos).

> É, tem gente que acha que existe diferença da pessoa que é afeminada, da pessoa que não é... gente, é tudo pessoa. Agora vai e fala que o fulano é homossexual, e fulano é viado. Qual é a diferença do homossexual pro viado? (Risos) (Vivian, 17 anos).

O terceiro grupo também enxerga o "preconceito inverso" e a questão do fetiche como prejudiciais inclusive para a representação positiva em produtos culturais, que acabam sendo sexualizados e fetichisados. O fetiche é observado não só por parte dos homens, mas também por parte das mulheres.

> Igual no colégio da minha prima, eles veem lésbica mais como fetiche do que como você... Do que como sua sexualidade. Igual, lá na escola tem uma menina que é lésbica, tá, de boa, por quê? Porque os caras gostam de assistir a menina pegando as outras. Mas quando é outro cara que, tipo, vai sair do armário lá, todo mundo: "ê, seu viado!", e começa a tratar mal. (...) E eu parei pra pensar, é mais aceitável de certa forma ser lésbica hoje em dia do que ser gay homem! Porque os caras que são hétero gostam de ver as duas meninas se pegando… E eu fiquei tipo... Igual anime[35], em anime sempre que tem um casal gay vira tipo um fetiche [para as meninas]. Vira mais pra pornô do que pra representação por causa dos outros, entendeu? E acaba sendo uma representação… Fica estranho (Clara, 14 anos).

> Na verdade isso vem dos dois lados, não só do homem como da mulher, porque quando uma mulher... a maioria vê dois homens se beijando é: "ai, que fofo, ele saiu do armário, que lindo!" Agora quando vê uma mulher, mulher mesmo ver as duas se beijando, já começa a descriminar, sabe? Tipo, isso está dos dois lados. (...) É realmente ridículo porque é a mesma coisa de você falar assim: um homem e uma mulher é normal se beijar. A sociedade pode ver, pode demonstrar afeto, aí vê uma mulher e outra mulher se beijando, já é muito escroto, estranho, entendeu? É igual homem, é a mesma coisa… (Amanda, 15 anos).

[35] Anime é uma abreviação para "animation" e que designa os desenhos animados tipicamente japoneses, e produzidos no Japão.

O fato de existir “preconceito inverso” pode ser vinculado à naturalização e padronização de comportamentos por parte de instituições sociais e suas estruturas de poder, naturalização que se perpetua ao longo da história humana e que é difícil de ser combatida. Assim, se algo é visto como fora da norma imposta, na maioria das vezes é tratado com aversão. Durante muito tempo, foi relegado à mulher certos tipos de comportamentos indissociáveis à figura feminina, e que ligava questões biológicas ao papel da mulher na sociedade – cuidadora da casa, mãe, esposa etc. Como vimos, as próprias ondas feministas vieram com o intuito de delatar tais comportamentos que, como observado nas falas dos jovens, ainda existem e oprimem, evidenciando distinções formuladas socialmente. O próprio comentário de uma das participantes anteriormente, sobre o casamento da prima de quinze anos, aponta para a existência de tais prerrogativas ainda na contemporaneidade. Assim, se uma mulher não cumpre tais papeis pré-definidos, ou comportamentos considerados “normais” ou “naturais”, se relacionando sexual e emocionalmente com outra mulher, por exemplo, ela é vítima de desprezo e repulsa.

A também constante declaração, por parte de instituições de poder, e a propagação discursiva de que a sexualidade é binária, contribui para as desigualdades nas relações afetivas, hierarquizando-as e transformando a sexualidade numa forma de poder. Nesse sentido, relacionamentos heterossexuais estariam no topo da hierarquia sexual, enquanto relacionamentos homossexuais seriam inferiores e, portanto, rejeitados e até desrespeitados. A ideia de hierarquia foi comentada no debate do primeiro livro e mais uma vez a biologia distintiva dos sexos é evocada para que essa hierarquia seja reforçada, difundindo a regra da heterossexualidade compulsória (RUBIN,1984).

Também é possível reparar, através dos comentários gerais dos participantes, que a aversão e a rejeição à homossexualidade têm vínculos com o que a identidade masculina representa na sociedade, que é tida como ameaçada. Quando os jovens mencionam o fato de que “gays afeminados” são tratados de forma diferente, retomam a ideia de que a masculinidade é associada à atividade, enquanto a feminilidade é atrelada à passividade. Assim, se as mulheres estão hierarquicamente inferiores em relação aos homens por esses atributos subjetivos, as pessoas que os possuem são encaixadas no mesmo nível hierárquico, logo são também inferiorizadas. Se existe passividade no masculino, a base da própria noção do que é ser masculino, que é a atividade e a altivez (o “machão”), é ameaçada.

> Ou então é assim, na rua não pode ser lésbica, mas na hora que vai entrar no site pornô é o que eles vão procurar. Tem uma menina na minha sala que a gente tava tendo uma roda de debate sobre um caso lá, e ela estava contando isso: se eu andar na rua com

> minhas namoradas, um cara chega e fala: “nossa, eu queria ver vocês duas, e não sei o quê”, é mais umas coisas assim sabe? Tem uma maior aceitação pelo fato deles fetichisarem. Então pode. Agora, pros caras, “eu tenho que mostrar que eu sou machão, eu tenho que xingar, e brigar”. Mas [a lésbica] tem que parecer feminina também, porque se não for, não pode (Sara, 18 anos).

> Se não for é sapatão (Vivian, 17 anos).

Da mesma forma, se uma mulher não é vista como feminina, não expressa atributos considerados inerentes à identidade feminina, ela às vezes não é respeitada nem pelos próprios pares. A sexualidade e o gênero são usados como um sistema classificatório que funciona como norma para a interpretação de condutas (HEILBORN, 2006).

Em um estudo realizado por Heilborn, Cabral e Bozon (2006) nota-se que há mudanças na aceitação da diversidade sexual entre as gerações mais antigas e as mais recentes, mostrando uma tendência à flexibilização da moralidade, principalmente sexual, e certa porosidade das normativas em relação à sexualidade que há muito têm perpetuado. Podemos perceber esta flexibilização nas falas dos jovens participantes, já que todos eles questionam tais classificações e normatizações, e expressam de forma clara que pensam de modo diferente da maioria das pessoas mais velhas com quem mantêm contato.

Diferentemente dos outros romances, este livro traz outra realidade sobre a categoria família, que é representada pela distância da protagonista com os parentes, e também de Alice com os pais, causando certo sentimento de abandono e a necessidade de buscar refúgios em outros lugares ou situações. Estas questões são apresentadas no texto literário e foram comentadas pelos participantes também durante as conversas.

> A questão do abandono, eu acho que eu passei muito por isso. Porque eu sou gay. Nos meus 13, 14 anos eu estava passando pela fase de auto aceitação, período de uma confusão com você, estar com você mesmo, momento de ligação. E é uma fase que se fosse com auxílio, só falando: "você é novo, você não, você não viu nada do mundo ainda", "O que você está fazendo não é extremamente ruim", “não é ruim”, seria um auxílio gigantesco assim. Muita gente tem essa fase do "vamos se cortar" [mutilação]. Não tentei me cortar, mas já pensei em me matar. Porque esse período eu passei sozinho, sem auxílio. A minha irmã, sempre tem uma irmã mais velha que sabe do irmão, que antes de mim, minha mãe e minha irmã já sabiam, e, tipo, em vez de me apoiar ou falar uma palavra de apoio, não, jogava pedra, falava que eu era vergonha lá de casa. Isso num menino de 13, 14 anos, com muitas dúvidas, passa muita coisa pela cabeça. Tipo, foi um abandono gigantesco, até hoje eu não perdoo a minha irmã por ela ter falado aquelas palavras pra mim, porque me doía e eu chorava sozinho, e foi uma crise que eu tive que passar sozinho. Eu tive que passar por uma aceitação sozinho e me doeu. Se fosse pela pilha dos outros eu seria outra pessoa hoje (Mateus, 19 anos).

> Essa questão que você falou dos 13, 14 anos, que tem uma família ajudando você assim, eu não tive essa parte de ficarem te julgando. E eu acho que mesmo que alguém sabia tudo, ficava calado. Não falava nada não, só "vamos deixar, vamos deixar"... quando explodiu a bomba foi assim uma merda né? (Ivo, 18 anos)

> Eu me sinto muito abandonada. Mas é porque eu nasci no meio das gerações, aí tem os primos mais velhos, de uns 24 anos por aí, e os mais novos tem tipo oito anos. E aí tem eu no meio disso, então eu não fico muito em nenhum grupo. E tem esse meu outro primo que tem mais ou menos a mesma idade, a gente era muito próximo quando criança. Só que aí ele mudou e ele é mais próximo agora de outros mais velhos, então eu estou meio que nessa fase: ah, eu sou vista como criança para os mais velhos, e sou tia para os mais novos. Então eu não tenho lugar. Mas eu acho que eu gostaria que mudasse, que algumas pessoas da minha família fosse, mais mente aberta, porque algumas coisas eu fico: aí, por quê? Qual é a necessidade? Sabe? Umas coisas tão desnecessárias que vem geralmente, tanta louça pra lavar, tanta coisa pra fazer... (Sara, 18 anos).

> Às vezes sua opinião é diferente da maioria das pessoas da sua família, aí você se sente diferente por causa disso. Ninguém te entende. Ninguém tem a mesma ideia que você, é muito estranho (Alice, 16 anos).

No livro, a protagonista usa drogas e a autora sugere que isso seria um modo de escapar da realidade. Esse é mais um componente que não está presente em nenhuma das outras obras selecionadas. Ele é trazido para o enredo da história de forma sutil, tanto que os participantes tiveram dificuldade em identificá-lo a princípio. Somente com a releitura, a interpretação das pistas e da perspectiva oferecida pelo texto é que fica claro, principalmente com a menção direta ao uso dos entorpecentes pela personagem da Georgia.

> Foi uma luta pra eu entender que elas estavam falando de maconha, porque pra mim elas estavam falando de pão! (risos) Porque ela falou do padeiro, do bolo.... Eu acho que eu não estava prestando atenção na hora que eu li, mas foi isso (Mateus, 19 anos).

Há quem tenha visto a inclusão do tema como problemática também, principalmente os membros do terceiro grupo, e a crítica se refere ao fato de que os leitores podem interpretar o texto relacionando o uso de drogas à homossexualidade.

> Eu queria fazer uma crítica a *A Garota da Casa Grande*… Foi o melhor [livro], é o mais natural, é o mais bem escrito, é o que a história não é forçada, só que tem uma coisa que eu achei engraçado de ter misturado… que é as drogas. Pra mim não tem problema, eu acho isso super normal. Só que aí entra, como você falou, uma pessoa que não conhece… pessoas que não conhecem geralmente já têm preconceito, muitas pessoas têm preconceito que se você fuma maconha você vai começar a usar heroína, cheirar cocaína ... porque por algum motivo as pessoas acham que maconha é a porta das outras drogas. Eu discordo. (...) As pessoas têm preconceito já com a maconha, então eu acho que não foi uma escolha muito sábia... O que eu quis dizer é que se você bota, aposto que vai ter um monte gente que vai achar, que tem preconceito e que vai achar, nossa, é porque os gays são todos doidos drogados! Porque tem gente que eu conheço que acha, igual, artista é gay e é drogado... (Clara, 14 anos)

A crítica diz respeito exclusivamente à ligação que um leitor menos despreparado pode fazer em relação à droga e à sexualidade. O fato de a inclusão do tema não ter sido visto como problemática, porém, reforça a ideia de que a juventude contemporânea tende a ser mais flexível moralmente.

De forma geral, a leitura foi prazerosa para todos os participantes, sendo que muitos ressaltaram que a maneira como a narrativa se desenrola os agradou mais. O texto foge do tom de ajuda ou esclarecimento, mais presentes nos dois anteriores, e discorre brevemente sobre a "questão da descoberta". Por ter uma história mais ampla, pela homossexualidade não ser trabalhada como foco central o tempo todo, o livro foi considerado o melhor. Nenhum dos jovens, contudo, se ateve ao fato de ser a obra mais recente, motivo que pode ter contribuído para que o texto fosse menos didático.

> Na minha opinião, *A Garota da Casa Grande* é [sobre] uma menina normal que descobre a outra menina e resolve ficar com ela. Na minha opinião, pelo que eu vi do livro, que eu li, ela não é… não botaram ela [a protagonista] sendo o macho, que nem ficam dizendo, ah, lésbica tem que ter cabelo curto, tem que ser não sei o quê, tem gente que fala que é assim. Já vê mulher de cabelo curto e fala que é sapatão... [Então] eu não achei que dá uma ideia errada [do que é ser lésbica] (Isis, 14 anos).

Questionados sobre a possibilidade de os livros transformarem a visão das pessoas em geral, mudarem a forma como elas enxergam o mundo ou mesmo suas práticas, principalmente em relação à homofobia, as falas de todos os grupos refletem os pensamentos já expostos, das discussões anteriores também.

> Eu entendi melhor pelo fato dela ser mulher, e não um homem contando a história (Rita, 16 anos).

> Acho que o primeiro [*À Procura do Encontro*] é uma base, assim, melhorzinha né... Pra dar pra entender, porque tem mais... ele tem mais contato com esse pensamento do menino, o que ele passa. O primeiro [livro] tem um pouco mais contato (Ivo, 18 anos)

> Eu também recomendaria [esses livros] por que a maioria das pessoas pensam que a pessoa senta assim e fala: "ah, eu acho que eu sou gay!" (Risos) Acha que é assim. Porque não é simplesmente descobrir. Eu acho que a parte mais difícil é a pessoa se aceitar, ela entender o que ela é, então eu acho que lendo isso, vendo tudo que a pessoa passa, que não é simplesmente "ah, sou gay", eu acho que entenderia melhor, talvez até parasse com esse pensamento besta sem justificativa (Flávia, 15 anos).

> Eu acho que, tirando *A Garota da Casa Grande*, as pessoas iam ter ideia do estereótipo do que é ser, e iam continuar tendo preconceito achando que aquilo ali é que é [ser gay], se você for diferente do que aquilo está divulgando, você não é (Isis, 14 anos).

Em suma, eles concordam que os livros podem ajudar a mudar de opinião e fazê-los repensar práticas, sim, mas também podem vincular e promover estereótipos, gerando ainda mais intolerância para quem não tem muito contato com pessoas de sexualidades distintas.

### 3.6 – A necessidade de expansão da literatura nacional

Durante todas as conversas, a maioria dos participantes comentou que nunca tinha visto personagens homossexuais em livros ficcionais, ou nunca terem lido sobre o tema. Questionados sobre terem gostado ou não das leituras, alguns disseram que a temática lhes era desconhecida, e talvez sua visão heteronormativa tenha os impedido de aproveitar o texto de forma mais completa.

> [Sobre não ter gostado dos personagens] Ah, porque eu nunca tinha lido um livro desse tema assim, que envolvia essas coisas, aí não me identifiquei muito não. Não sei, não gostei. Acho que é porque eu nunca tinha lido livro dessa forma assim (Caio, 16 anos).

No que diz respeito à literatura nacional, a invisibilidade desses personagens, ou até mesmo sua representação estereotipada, também foi notada pelos participantes, principalmente do terceiro grupo.

> Eu nunca li o livro nacional, sem contar com esses, sobre homossexualidade e tal, que não focasse… ouvi falar só de biografias. E biografias assim eu acho super massa, já li as biografias, muito massa. Biografia, pelo menos quando é bem escrita, dessas pessoas eu acho muito interessante. É que eu nunca achei um livro que não fosse biografia, pelo menos não brasileiro, que tratasse sobre LGBTQ de uma forma não pré estereotipada e com preconceitos embutidos. Tipo nunca, nunca li um. Esses incluídos (Clara, 14 anos).

Tal fato vai ao encontro do que já foi comentado, da tendência de censura por parte das editoras e também na falta de investimento em literatura nacional. Os livros nacionais com personagens LGBTQ parecem ter pouco apelo comercial: raramente expõem a existência da diversidade sexual, são pouco atrativos visualmente, e muitas vezes são publicados por editoras pequenas e especializadas, fazendo com que sejam encobertos por grandes lançamentos de editoras tradicionais maiores.

Mesmo que existam livros de literatura sobre pessoas LGBTQs, eles são pouco divulgados. Alguns participantes mencionaram livros estrangeiros, como os de David Levithan (*Dois Garotos Se Beijando*), e outros comentaram sobre *O Terceiro Travesseiro* como sendo o único que já ouviram falar, porém somente um dos participantes fez sua leitura. Ainda levantando a categoria da censura, alguns jovens do terceiro grupo chegaram a denunciá-la em traduções de livros estrangeiros e em outros produtos culturais, como filmes.

> Ano passado a gente foi ver um filme, aí a menina [personagem] chegou falando, tipo assim, “eu tenho namorado”, mas na verdade [na fala original] era “eu tenho namorada”, mudaram na legenda! (Amanda, 15 anos)

> Olha que escroto! Até nas legendas você não pode confiar! Você vai no cinema na maior inocência, vamos dizer assim, que a legenda está o que é o áudio, e você vai ver está censurado! Censurar a legenda… Eu fiquei orgulhosa de saber inglês porque senão eu ia ter perdido isso… Porque tem tanta coisa… E aí eu estou começando a perceber, tem muitas censura na tradução. Igual, tem um livro [da série] Percy Jackson, que tem a [personagem] Clarisse que ela fica com uma menina, só que é um comentário: "*I already had a girlfriend...*" Eu li em inglês, e li em português. E aí quando eu vi no português estava: "eu já tive namorados..." Em vez de ser um valor, tipo, ser bi é normal, no livro em português fica outro valor! O valor daquela coisa da menina virginal, que é outra coisa que eu acho, da mulher não ser sexual... E eu fiquei confusa, gente, pra quê? Traduzir... cortar, quebrar o sentido da história por tabu?! (Clara, 14 anos)

Por estarmos falando de jovens, foi também interessante saber se seus pais controlam suas leituras para discutirmos sobre a questão da vigilância na adolescência, na produção de "seres higiênicos e disciplinados" (SILVA e LOPES, 2009; HEILBORN, 2006) e "corpos dóceis" (FOUCAULT, 1998). A maioria disse não ser proibida de ler ou assistir nada, mas eles afirmaram não ter certeza que os pais recomendariam leituras como as que fizeram para este estudo.

> Na minha casa a gente fala sobre, tipo, eu escolho os livros e eu leio o que eu quiser, só que a minha mãe às vezes ela chega e pergunta… porque a minha mãe adora debater sobre os livros, não pra controlar, é pra ela ler também, é uma coisa mais produtiva… é porque ela gosta muito de conversar com a gente, a gente tem uma relação muito legal com a nossa mãe. Eu comentei com meus pais [sobre esses livros], igual, eu quase passei meia hora falando mal do *O Amor Não Escolhe Sexo* pra minha mãe... (risos) Eu falo, eu gosto de discutir as coisas que eu leio, não gosto de simplesmente ler e ficar tipo… quieta (Clara, 14 anos).

> Eles perguntar muita coisa, tipo, do que eu estou lendo, o que eu estou fazendo, pra controlar o que eu leio, o que eu faço… (Amanda, 15 anos)

> Eles [pais] têm o costume de perguntar o que eu estou assistindo. Lendo não (Gustavo, 16 anos).

> Às vezes perguntam: "o que você está lendo?" "Ah, Estou lendo história". "Ah, então tá bom". Sabe? (Sara, 18 anos)

> Só pergunta... mas também tem aquela coisa, a pessoa quer realmente saber? Ou ela só… só quer saber aquilo mesmo, tipo, e você não precisa se aprofundar… a gente tem esse filtro. Ah, eu quero saber mesmo... aí eu só falo: "ah, estou lendo essa história aqui e tal", e pronto, acabou. A gente não acaba se aprofundando sobre o quê que é história, o que se passa na história... (Mateus, 19 anos).

> É impressionante, eu sempre estou lendo um livro, a única vez que meu pai perguntou o quê que era, era quando eu estava lendo "*Cinquenta Tons de Cinza*[36]" (risos). Meus pais, como eles me conhecem, e eles sabem que se eles falassem "ah, você não vai ler", eu vou ler só de picuinha também, então acho que eles não falam nada. E a minha mãe nem fala nada até porque ela sabe da pesquisa... só que é aquela coisa né, tudo

[36] *Fifty Shades of Grey*, no original, é um romance com conteúdo erótico da autora inglesa Erika Leonard James, publicado em 2011.

> em nome da pesquisa, agora se eu for comprar, aí provavelmente ela já vai me perguntar se está acontecendo alguma coisa… (risos) (Vivian, 17 anos).

No terceiro grupo, conversar sobre sexualidade em casa, com os pais, é rotineiro para eles. Alguns comentaram sobre parentes mais afastados, como avós, tios ou primos, em que a conversa parece não fluir, mas ainda assim ocorre. Foram poucas as vezes em que mencionaram discriminação por parte dos familiares.

> Um dos meus tios que ele toda vez que o meu primo quer tentar brincar de boneca, ou tem alguma coisa rosa, ele tipo tira dele. [Mas] eu acho que a intolerância afasta mais você ter a possibilidade de se encontrar, ou de ter novos pensamentos, do que te definir muito... Igual, eu acho que tem casos que você é muito definido por experiências traumáticas da sua infância, mas às vezes eu acho que os pais que são intolerantes com coisas bobas. Igual, brincar de boneca. Não sabem que isso pode ser extremamente prejudicial, porque vai ver no futuro seu filho seja realmente gay, mesmo que ele brinque ou não de boneca, e ele vai se sentir triste, ou nervoso até… pressionado a esconder isso, não ser ele mesmo, e você não conseguir se aceitar é uma sensação horrorosa. É uma experiência muito desagradável, você não poder simplesmente viver a sua vida, ser quem você é sem ter outras pessoas te julgando, te tratando mal por causa disso (Clara, 14 anos).

Nos dois primeiros grupos, entretanto, o preconceito no ambiente familiar é mais presente, e quase todos disseram que não tiveram conversas sobre orientação sexual dentro de casa, somente comentários de forma pejorativa e preconceituosa.

> [Há comentários] de forma pejorativa, a única vez que… eu acho que a única vez que foi assim mais leve defendendo [homossexualidade] foi quando a minha tia do nada, muito religiosa, falou que a gente não devia seguir muito a bíblia porque Deus é amor, e que as pessoas deviam se amar mesmo sendo do mesmo sexo... Só que eu acho que era porque ela estava bêbada (risos). Minha tia é muito religiosa, ela não falaria isso (Gustavo, 16 anos).

> Às vezes eu solto umas bombinhas assim perto da minha mãe porque eu sei que ela é mais aberta, então ela vai entender o que eu estou falando, agora meu pai… (Vivian, 17 anos).

> Tipo, não [conversaram] do tipo: “ah, vamos conversar sobre esse assunto!”. Surge o assunto é aí... tipo, em almoço de família, vou usar esse exemplo, aí surgiu o assunto, vai lá, dá uma breve opinião sobre: “esse mundo está acabando”, “homem com homem”, sei lá, alguma coisa parecida, todas as vezes que foram assim… minha mãe é menos, mas, tipo, com meu pai, que não mora comigo, todas as vezes que esse assunto surgiu foi num breve momento e nem discussão rolou. Foi aquilo que ele acha, só falou aquilo sobre o assunto e apenas. Minha mãe é diferente, eu acho que na cabeça dela eu imagino que ela tenta entender um pouco mais o nosso mundo, tenta entender mais sobre as coisas que eu falo, nesse ramo… Ela tem uma cabeça um pouco mais aberta a receber informação buscar entender aquilo. Então tem coisas que ela, minha mãe é bem de lua, mas tem dia que ela fala: “nossa, eu entendo isso, deve ser triste!” Outro dia ela chorou com negócio novela, que um gay foi agredido... Aí ela chorou. No outro dia ela tava falando que era sem-vergonhice (risos). Então tipo, varia muito. Não entra muito em debate mesmo não (Mateus, 19 anos).

> Em família também, minha mãe já me perguntou se eu era lésbica umas três vezes... mas nada, tipo... (risos) A gente está andando, "então, mas você não é lésbica não, né?", sabe? (Sara, 18 anos).

Questionados se leriam outros livros parecidos, as respostas foram praticamente unânimes:

> Lógico! Dois tipos de livros que me atraem: basicamente livros de crime, e livros de casais… Sobre a vida de pessoas LGBT. São os dois tipos de livros que eu mais gosto. São as duas coisas. Se eu passar na história e vejo que esse livro é sobre um casal gay, é a primeira coisa que eu vou falar: vamos ler! Sobre o que é o livro, eu já vou querer ler, porque pra mim, sei lá, eu quero ver o que as pessoas falam, o que as pessoas pensam... (Clara, 14 anos).

> Sim, mande sugestão, por favor! (Gustavo, 16 anos)

> É rápido de ler. Tipo pegar pra ler, eu pego. Ou por recomendação… Se a Clara chegasse e falasse… Porque a Clara tem um senso crítico bom pra livro assim, chegasse e recomendasse, eu leria sim (Luan, 17 anos).

Os integrantes do terceiro grupo, contudo, ressaltaram a necessidade de tirar da história o foco da homossexualidade, como aconteceu em *A Garota da Casa Grande* – o livro deveria ser mais um objeto para (re)tratar as sexualidades de forma natural, e não para discorrer sobre elas de maneira com que reforcem suas diferenças, ou as coloquem como anormais, motivos de preocupação e temor.

> A história sendo boa, não vejo problema [em ler], mas eu acho que essa estrutura de história na qual não é algo que me atrai… É aquela velha história de só pegar um fato da vida de alguém e você discorrer um pouquinho sobre aquilo, entendeu? Você contar um pouco sobre aquilo, isso aí não me interessa (Felipe, 14 anos).

> Só porque é gay não quer dizer que o foco é esse, ele ser gay, sei lá suposição: Harry Potter[37]… E aí no Harry Potter ele é gay. Os livros é sobre as aventuras dele e tal, só que ele é gay, isso é um fato e tal, pode até discutir, acabar com preconceitos, mas tem uma história ali… porque também é outra coisa que me irrita, que as pessoas ficam tentando falar e fica como se não fosse normal! Todo o livro é só porque ele é gay. Isso foi um dos motivos de eu ter gostado mais da *A Garota da Casa Grande*, foi mais… porque não era só... lógico que têm livros só sobre isso, têm livros bons que são bem escritos, uma boa construção de personagens, esse é o ponto também que pra mim influencia muito… porque pra mim se o livro não é bem escrito, dá muita dor psicológica de ler o livro. Não importa qual seja o tema. Eu gosto disso. Então a história flui, vira uma história, é como se você fosse parte. Essas histórias, quando elas são mal escritas, os personagens não têm profundidade, é tudo meio falso, você não forma com eles o pacto com a leitura, de aceitar o livro… de mergulhar na história. Sabe? Não é que a história é ruim, porque ela pode ser frouxa, babaca, se ela for bem escrita eu já acho melhor (Clara, 14 anos).

---

[37] Harry Potter é o nome de um personagem da ficção cuja série de livros foi criada pela inglesa J.K. Rowling e é considerada uma das mais vendidas em todo o mundo.

Assim, por meio de tais observações, podemos ver que os jovens demandam uma expansão da ideia do que é “representação LGBTQ”: assim como a heterossexualidade não é discutida e é somente dada nas histórias como um fato, então quaisquer outras sexualidades deveriam seguir a mesma ideia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo, conseguimos chegar a algumas considerações sobre a representação da homossexualidade em produtos culturais como os livros juvenis. Ao longo do texto, pudemos perceber como a modernidade trouxe um padrão de controle para a sexualidade nas sociedades ocidentais, e como tais padrões se mostram bastante eficazes, vindos de instituições sociais poderosas e que se perpetuam ao longo da história, colaborando com relacionamentos desiguais, discriminatórios e preconceituosos.

Vimos ainda os argumentos do ativismo feminista ao denunciar tais desequilíbrios, principalmente o que foi naturalizado entre homens e mulheres e essencializado na forma do binarismo sexual masculino e feminino, e que também relaciona e motiva outros muitos "pares de oposições". Observamos que esse desequilíbrio vem acompanhado de justificativas científicas e biológicas que ressaltam a dominação masculina – e a partir disso também pudemos mostrar que tais justificativas nada mais são que construções sociais dos discursos de poder utilizados por tais instituições.

Ao dividir os seres humanos em dois opostos sexuais distintos, porém justificando sua complementariedade através da atribuição de funções diferentes, naturaliza-se tal divisão e pressupõe-se sua necessidade. Afinal, a união desses opostos se torna "indiscutível" na medida em que um "precisa" do outro, normatizando o relacionamento heterossexual, instaurando-o como normal social, suprimindo outras possibilidades de sexualidade e relacionamentos afetivo-sexuais. Além disso, veladamente propaga-se a ideia de que o gênero reflete o sexo biológico e a ele se restringe (BUTLER, 2016).

Ao invalidar outras sexualidades, principalmente a homossexualidade, verificamos que a consequente repressão de pessoas que se identificam com tais sexualidades é resultado da mesma lógica que também prega a opressão das mulheres (RUBIN, 1984). Sexo e gênero se conectam por meio de um discurso sociocultural pautado em relações de poder, cuja heteronomatividade é implícita. Diante disso, vimos surgir novas propostas vindas principalmente de sujeitos múltiplos e/ou nômades que são abafados por esse sistema dominante. Novas teorias viabilizaram um exame não-heteronormativo da sociedade, tornando possível enxergar a diversidade das relações humanas, desafiando princípios essencialistas e universalistas sobre a sexualidade. Nas sociedades ocidentais modernas é possível encontrar uma grande pluralidade de manifestações sexuais por causa de sua visibilidade.

Apesar disso, também nota-se que a censura de sexualidades diferentes da heterossexual, oriunda de históricos discursos discriminatórios, principalmente médicos, foi

incorporada ao senso comum, reforçando modelos de “sexualidade normal”. Tal censura fez com que outras sexualidades ficassem invisíveis ou fossem excluídas de produtos culturais, que podem tanto veicular e reforçar valores heteronormativos, quanto servir de meio de questionamento dessa norma.

A existência e a consequente visibilidade dessa diversidade faz com que seja pertinente representá-la em artigos culturais, principalmente devido à importância dada à esfera cultural nas sociedades contemporâneas e ao elemento de identificação da representação. Porém, a incorporação dessa diversidade e desses temas nos artefatos culturais foi lenta e muitas vezes dolorosa; a presença de sujeitos homossexuais em objetos culturais, por exemplo, é uma conquista moderna.

Essas representações não heteronormativas possibilitam, além da identificação de sujeitos até então marginalizados, o debate sobre as relações de poder que legitimaram tal norma. Deste modo, um livro, o romance enquanto objeto cultural real, e também seu texto enquanto linguagem de expressão, meio de produção do saber e reprodução de valores, podem ser artefatos mais que utilizados para representações.

Por outro lado, já que muitas vezes o discurso dominante (neste caso, o que propaga a heterossexualidade) detém os meios de produção material e intelectual, e também incorpora ideias difundidas no senso comum, o livro pode transmitir normas essencializadoras e ajudar a reforçar concepções totalizantes de modo de ser estereotipadas, pautadas em verdades que se propagam e são construídas socialmente. Como produto da manifestação sociocultural e ao expressar subjetividades, a literatura pode servir de meio para validar crenças e valores do próprio escritor enquanto sujeito inserido numa sociedade preconceituosa, por exemplo. Assim, o livro é um produto capaz de “ensinar”, por meio de representações, o que é ou não considerado “normal” em relação aos comportamentos e papéis que o indivíduo adota na vida em sociedade. Como Fernandes e Siqueira (2010, p.102) comentam, podemos concluir que essa pedagogia cultural “tem regulado de forma importante questões referentes à classe social, etnia, gênero e sexualidade”.

Além disso, vimos que a etapa da juventude é um período em que a sexualidade recebe regulação especial devido à ideia de que é uma fase de aprendizado, uma transição para a vida adulta. Foucault (1998) ainda nos lembra que tal vigilância se justifica na produção de cidadãos “disciplinados” e no seu encaixe nos modelos de comportamento vigentes em seu momento histórico. Também percebemos as origens da visão negativa que existe em torno da juventude e que acompanha as gerações mais novas até hoje, legitimando ainda mais intervenção e a

correção principalmente por meio da família, da igreja, dos sistemas formais de educação e de produtos culturais destinados a esse público.

Acreditamos, no entanto, que os jovens são sujeitos responsáveis por grandes mudanças sociais, pois têm em suas mãos a possibilidade de questionar e até romper com os padrões a eles determinados. Também são capazes, porém, de transmiti-los, muitas vezes cegamente, alegando falta de acesso ou conhecimento de outras possibilidades de ser. Surge daí a necessidade de representar a diversidade sexual nos objetos culturais utilizados na socialização juvenil, já que a literatura pode ajudá-los a refletir sobre mudanças e contribuir para reconhecer e respeitar a diferença presente tanto no outro, quanto às vezes em si mesmo.

Diante de tal contexto, nos perguntamos se seria possível encontrar representações diversificadas da homossexualidade na literatura juvenil, sem que ficassem presas às amarras dos estereótipos e da diferença. Também nos questionamos se o modo como as pessoas homossexuais são representadas nos livros denota uma visão estereotipada da sociedade, reforçando diferenças e modelos pré-dispostos. Levamos a questão aos jovens, para que eles nos dissessem se os livros refletem preconceitos ao reproduzir estereótipos que reforçam diferenças, ou se eles são meios pelos quais tais representações podem ser transformadas.

> Todas as representações são sociais, mesmo as individuais. Um indivíduo é formado socialmente – via processo de socialização – e esta formação lhe proporciona a linguagem, forma social, meio de comunicação, e as representações. Assim, as representações dos indivíduos são representações sociais e é por isso que as entrevistas são feitas com indivíduos, pois eles são os portadores das representações sociais (VIANA, 2008, p.40).

Consideramos que é visível a abertura nas narrativas dos textos literários juvenis contemporâneos para a representação da homossexualidade, fomentando debates sobre inclusão, principalmente na medida em que mais livros com personagens que escapam à norma heterossexual vêm sendo publicados nas últimas décadas no Brasil. A presença de tais temas é importante e positiva, mas, no Brasil, muitas vezes esses livros são lançados por editoras pequenas e específicas, dificultando o acesso e contando com pouca divulgação.

Através das rodas de conversas com os jovens, notou-se que a representação homossexual nos livros de ficção aqui utilizados foi elo importante de identificação com o leitor sim, mas em alguns casos também foi tida como problemática, muitas vezes até negativa. Apesar de ressaltarem que a intenção é boa e válida, o texto parece se encontrar preso às amarras das tais “verdades absolutas” e do guarda-chuva da heterossexualidade, impregnado de discursos preconceituosos que se manifestam na forma de falar sobre outras sexualidades como se fossem anormais, motivo de preocupação para os próprios personagens, que também são

bastante lúcidos quanto às repercussões de sua não heterossexualidade. A ideia de que são “foras da lei” e “diferentes”, e o constante questionamento de que precisam se encaixar ao “padrão” para ser incluído no grupo social reforçam práticas discriminatórias. Mesmo dando margem para a reflexão dessa “diferença”, mesmo interrogando-a e a todo momento enfatizando a subjetividade do conceito de “normal”, o fato de este discurso estar presente na literatura mostra que ele ainda vigora, já que o texto tende a se aproximar do imaginário do leitor.

Como Ripoll e Silveira (2016) destacam em sua própria pesquisa, ao mesmo tempo em que é positivo o fato de a literatura juvenil brasileira ter incorporado e “ampliado a visibilidade da temática homossexual, também é negativo o fato de que alguns desses livros terem o ‘tom’ e uma pretensão de ‘autoajuda’, e terem como foco a ‘descoberta e aceitação’” (RIPOLL e SILVEIRA, 2016, p.337). Dos três livros aqui escolhidos e analisados, somente o mais recente não dá ênfase exclusiva a essas questões.

Como também pudemos observar pelo modelo de análise utilizado por Cart e Jenkins (2006), a maior parte das histórias aqui retratadas encontra-se na categoria de “visibilidade homossexual”, raramente incorporando elementos de outras categorias. Grupos sociais marginalizados e simbolicamente violentados não devem abrir mão de usar da literatura como meio de conscientização e resistência ao discurso do poder hegemônico, mas observa-se que, de modo geral, a consciência social de outras sexualidades já existe, porém a diversidade é pouco explorada e pouco autêntica, ainda tratada sob o ponto de vista da heterossexualidade.

Nesse sentido, os personagens num todo estão sempre buscando respostas, saber o motivo de serem “transgressores”, e se preparando para expor a si mesmos, vulneráveis diante de algo que têm medo, que consideram ameaçador, que é a sociedade heteronormativa excludente à qual pertencem. A prática da “confissão” é vista como necessária para que possam ultrapassar tal medo. No caso da “aceitação”, a diferença é posta como inegável diante da heterossexualidade dominante: só resta ao personagem (e ao leitor) aceitá-la e aceitar a si mesmo como desobediente de tal norma, e só assim eles (personagem e leitor) poderão viver plenamente.

Como o modelo de Cart e Jenkins (2006) utiliza de categorias cronológicas, uma surgindo em decorrência da abertura do momento que a outra favoreceu, estaria a produção literária juvenil brasileira estagnada no início da caminhada? A abertura ainda não foi suficiente para que possamos tratar de todas as formas de sexualidades de maneira a postulá-las como naturais, e não produto da diferença?

É interessante destacar que o livro mais recente usado na pesquisa (*A Garota da Casa Grande*, de 2013) foi apontado pelos jovens, principalmente do terceiro grupo, como o que possui enredo mais diversificado e menos estereotipado, enquanto os anteriores trazem basicamente a mesma história através de personagens e olhares diferentes. Então talvez estejamos no caminho certo, afinal.

Além disso, muitos dos jovens aqui nos lembraram que desmistificar a homossexualidade ajuda a prevenir comportamentos discriminatórios e violentos. Já que o conhecimento cotidiano, o senso comum, (re)produz "verdades absolutas" sobre o sexo e cria no imaginário coletivo uma série de significados que funcionam como um sistema de interpretação, a leitura encoraja o combate à homofobia ao questionar tais "verdades" e as práticas institucionais e históricas que vêm com elas.

Contudo, ao destacar a questão das várias possibilidades de interpretação, formadas a partir de vivências e experiências pessoais de cada leitor, além do contexto histórico em que estão inseridos, o texto pode apresentar ideias estereotipadas sobre outras sexualidades. Como o leitor está imerso em uma cultura que propaga certos tipos de representação homossexual, e estas muitas vezes são feitas pela lógica dominante (heterossexual), ao revê-las no texto ficcional ele pode tomar aquilo por um reforço de uma "verdade" construída por tal lógica – "menino gosta de carrinho; menina gosta de boneca". Afinal, no texto pode-se veicular saberes e práticas dadas como reais, e, ao conectar-se com o leitor, pode convencê-lo de que tais exemplos de representação são, de fato, absolutos e invariáveis.

> A mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças (FERNANDES E SIQUEIRA, 2010, p.102).

Da mesma forma, no entanto, leitores mais críticos têm a oportunidade de rever seus próprios preconceitos e, também, enxergar a si mesmos nas situações vividas pelos personagens. Nesse sentido, a representação fortalece o auto-reconhecimento, dá voz aos sujeitos homossexuais, coloca-os acessíveis e pode sim trazer uma imagem positiva dos mesmos, tanto para aqueles que se identificam com eles, quanto para os que os veem por outros ângulos.

Também pôde-se notar o quão divergentes as opiniões das diferentes juventudes aqui pesquisadas podem ser. Não foi dado nenhum recorte entre escolaridades ou classes sociais, principalmente em relação aos familiares, visto que o núcleo íntimo dos jovens é de relevância fundamental para a formação de seus pensamentos. Apesar disso, é importante ressaltar, como

já mencionado, a diferença até mesmo do tipo de argumentação usada entre os jovens do grupo um e dois, e os jovens do grupo três, que são todos estudantes de uma escola particular diferenciada, que frequentam uma região da cidade considerada nobre, de classes sociais mais altas e com renda familiar maior, teoricamente com acesso a uma educação mais plural. Esse detalhe abre a oportunidade de uma eventual investigação por esses critérios, pois são de grande importância.

O fato de que observar o ambiente em que esses jovens crescem, por quais tipos de pensamento estão cercados e qual educação estão recebendo, demonstra que a influência externa age sobre eles de maneira muito forte na construção de seus pontos de vista, que muitas vezes vão perdurar por toda a vida. Isso é problemático na medida em que incorporam e reproduzem impensadamente discursos discriminatórios. Portanto, entender a origem dos pensamentos desses jovens pode nos ajudar a decifrá-los.

> Compreendê-los [os jovens] como complexidade significa entendê-los numa pluralidade de processos, marcado por descontinuidades, o que se pressupõe a construção de uma identidade "plural", na medida em que os indivíduos estão sujeitos a uma variedade de situações (FERNANDES e SIQUEIRA, 2010, p.103).

Por fim, esta pesquisa evidencia que o tema ainda requer muita discussão e aperfeiçoamento. Foi importante perceber as alterações de pensamento ao longo do tempo através da leitura e análise de obras de diferentes momentos sociais, mas considera-se uma crítica superficial e pequena de uma seleção dessa fatia de mercado que está em constante crescimento, visto que a literatura juvenil se mostra aberta a tratar de uma variedade quase infinita de temas.

Ao trazermos a voz da juventude para o foco da análise, por outro lado, pretendemos demonstrar que a consciência de que o livro tem esse público como leitor implícito deve partir dos próprios escritores, e estes devem tomar cuidado para não deixar transparecer uma visão de mundo de quem não é mais jovem, muitas vezes embasada no imaginário do senso comum e que perpetua visões negativas dessa camada da população. As ideias e pensamentos, ou mesmo o modo de ser dos mais novos ainda parecem incompreendidos pelos mais velhos, por isso representá-los é um desafio.

> O modo com as autoras escrevem não parece que a visão de um adolescente, sabe? Parece um adulto tentando se passar por um, tentando pensar como um adolescente... É meio estereotipado isso também (Clara, 14 anos).

Assim como Facco (2009) o faz, aqui destaca-se ainda a importância das gerações mais novas terem acesso à literatura que apresente personagens LGBTQs de maneira positiva e

natural para que esta sirva de instrumento de conscientização e respeito sobre a própria história do leitor, e abra a possibilidade dele construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Em se tratando de jovens que se identificam com outras sexualidades, as próprias representações LGBTQ em literatura juvenil podem de fato aproximá-los da realidade em que vivem, mas também têm o poder de aprisioná-los a modelos regulatórios. Encontrar um artifício que os faça se reconhecer num personagem que não carregue consigo elementos estereotipados, dando abertura para que eles se encontrem dentro da ampla possibilidade de *ser*, é fundamental.

Em suma, é preciso promover diversidade sem pautá-la em discursos prontos ou pender para o tom de autoajuda ou mesmo do ativismo. Os livros *podem* mudar as pessoas, e a juventude em especial já contém em si um enorme potencial transformador. Os jovens são capazes de refletir sobre a sociedade que querem para si, de preferência uma menos atada às convenções imaginárias que regulam nossos relacionamentos.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo. M. (Orgs.). Apresentação. In: **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 9-22.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (orgs). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998, p. 2738.

AFONSO, M.L.; ABADE, F.L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura juvenil na voz das minorias**. Texto apresentado no 32º Congresso Internacional de Ibby, realizado em 8-12 de setembro de 2010 em Santiago de Compostela, Espanha.

ALVES, Paulo César. A teoria sociológica contemporânea: da superdeterminação pela teoria à historicidade. **Sociedade e Estado.** Brasília: vol. 25, n. 1, p. 15-31, Apr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Agosto de 2016.

ANDO, Marta Yumi. Os lugares vazios no sofá: leituras e releituras da obra lygiana. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, n. 27, 2005. Disponível em < http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/195/143>. Acessado em 08 Outubro de 2016.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p.127-147, Nov 2002. Disponível em < www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>. Acesso em 08 Outubro de 2016.

BAGGIO, Adriana Tulio. A temática homossexual na publicidade: representação e estereótipos. **Revista Uninter de Comunicação**, ano 1, n. 1, p. 100-117, Jun/Dez, 2013. Disponível em: < http://uninter.com/web/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/507/295 >. Acesso em 20 de setembro de 2016.

BARBIERI, Teresita de. **Sobre a categoria de gênero: uma introdução teórico-metodológica**. Tradução de Antonia Lewinsky. Recife: SOS Corpo, set. 1993, p. 2-19.

BARBO, Daniel. Eros Político. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 119, p.16-18. Ago. 2015.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia M.. O texto literário e as representações sociais: uma alternativa metodológica em educação ambiental. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, p. 259-268, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25853>. Acesso em 29 agosto de 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014. (primeira edição de 1970)

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009b.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2009a.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In. _____ **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura** (Obras Escolhidas, vol. 1). Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 9ª ed, 207 p. – (Série legislação; n. 83)

BRILHANTE, Aline Veras M.; CATRIB, Ana Maria F. Sexualidade na adolescência. **Femina.** Rio de Janeiro, vol. 39, p. 504-509, 2011.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RUFATTO, Diogo da costa. A temática homossexual na literatura infantil e juvenil: ação inclusiva. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 213-229.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: Sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira (Org.). **O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, p.151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CALAZANS, Gabriela. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para a reflexão. In: ABRAMO. H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 215-242.

CAMARGO, Flávio Pereira; SILVA, Aurílio Soares da. A representação de identidades de gênero e de diversidade sexual na produção literária para jovens leitores. **Caderno Seminal Digital**, ano 20, v. 21, nº 21, Jan-Jun, 2014.

CART, Michael; JENKINS, Christine. **The Heart Has Its Reason: Young Adult Literature with Gay/Lesbian/Queer content 1969-2004**. Maryland: Scarecrow Press, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **A Ética e o Espelho da Cultura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COSTA, Maria Conceição O., et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, v.77, Supl. 2: S217-S224. Rio de Janeiro, 2001.

D´ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

DAWSON, James. **Este Livro é Gay**. São Paulo, WMF Martins: 2015.

DAY, Frances Ann. **Lesbian and Gay Voices: An Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adults**. Westport: Greenwood Press. 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. Vol. 2, n. 2, p. 6-7, Abr/Jun, 2005.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, vol.16, p. 181-191, 2000.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente – A temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FACIOLI, Lara. Uma escola para a diferença. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 119, p.43-47. Agosto 2015

FERNANDES, Wânia Ribeiro; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. **Estudos Feministas**, 18(1): 288, Florianópolis, janeiro-abril, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a06.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: FILHO, José Nicolau Gregorin; PINA, Patrícia K. da Costa; MICHELLI, Regina da S. **A Literatura infantil e Juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro. Forense: 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FRANÇA, Lisa. As vias simbólicas para combater o mal-estar na infância e na adolescência. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 11-21.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.

GALVANINI, Gabriela Ferreira. **A Homossexualidade no direito e outros aspectos**. Etic, vol. 5, n. 5, p.3, 2009.

GARDEN, Nancy. Foreword. In: DAY, Frances Ann. **Lesbian and Gay Voices: An Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adults**. Westport: Greenwood Press. 2000, pp.ix-xvi.

GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M.W. (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. **Um manual prático**. Petópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, Veronica. As leis da intolerância**. Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 119, p.12-15, Agosto de 2015.

GONDIM, Sônia Maria G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia.** Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUSMÃO, Luis Augusto Sarmento Cavalcanti de. Um elogio do conhecimento de senso comum na investigação social. **Revista Escritos**. Ano 1, vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALPERIN, David M. How to Do The History of Male Homosexuality. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**. Volume 6, n. 1: 87-123, 2000. Disponível em: <http://www-bcf.usc.edu/~bitel/documents/Halperin.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2016.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**. Vol. 22, 2004. Disponível em < www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf >. Acesso em 08 Agosto de 2016.

HEILBORN, M. L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: **O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias de Jovens Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Garamond, 2006.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, Cristiane S.; BOZON, Michel. Valores sobre Sexualidade e Elenco de Práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: **O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias de Jovens Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Garamond, 2006.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JUNQUEIRA, Lília. A noção de representação social na sociologia contemporânea. **Estudos de Sociologia.** Araraquara, 18/19, 145-161, 2005. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/119>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

KONDER, Leandro. **As artes da palavra. Elementos para uma poética marxista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LAMAS, Marta. Usos, Dificultades y Posibilidades de la Categoria "Género". **Papeles de Población.** N. 021. Universidad Autónoma del Estado de México. Toluca, México, jul-set, 1999, p. 147-178.

LANG, Daniel W. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, vol. 02, p. 460-482, 2001.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LÓPEZ, Camila R. Problemas de genre/gender en objetos de la cultura masiva: el género yaoi – shounen ai desde una perspectiva interdisciplinar. CONGRESSO INTERDISCIPLINAR SOBRE GÊNERO E SOCIEDADE, 2., 2012. **Anais...** Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 2012. Disponível em: http://publicaciones.ffyh.unc.edu.ar/index.php/2congresogeneroysociedad/article/view/871

LOURO, Guacira Lopes. **A necessidade da subversão: a teoria queer na educação**. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 2, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 305-323, janeiro-abril/2006.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 111-130.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. No olho do furacão: situações-limite na narrativa juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 121-142.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária: Prosa**. São Paulo, Cultrix, 1985.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MELLO, Ricardo Pimentel et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia Social**, Porto Alegre, vol. 19, n. 3, p. 26-32, Dec. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

MELO, Marcia Cristina Henares de; CRUZ, Gilmar de Carvalho Cruz. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Revista Imagens da Educação**, vol. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

MENDES, Josué de Sousa. **Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária**. UnB, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1276/1/TESE_2008_JosueSousaMendes.pdf>. Acesso em 20 de Agosto de 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Marxismo Ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 92-93, 98-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: JOVCHELOVITCH, S. & GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOORE, Henrietta: Compreendendo Sexo e Gênero. In: T. INGOLD (org.) **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Tradução de Júlio Assis Simões. London, Routledge, 1997.

NASCIMENTO Natanael do; et al. Sexualidade na Adolescência. **UNICiências**, vol.8, nº1, 2004.

NETO, Miguel Leocádio Araújo. A sociologia da literatura: origens e questionamentos. **Entrelaces**, p.15-20. Agosto de 2007. Disponível em <www.entrelaces.ufc.br/miguel.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2016.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Estudos Feministas**, vol.2, p. 09-41, 2000.

OLIVEIRA, Adriana Cazé de. **Forma Literária e a representação social: um estudo da personagem Macabéa no romance "A hora da estrela" de Clarice Linspector**. Brasília, UniCEUB, 2006.

OLIVEIRA, Fátima; WERBA, Graziela. Representações Sociais. In: JAQUES, Maria G.C. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

OMS/OPS. **La salud del adolescente y el joven em las Américas**, D.C., 1985.

ONU, **World youth report 2005: young people today, and in 2015**. United Nations publication, outubro, 2005.

ORTIZ, Renato. O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade - Mundo. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A Mulher, A Cultura, A Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Sociológica**, vol. 25, n. 105- 106, 1990.

PATRIOTA, Lucia Maria. Teoria das Representações Sociais: Contribuições para a apreensão da realidade. **Serviço Social em Revista**, vol.10, n.1, jul/dez/2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1_lucia.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Viver e lutar. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 119, p.34-39. Agosto 2015

PEELE, Thomas. Introduction: Popular Culture, Queer Culture. In: PEELE, Thomas (org.). **Queer popular culture: literature, media, film, and television**. New York: Palgrave McMillan, 2011. Introdução, p.1-8.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In: **Juventude e Contemporaneidade**. São Paulo, Revista Brasileira de Educação, ANPEd, números 5 e 6, 1997.

PIMENTA, Selma G e FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação. Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. Disponível em:< http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/860/873> Acesso em: 16 de outubro de 2016.

PORFIDO, Giovanni. Queer as Folk and the Spectacularization of Gay Identity. In: PEELE, Thomas (org.). **Queer popular culture: literature, media, film, and television**. New York: Palgrave McMillan, 2011. Cap. 4, p.57-70.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, vol. 01, p. 151-167, 2002.

RIPOLL, Daniela; SILVEIRA, Rosa Maria H.. A Temática Homossexual Na Literatura Infanto-Juvenil Atual. Género, Direitos Humanos E Ativismos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 5., 2016, **Anais...** Aveiro: 2016. Disponível em <http://estudosculturais.com/congressos/vcongresso/wp-content/uploads/2016/09/a-tem%C3%A1tica-homossexual-na-literatura-infanto-juvenil-atual.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Rev. Estud. Fem**. [online], vol.13, n.1, pp. 179-183, 2005. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100012 Acesso em 18 de junho de 2015.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A Mulher, a Cultura e a Sociedade: Uma revisão teórica. In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A Mulher, A Cultura, A Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo**. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex. Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carole. (ed.) **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**. Tradução de Júlio Assis Simões. Boston/London: Routledge & Kegan Paul, 1984.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, p. 9-21, 2001. Disponível em <www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, janeiro-abril/2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SEFTON, Ana Paula. Sexualidade para além da heterossexualidade: representações de homossexualidade na literatura infanto-juvenil. **Textura**, Canoas, n.24, p.52-74, jul./dez. 2011.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. vol.36. n.1, p.61-71. Maringá, Jan-Mar, 2014.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura infanto‑juvenil e a homossexualidade. **Revista Socio-Poética "O Uno e o Diverso"**, vol. 2, p.121‑128, Universidade Estadual da Paraíba 2007.

SILVA, Antonio Ozaí da. Um olhar sobre a Literatura: reflexões acerca da sua contribuição político-pedagógica. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 91, dezembro de 2008. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/091/91ozai.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

SILVA, Carla R.; LOPES, Roseli E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, vol.17, p. 87-106, São Carlos, Jul-Dez 2009.

SILVA, Leandro Soares da. **A Ficção Do Eu E O Outro Na Literatura Da Homossexualidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-A7MQ2A/tese_final___leandro.pdf> Acesso em 20 de novembro de 2016.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários nº 46, p. 219-242, 2013. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/diversa1.pdf>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

SINGER, Paul. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 27-35.

SOPER, Kate. El postmodernismo y sus malestares. In: **Debate Feminista**, n.5, março de 1992.

SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: Spink, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93-122.

SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. A pesquisa como prática discursiva. In: Spink, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 63-92.

STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. 288 páginas.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade?. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, n. 20, p. 101-119, 1991.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Género, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico**, Volume 95, RJ: Tempo Brasileiro, 1996.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si – Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995, 264 p.

VIANA, Nildo. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Baurú: Edusc, 2008.

VIEIRA, Rita V. **Sexualidade na Adolescência: Implementação de um programa de Orientação para Alunos com Défice Intelectual**. Porto, 2015.

ZIBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1982.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE LEITURA DE O AMOR NÃO ESCOLHE SEXO**

1. A história se passa nos anos 90. Você acha que seria diferente hoje em dia? Por quê?
2. Você se identifica com algum personagem? Por quê?
3. Os pais do personagem principal são bastante diferentes entre si. Com qual deles você acha que seus pais se identificariam mais? Por quê?
4. Em geral, gostou da leitura? Ela contribuiu com algo na sua formação? Por quê?
5. Você mudaria algo na história ou nos personagens? Se sim, o quê?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE LEITURA DE À PROCURA DO ENCONTRO**

1. Quais são os personagens principais?
2. Você se identifica com algum? Por quê?
3. Qual o assunto principal do livro?
4. É possível perceber argumentos centrais que a autora defende ao longo do texto. Quais são esses argumentos?
5. Em geral, gostou da leitura? Ele contribuiu com algo na sua formação? Por quê?
6. Você mudaria algo na história ou nos personagens? Se sim, o quê?
7. Tendo em vista que o livro foi publicado em 2000, você acha que a história seria diferente hoje? Por quê?

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE LEITURA DE A GAROTA DA CASA GRANDE**

1. A história se passa em uma cidade pequena. Você acha que seria diferente em uma cidade maior? Por quê?
2. Você se identifica com algum personagem? Por quê?
3. Quais assuntos são discutidos no texto?
4. Em geral, gostou da leitura? Ela contribuiu com algo na sua formação? Por quê?
5. Você mudaria algo na história ou nos personagens? Se sim, o quê?